



Desculpas não bastam

Camila Sampaio

Pelo espírito Ronaldo

Alcoolismo e Espiritualidade – uma história sobre como as vidas passadas afetam a vida do alcoólico e sua família

Felipe era jovem, bonito, rico, tinha uma vida com tudo o que poderia sonhar – mas era refém do vício da bebida. A partir do primeiro gole, tudo se transformou em um inferno.

Depois de muito sofrimento, ele busca a ajuda de dona Eulália. Mariana, agora já recuperada e treinada, será a médium que irá atendê-lo.

Desta vez, cinco vidas passadas e um grupo considerável de obsessores precisam de ajuda. E a equipe de Apometria de dona Eulália irá trabalhar de forma incansável até resolver a questão.

O Alcoolismo atinge 600 milhões de pessoas no mundo, além de causar acidentes, atos de violência e devastar a vida de familiares e amigos. Neste segundo volume, o espírito Ronaldo continua a história de *O Amor Nunca morre*, explicando mais sobre como a Apometria pode auxiliar no tratamento espiritual.

Desculpas não bastam: é hora de entender o que está por trás dessa grande questão social, para que a Espiritualidade possa envolver todos os alcoólicos e suas famílias na sua luz redentora!



Camila Sampaio nasceu em 1979, em São Paulo.

Seu primeiro contato com a espiritualidade foi através da sua família materna. Sua avó Edith e sua mãe Alice eram médiuns psicofônicas ativas.

Na juventude a mediunidade de Camila começou a se desenvolver, até se atingir a sua plenitude: ela é clarividente, clariaudiente, médium psicofônica, doutrinadora e atua com psicografia.

Hoje Camila coordena o Grupo Apométrico Luz do Senhor (GALU), que atende de forma virtual.

É terapeuta de vidas passadas, formada em História e Psicologia. Nessa parceria com Ronaldo, é uma das primeiras terapeutas de vidas passadas do mundo a psicografar romances, o que possibilita à Espiritualidade que ela seja um instrumento para trazer a público conhecimentos sobre vidas passadas, História, auto-obsessão, obsessão, atuação de grupos socorristas e mecanismos de nosso funcionamento psíquico.

O Amor nunca morre é seu romance de estréia. É autora de dois livros sobre Terapia de Vidas Passadas: “O Fio de Ariadne – Abordagens da Terapia de Vidas Passadas” (2008) e “Era uma vez – Terapia de Vidas Passadas com crianças” (2009).

Atualmente atende à distância e reside em Campos do Jordão.

Para Grilo

Índice

Prólogo	7
Capítulo 1 – Primeiro trabalho	11
Capítulo 2 – Mariana na ativa	17
Capítulo 3 – Ensinaamentos de Dona Eulália	23
Capítulo 4 – Felipe	29
Capítulo 5 – Luta contra si mesmo	34
Capítulo 6 – Quero sair daqui	39
Capítulo 7 – É mais forte que eu	45
Capítulo 8 – Descrença	49
Capítulo 9 – Solidão	54
Capítulo 10 – Como ver quem mais amo sofrendo?	58
Capítulo 11 – Lídia não sabe o que fazer	62
Capítulo 12 – Agressão	66
Capítulo 13 – Choro	72
Capítulo 14 – Perdão	77
Capítulo 15 – Filhos que são pais	82
Capítulo 16 – Na sarjeta	87
Capítulo 17 – Começo do socorro	92
Capítulo 18 – No vale	97
Capítulo 19 – Xamã	101
Capítulo 20 – Prisioneiro da tribo	104
Capítulo 21 – Equipe em ação	107
Capítulo 22 – Xerowe	110
Capítulo 23 – Sofia ajuda	115
Capítulo 24 – Amor X Ódio	121
Capítulo 25 – Carla e sua ambição	126
Capítulo 26 – Jogo de interesses	130
Capítulo 27 – Impacto	134
Capítulo 28 – Miasmas	136
Capítulo 29 – Só alivia um pouco	140
Capítulo 30 – Querer não é poder	143
Capítulo 31 – Liberdade?	146
Capítulo 32 – Sarjeta de novo – ou pela primeira vez	150
Capítulo 33 – Ridicularização	153
Capítulo 34 – Carla e Kiowa	156
Capítulo 35 – Peter se rebela	159
Capítulo 36 – Dona Eulália é peça-chave	162
Capítulo 37 – Ciça intervém	166

Capítulo 38 – Lídia em conflito	170
Capítulo 39 – Enfim sós	175
Capítulo 40 – Hora da ação	180
Capítulo 41 – A união faz a força	185
Capítulo 42 – Não podemos perdê-lo!	190
Capítulo 43 – Implantes	195
Capítulo 44 – Ajuda de Pedro	200
Capítulo 45 – Persevere!	205
Capítulo 46 – Luta	208
Capítulo 47 – Segunda vez	212
Capítulo 48 – Lídia se reanima	215
Capítulo 49 – Colo de pai	219
Capítulo 50 – Vitória	222
Nota da médium	225

Prólogo

Ronaldo se fez presente em minha vida de várias formas, além de nosso trabalho com psicografia. Sempre que necessário, ele vinha na minha mente para termos uma conversa. Eu raramente conseguia vê-lo com nitidez, era mais um contato astral.

Mas naquele dia, da forma mais inusitada possível, ele resolveu andar de avião comigo, na poltrona vazia ao meu lado. Eu ainda morava em Alto Paraíso de Goiás: isso foi em 2010, então eu fazia o trajeto São Paulo – Brasília quinzenalmente.

Percebendo meu susto, ele me tranquilizou:

- Não se preocupe, vou conversar com você mentalmente e ninguém irá achar que você é louca. Responda da mesma forma, que consigo te ouvir.

- Que gostoso poder falar com você assim!

- Também acho, minha querida. Vim pessoalmente porque vou te passar informações importantes que irão nortear todo o nosso trabalho futuro.

- Quer que eu anote?

- Não precisa, você irá se lembrar. E na hora certa irei te ditar novamente essa conversa.

- Tudo bem. No que eu posso ajudar?

- Como eu já te disse, faremos sete livros juntos. Hoje terminamos *O Amor nunca morre*. Você terá dificuldades com ele, maiores do que nós prevíamos. Lembra que te falei desde o início qual editora procurar, não?

- Lembro, claro. Eles acabaram de aceitar!

- Mas eles não seguirão adiante. O tema Apometria ainda é bastante novo para muitos encarnados, e as trevas se aproveitam disso. Conversei

longamente com Dona Eulália esses dias, conforme fomos observando o que estava acontecendo. Decidimos que é melhor liberar a obra via internet, a comunicação que vocês, encarnados, usam. Assim ela atingirá o máximo de pessoas possível. Espere que eu confirme isso com você. Se a situação se definir assim, eu te informarei. E, claro, futuramente isso pode ser revisto, caso alguma editora te procure ao notar a popularidade dos livros. Mas não foi apenas sobre isso que vim falar.

- Sobre o que mais?

- *O Amor nunca morre* não é só uma história. Todos os personagens são reais. Mariana, Ciça, Carlos, os meninos, dona Eulália, todos eles existem. Não daquela forma: esse foi o nome que tiveram em sua última vida. Atualmente, eles estão desencarnados.

- Por isso eu sentia tanta proximidade com eles! E tanto medo de Athor...

- De fato.

- Mas por que foi colocado no livro como se eles estivessem encarnados agora?

- Para facilitar a compreensão das pessoas. As próximas histórias continuarão com essa simulação. Nem todos estão familiarizados com o conceito de colônia espiritual, e é parte do objetivo das obras tratar de tudo dentro do dia a dia normal de vocês, com questões que assolam qualquer pessoa. Se assim não fosse nos desviaríamos de nosso objetivo, pois eu teria que ficar explicando e descrevendo como funciona a vida nas colônias, o que não é o nosso foco.

- Entendi. E dona Eulália, o grupo, tudo existe?

- Sim, todos eles existem. O Grupo Apométrico Luz do Senhor existe, somos todos trabalhadores dele. Inclusive você!

- Que máximo!

- Estou te contando tudo isso pelo seguinte: será sua tarefa a partir de hoje trazer esse grupo para a Terra. Existem 40 encarnados que irão compor a sua equipe. Eles virão em duas etapas: a primeira será espontânea. A segunda acontecerá através do livro. Quando lerem, eles sentirão uma saudade indefinida, uma sensação de já conhecerem tudo aquilo, e irão te procurar.

- Nossa, serei dirigente de novo. É uma responsabilidade enorme...

- É, mas estaremos ao seu lado o tempo todo. O grupo anterior envolvia muitas provas kármicas para você. Esse será uma tarefa de amor, voluntária, no qual sua única função será coordenar. O restante será harmonizado por nós, em parceria. Nem todos que vierem inicialmente ficarão, aos poucos a equipe irá se definir. Dona Eulália será a dirigente espiritual do grupo.

- Quando eu começo?

- Quando chegar em casa. Crie material e os chame. Eles virão muito mais rápido do que você pensa!

E, de fato, uma semana depois o grupo já estava montado. Semanas depois dei a primeira aula para eles. E atualmente estou recebendo a segunda turma, que realmente está sendo trazida pelo primeiro livro.

Nunca precisei de provas para acreditar na espiritualidade, sempre confiei que aconteceria o melhor. E é exatamente o que está acontecendo. Tenho recebido comentários do mundo inteiro sobre *O Amor nunca morre*, sobre pessoas que buscaram a espiritualidade através dele, ou compreenderam melhor a auto-obsessão. Até casos de pessoas que pensavam em suicídio e desistiram com a leitura. É a maior alegria que eu poderia ter!

Hoje se inicia minha segunda tarefa. *Desculpas não bastam* falará sobre um grupo que precisa de muita ajuda – os dependentes de álcool. É um grupo com mais suporte entre os encarnados do que os suicidas, mas que também requer muitos cuidados. Nem todos entendem que o Alcoolismo é uma doença.

Mariana, já agora médium formada, irá iniciar sua tarefa atendendo Felipe, um jovem mergulhado no vício da bebida.

Como os livros são sequência um do outro, recomendo a leitura prévia de *O amor nunca morre*.

Vamos assistir como será essa tarefa para Mari, que já se tornou uma grande amiga para mim!

Camila Sampaio

Verão de 2011

Capítulo 1

Primeiro trabalho

Dona Eulália estava com pressa naquela manhã. Precisava voltar logo para casa e se preparar para a reunião semanal com os mentores do Grupo Apométrico Luz do Senhor. A pauta do dia era importante e ela simplesmente não fazia a menor ideia de como aquilo seria resolvido.

- O que direi a Felipe? É muita responsabilidade! E eu que pensei que já tinha visto de tudo com aquele último suicida que atendemos semana passada... – ela refletiu.

Mas não adiantava ter medo. Ela sabia que tinha de confiar piamente no amparo da espiritualidade para conseguir vencer as batalhas diárias de dirigente.

- Eles sempre sabem como resolver as coisas. Basta eu fazer a minha parte – ela disse a si mesma, confiante.

Chegada a hora, Agenor e Sofia se aproximaram.

- Olá, Eulália, viemos discutir o caso de Felipe.

- Bom dia! Mas não entendo... Por que não mandaram o chefe dos trabalhos da casa?

- Porque Mariana será a médium responsável. Tenho assessorado Sofia, mentora dela, a prepará-la para a tarefa.

- Mariana já está pronta?

- Sim, está. Já tem prática suficiente, graças a sua amorosa orientação.

- Quem diria, de suicida a trabalhadora!

- Pois é. Bom seria se todas as casas acolhessem com o mesmo carinho as pessoas que tiveram problemas com suicídio. Nem sempre é assim. Mas enfim, no caso de Mariana, isso é passado.

- É verdade. Ela e Carlos estão tão felizes que nem parece que passaram por aquele pesadelo todo.

- Pois é, Eulália, agora é hora de acabarmos com o pesadelo de Felipe. Mais uma vez, sua participação será fundamental para resolver a questão.

- Eu estou envolvida karmicamente?

- Desta vez não. Mas estudar o caso dele a fundo auxiliará no seu trabalho de dirigente. Infelizmente, o alcoolismo é um mal que atinge nossa sociedade profundamente. Temos milhões de viciados em álcool em todos os países, precisando de ajuda. Felipe é o caso mais severo que você já cuidou, mas ainda receberá muitos como ele, ou ainda piores.

- Chega a ser uma forma de suicídio, não?

- Chega sim, ainda mais no grau em que ele se encontra. Justamente por isso Mariana é a médium mais indicada para ajudar e foi a escolhida, apesar de você ter pessoal mais experiente na equipe.

- E o que terei de fazer? Estou às ordens!

- Lembra-se de tudo que Felipe contou sobre a história pessoal dele?

- Lembro sim, como se fosse hoje. Ele está na casa já faz quase um ano, recebendo ajuda com palestras e passes, mas nunca quis passar pela Apometria. Eu só mantive o atendimento dele por caridade, já que nem somos especialistas nisso.

- Pois foi uma intuição mandada por nós. No último ano, você cuidou de toda a parte ligada à obsessão. Milhares de entidades bêbadas atraídas a ele pelo vício foram retiradas. Nesse sentido Felipe já é um trabalhador, pois sozinho ajudou a muitos.

- Por que ele demorou tanto tempo para aceitar ajuda apométrica, finalmente?

- Ele não estava em condição de aceitar antes, e você entenderá melhor ao examinar o passado encarnatório do rapaz. A maior característica das vidas que serão tratadas é o orgulho e a arrogância.

- Serão muitas vidas?

- Não, apenas uma a mais que Mariana. O total, no caso dele, é de cinco vidas.

- Devem ser bem teimosas e poderosas, para fazerem tamanho estrago...

- Sim, são. Algo no nível de Athor. Aliás, ele está tão bem depois de ter sido tratado por vocês! Já foi devidamente reatado em Mariana, com sucesso.

Eulália sorriu satisfeita, passando a concentrar-se em Felipe. Andando de um lado para outro, ela pensou em voz alta:

- Ok, cinco vidas. Não será tão dramático assim.

- É justamente para prepará-la nesse sentido que vim. Será dramático sim, pois Felipe não tem o suporte familiar que Mariana tinha. Você realmente terá que ser bastante ativa.

- Nossa, que coisa triste...

- Nesse momento, só é preciso que você se concentre em lembrar todos os detalhes da história dele, para que saiba atuar com bastante precisão quando for doutriná-lo. Você pode trabalhar nisso nos próximos dias?

- Claro, posso sim. Se tiver dúvidas, posso perguntar a ele?

- Pode, será positivo. Obrigado, Eulália, tenha um bom dia. Infelizmente temos de ir, tenho várias tarefas me aguardando.

- Obrigada, Agenor! Tchau, Sofia!

Os dois mentores partiram volitando, de mãos dadas. Naquele dia Sofia permaneceu quieta, sem intervir, apenas com seu semblante preocupado. Quando chegaram à colônia, ela logo passou a compartilhar com seu orientador o que a afligia:

- Ai, Agenor, eu sei que estou sendo superprotetora... Mas estou tão preocupada com Mariana! Depois de tudo pelo que ela passou, agora que ela está tendo um período de paz e sossego, vai começar tudo de novo!

- Desta vez ela estará protegida, Sofia. Está fazendo parte de um grupo socorrista e já tem sua mediunidade treinada e educada, graças a todo o trabalho que foi feito nos últimos dois anos. Felipe estava designado para ser atendido por ela há tempos.

- Eu sei, eu sei, é bobagem minha. Mas só quero ver Mari feliz.

- Pois isso ela está, e muito. Se não acredita em mim, vá lá ver por si mesma.

- Ai, eu vou mesmo. Saudade deles!

Vendo o sorriso tranquilo de Agenor, Sofia foi se acalmando. Já assistira à intervenção benéfica dele em milhares de casos. Se ele estava dizendo que Mariana daria conta, sabia o que estava fazendo. Mais uma vez, seria um aprendizado para Sofia assistir e esperar pela atuação do Bem.

Volitando até a casa de Mariana e Carlos, logo ao chegar Sofia viu Ciça entrando com seu bebê no colo.

- Eba! Ciça, Melissa, vocês chegaram! – Mari festejou.

Era hora do tradicional lanche da tarde das amigas. E agora que Ciça era mãe, ficava ainda mais gostoso trocar as receitas e fofocas de comadre.

- Quem diria, Ciça! Você aprendeu a cozinhar!

- Menina, você viu só o que meu marido fez comigo? Estou me descobrindo, nunca pensei que seria capaz. A Melissa também tem dado muito estímulo, pois fica olhando tudo, curiosa.

- Eu sempre soube que você seria uma mãe maravilhosa. E minha afilhadinha, como vai?

- Linda, né? Eu babo pela minha filha!

- Ela tem os seus olhos. E já vi que vai ser tagarela como a mãe!

Ciça sorriu satisfeita. Melissa era a realização de seus sonhos e ela nunca cansava de admirar a menina.

- Como tem sido com a dona Eulália?

- Maravilhoso, já tenho feito vários trabalhos com a equipe. Ela me avisou que em breve vou começar a receber mais tarefas, de uma forma específica. Mal acredito!

- Ah, graças a Deus toda aquela confusão é coisa do passado. Agora é tempo de alegrias! Como vão as aulas com as crianças nas escolas?

- Maravilhosas! Este ano estou sendo realmente abençoada. Recebi crianças fofíssimas e colaborativas, não tenho nenhum problema com nenhuma classe!

- Que coisa boa, amiga. Os eventos também vão de vento em popa, agora que estou trabalhando junto com o Fernando. O meu rendimento e o dele dobraram!

- Maravilha mesmo. Sabe, eu ando sentindo a Sofia mais próxima do que de costume. Sinto até que ela está aqui agora. Por que será que ela está tão presente?

- Deve ser saudade!

- Deve sim, também tenho sempre saudade dela. Mas sinto que tem algo mais em jogo. O que será?

Sofia sorriu encabulada. Mariana estava quase conseguindo vê-la: a clarividência estava em pleno desenvolvimento e fazia parte de sua tarefa socorrista.

- Estou tão acostumada a cuidar dela de forma anônima, que esqueço que agora posso ser notada – Sofia pensou. Mas tudo bem, é importante que ela saiba que algo vai acontecer, assim estará mais preparada. Que Deus a proteja!

Capítulo 2

Mariana na ativa

Saindo de casa em um lindo dia ensolarado, Mariana foi andando pela rua, aproveitando para fazer um pouco de exercício físico. Normalmente isso era feito junto com Carlos, mas como ele estava viajando a trabalho, ela resolveu caminhar sozinha.

Estava sendo uma bênção trabalhar sua mediunidade. Depois que ela ingressara na equipe, tudo passou a se harmonizar gradativamente em sua vida.

- Também, depois de todo aquele caos... Acho que já paguei tudo à vista! – ela pensou, animada.

Mas lá no fundo ela sentiu uma angústia indefinida, sem explicação. Como se faltasse alguma coisa. Estranhou aquele novo sentimento, já que tudo andava tão bem. O que poderia ser?

Passando pela esquina de casa, ela logo viu um boteco. Entrou, pediu uma dose de pinga e virou-a de uma vez, sem pensar. O alívio foi tamanho que ela continuou bebendo sem parar.

Quando estava na décima dose, o dono do bar resolveu intervir. Conhecia Mariana e sabia que ela não era dada a beber. Resolveu impedir que ela continuasse e a levou até em casa.

- Cruzes, seu Jorge, o que aconteceu com dona Mariana?
- Não sei, Ondina. Do nada, ela chegou lá no bar e começou a beber sem parar. Achei estranho, então resolvi trazer dona Mariana até aqui.

- Fez bem, seu Jorge, me desculpe a confusão. Deixe pegar seu dinheiro.

- Obrigado. Será que seu Carlos deve saber?

- Olha, eu nem sei o que fazer, essa situação é novidade por aqui. Vou colocar dona Mariana num banho frio e ver o que ela acha disso quando melhorar.

Mariana estava quase desmaiada e nem esboçava reação. Sofia agradecia a Deus por ter conseguido intuir seu Jorge, e estava muito agitada.

- Tá vendo, eu falei! Ela não vai ter estrutura para lidar com uma situação tão complicada!

Enquanto começava a orar, claramente ouviu a orientação: confia.

- Ai, essa vida de mentora é muito complicada. E ainda tem encarnado que reclama de falta de suporte... Mal sabem o quanto a gente se desdobra por aqui! Mas vamos lá, preciso ficar calma e ajudar. Ela vai conseguir sair dessa...

Já que Carlos chegaria naquela mesma noite da viagem, Ondina resolveu esperar e não intervir. Ela sempre fora muito discreta – mesmo naquela época difícil que eles passaram ela nunca foi de se meter.

- Briga de marido e mulher não se mete a colher, como já dizia minha mãe. Melhor deixar os dois se entenderem, como sempre aconteceu.

Mariana caiu em um sono profundo, e essa foi a oportunidade que Sofia aproveitou para energizá-la. Afinal, era tudo o que ela podia fazer naquele momento.

- Mari, querida! Você está em casa, amor?

- Papai!

- Fabrício, meu anjo! Tudo bom?
- Agora tudo... – o menino respondeu, meio sem graça.
- O que aconteceu, meu filho?
- Ah, eu acho que a mamãe voltou a passar mal, que nem antes.
- Por que você está dizendo isso, meu filho?
- Eu não sei. Ouvi uma confusão aqui em casa quando cheguei da escola, mas achei melhor esperar você chegar.
- Fez bem, meu menino. Pode deixar que o papai vai cuidar disso, tá?
- Vai ficar tudo bem, papai?
- Vai sim, meu filho. Não se preocupe com isso.

Passando a mão pelos cabelos, Carlos foi até o quarto ver o que tinha acontecido. Arregalou os olhos quando viu o estado da esposa, e nem precisou chegar muito perto para ver que ela tinha bebido, pois o cheiro era fortíssimo.

Descendo para a cozinha, Carlos foi direto perguntar o que houve.

- Ondina, o que aconteceu com Mariana?
- Ah, seu Carlos, eu tava esperando o senhor chegar para ver o que fazer.
- Mas o que aconteceu? Será possível que vai começar tudo de novo?
- Eu não sei direito não. O que sei é que seu Jorge, dono do boteco lá da esquina, veio trazer ela aqui carregada. Disse que ela tomou 10 doses de pinga sem parar.
- 10 doses?!
- Foi o que ele disse. Ela nem conseguia falar.
- Imagino! Mariana nunca bebeu na vida, imagino a bomba que essa quantidade deve ter sido no organismo dela! Por que será que ela fez isso?
- Eu não faço nem ideia, seu Carlos. Dona Mariana nunca foi disso, e que eu saiba nunca reagiu assim.
- Pois eu vou descobrir!

Já tinha virado quase um hábito familiar: quando algo inexplicável acontecia, era hora de ligar para dona Eulália.

- Boa noite, dona Eulália.

- Como vai, Carlos! Quanto tempo!

- Pois é, estou mesmo com saudades da senhora. Precisamos continuar nossos encontros particulares para estudo.

- É verdade. Assim que puder, me avise. Você é um ótimo aluno, já aprendeu quase tudo.

- Então me ajude mais uma vez, pois estou encafifado com uma coisa que aconteceu hoje.

- No que puder, cá estou.

- Mariana foi a um boteco e bebeu até cair. Tomou dez doses de pinga.

- Virgem santa! Assim, do nada?

- Sim. Cheguei hoje de viagem e encontrei minha esposa desacordada na cama. A senhora tem alguma ideia do que pode estar acontecendo?

Engolindo em seco, dona Eulália se lembrou da conversa que tivera com os mentores.

- Carlos, infelizmente eu sei o que é. Tem a ver com Felipe, um frequentador lá do centro. Ele irá ser atendido por Mariana, e é dependente de álcool.

- Meu Deus... Mas será que ela está pronta para essa tarefa, depois de tudo que passou?

- Eu fiquei temerosa também. E Sofia, que está aqui ao meu lado, também está bem preocupada. Mas foi explicado que faz parte da missão

dela atender esse rapaz, que é uma tarefa individual. Sofia te manda o seguinte recado: diz que estará ao lado de vocês todo o tempo, e que será necessário dar suporte a Mariana enquanto o atendimento durar. Ela acha que seria interessante contratar dona Lúcia novamente, para ficar de plantão.

- Acho que fui otimista em pensar que o pesadelo tinha acabado...

- Carlos, desta vez o impacto será bem menor, pois não estamos mais lutando com vidas passadas da própria Mariana. Então ela terá mais controle sobre si mesma. O problema é que o grande grupo que persegue Felipe, além das cinco vidas que trataremos, tentará impedir o atendimento a todo custo.

- Isso sempre acontece, dona Eulália?

- Com atendimentos grandes sim. Na Apometria é comum até que o impacto sobre o médium seja ainda maior, pois as vidas passadas interferem frontalmente. E quanto mais estudamos, mais estamos nos expondo às trevas, pois temos maior conhecimento de sua atuação e somos perseguidos com mais eficácia e persistência.

- Então o médium de Apometria tem de ser muito corajoso!

- Tem, mas também tem de ter fé e entender que, da mesma forma que é atacado, é também protegido. Nesse sentido, é fundamental que trate suas vidas passadas antes de começar a atender o público. Faço isso com toda a minha equipe. Afinal, as brechas internas estarão mais fechadas e será mais fácil trabalhar com as questões dos outros.

- É, é um trabalho bem complexo!

- Mas bonito demais. Já vi tantas vidas se refazerem... E agora iremos assistir ao renascimento de Felipe, um jovem que precisa muito de ajuda.

- Bom, o que posso fazer então?

- Explique tudo a Mariana, e peça para ela não chegar nem perto de bebida por enquanto. Ela estará em um momento frágil, sujeita à atuação das trevas.

- Tudo bem, vou avisá-la. Obrigada pela ajuda, dona Eulália!

Mais aliviado, Carlos desligou o telefone e preparou-se para mais essa empreitada.

Capítulo 3

Ensinamentos de dona Eulália

Assim que acordou, sentindo um gosto horrível na boca, Mariana logo procurou alguém em casa para entender o que estava acontecendo. Tudo que lembrava era que tinha saído para caminhar, mas ela tinha olhado o relógio digital e viu que já estava no dia seguinte. Como assim?

Carlos estava na cozinha, esperando ela chegar.

- Meu amor, você já voltou! Que bom!

Olhando sério para ela, Carlos deixou claro que algo importante tinha acontecido.

- Oi, querida – ele respondeu, de cara fechada.

- O que aconteceu? Por que você está assim bravo?

- Não é possível que você não se lembre de nada.

- Não, não me lembro. O que aconteceu? Por que estou com esse gosto horrível na boca?

Carlos deu um longo suspiro, vendo que a situação era pior do que ele pensava em termos de obsessão. Explicou à esposa o que aconteceu na véspera, seu comportamento, a aflição de todos e tudo que Dona Eulália tinha falado.

- Entende agora, querida?

- Nossa, Carlos, se não fosse você me contando eu nem acreditaria. Eu, bebendo em boteco? E ainda por cima dez doses de pinga? Credo!

- Pelo visto devemos estar lidando com espíritos bem inteligentes, para conseguirem te driblar desse jeito.

- Ah, Carlos, se é assim, vou tomar as providências agora mesmo. Vou ligar para dona Eulália e ver se ela pode me receber, para entender com detalhes como devo lidar com isso. Quer ir comigo?

- Claro! E por algum acaso eu perderia uma aula de dona Eulália? Além disso, não posso mais deixar você sozinha, infelizmente. Já falei com dona Lúcia, ela começa amanhã a trabalhar com a gente.

- Acho bom. Dessa vez não vou dar uma de super mulher, não. Depois de tudo que passei, aprendi da pior forma que existem situações realmente acima de nosso controle. Se puder contar com dona Lúcia para me ajudar, fantástico.

Quinze minutos depois, Mariana apareceu com a bolsa na mão.

- Já marquei tudo, ela está aguardando a gente na casa dela. Vamos?

- Que bom recebê-los, meus amigos!

- Dona Eulália, obrigada por ser tão companheira – disse Carlos.

- Sempre que tenho tempo e oportunidade para isso, é um prazer!

- Eu fiquei muito assustada com o que aconteceu, por isso resolvi vir rápido, antes que um novo pesadelo comece – confessou Mariana.

- Fico muito feliz, minha querida. Como já informei ao Carlos, realmente estaremos lidando com um caso mais difícil do que o habitual. Será sua primeira tarefa mediúnica individual.

- Essa parte que não entendi direito: a partir do momento que faço parte do grupo, as minhas tarefas não são coletivas?

- Sim, claro. Mas na Apometria estudamos muito a questão das frequências vibratórias. Isso quer dizer que, no decorrer da nossa evolução, vamos tendo uma série de experiências, e cada um de nós passa a vibrar de uma determinada forma. Ou seja: apesar de estarmos todos encarnados,

quando nos desdobramos para fazer o atendimento cada um de nós terá facilidade em acessar uma frequência específica.

- Como se a gente fosse antena de rádio?

- Exatamente. Todos podem entrar na mesma frequência juntos se isso for modulado pelo dirigente, mas a tendência natural é que cada um acesse uma frequência específica. Isso explica por que, quando vamos fazer um atendimento, cada médium visualiza uma situação diferente. Todas elas são válidas e fazem parte da mesma pessoa, o que vai direcionar qual situação virá será a facilidade de acesso do médium.

- E onde entra a parte da frequência individual?

- Como o trabalho apométrico é bem específico, é comum que ele já seja previsto na proposta encarnatória de cada um – o momento antes de encarnarmos, quando são definidas em linhas gerais quais serão nossas tarefas. É comum que sejam designadas nesse momento, quando se está discutindo a tarefa mediúnica, as pessoas que serão atendidas por esse determinado médium, de acordo com o tipo de frequência individual a que ele terá acesso.

- Isso quer dizer então que um médium experiente terá centenas de pessoas a cuidado dele antes mesmo de encarnar?

- Sim. Quanto maior a tarefa mediúnica, maior será esse número de pessoas designadas. Terapeutas também funcionam assim: seus futuros pacientes já estarão todos pré-designados e aparecerão no momento certo.

- Mas e se o atendido resolver não vir? – perguntou Carlos.

- Ele tem esse direito pelo seu livre arbítrio. Mas tudo será feito pelos amigos astrais para que ele venha. É exatamente o que está acontecendo no caso de Felipe. E isso também explica por que Mariana sofreu um ataque tão forte: foi uma forma de chamar sua atenção para a necessidade de ajudar Felipe. A cada atendido que chega por causa dessa questão da

frequência individual, o médium também é tratado. É como se ele cumprisse uma etapa importante da sua evolução.

- Entendi. Bom, e o que eu devo fazer agora?

- Deve tomar muito cuidado para que ataques como aquele não aconteçam mais. O grupo que persegue Felipe é enorme. Quando ele chegou, ano passado, havia média de duas mil entidades atrás dele. Depois de um ano de tratamento, conseguimos reduzir esse número para quinhentas. E agora, conforme conseguirmos que ele aceite ajuda, teremos de tratar as cinco vidas passadas que estão por trás disso.

- Coitado, ele ainda tem uma a mais do que eu tinha...

- Pois é, imagine como o rapaz se sente. A pior parte, segundo os mentores, é que ele não tem suporte familiar adequado, como você.

- Agora que entendi tudo, pode contar comigo, dona Eulália. Já vesti a camisa pelo rapaz. Ele realmente precisa de ajuda, será um prazer colaborar.

- Que bom, minha filha. Bem imaginei que você não jogaria fora todo o treinamento que passou, que faria bom uso da faculdade de ajudar ao próximo. Sem dúvida Felipe precisa muito. Na verdade, muitos médiuns maravilhosos abandonam o trabalho com Apometria quando começam a atender, assustados por estarem passando mal fisicamente. Se eles fossem buscar a causa verdadeira disso, como você está fazendo, evitariam muitos dissabores futuros.

- E como eu posso me cuidar, exatamente, para evitar um vexame daqueles?

- Olha, como você ainda está um pouco fragilizada por causa de todo o processo que passou, seria interessante aceitar cuidados especiais até acabarmos esse atendimento. Claro, com o tempo você irá criar suas defesas naturais e não precisará ser seguida o tempo todo. Mas, no momento, considere-se uma criança espiritual, que precisa de babá.

- Ainda bem que tenho ajuda, que dona Lúcia vai voltar. Fiquei com tanto medo!

- Infelizmente, lidar com grupos grandes assim não é nada fácil. Mas desta vez você terá mais facilidade, já que não é usuária de álcool. Se fosse, a tarefa seria bem mais complicada.

- Estudar ajuda?

- Sim. Procure a bibliografia sobre álcool, especialmente os trabalhos de entidades como o AA (Alcoólicos Anônimos) e Al-Anon (a instituição para os familiares e amigos de alcoólicos). Visitar uma boa clínica também ajuda. É importante que tanto você quanto os espíritos que acompanham Felipe tenham entendimento das consequências do abuso do álcool, do que acontece quando ele se torna uma doença.

- Deve ser duro, porque é uma coisa tão aceita socialmente...

- Sim. E o alcoólico recuperado sofre bastante, precisa aprender muita disciplina e força de vontade. Assim como o ex-fumante, ele tem de se acostumar a ter o objeto de seu desejo ali, na sua frente, sem poder fazer nada. Mas um dos aprendizados dele durante a encarnação é esse, pois no astral o vício tem mais que o dobro do poder. O corpo, nesse sentido, é como uma prisão, uma camisa de força. Aprendendo a controlar os impulsos enquanto encarnado, haverá muito mais facilidade para resolver tudo e sair dessa frequência depois de desencarnado.

- Só mais uma pergunta, dona Eulália: se eu não sou viciada em álcool, porque Felipe está na minha frequência de atendimento?

- Porque vocês têm um vínculo de passado.

- Em uma das quatro vidas que conheci?

- Não, desta vez é um vínculo positivo. Mas Sofia disse que na hora certa você saberá.

- Ah, tudo bem então.

- Agora estou dedicada a uma tarefa que será mais agradável e proveitosa se for feita em conjunto com vocês. Vocês teriam mais um pouco de tempo?

- Claro!

- Ótimo: os mentores me pediram para recordar toda a história que Felipe me contou no decorrer desse ano. Como já estou quase terminando o relatório, deixem-me compartilhá-lo com vocês, assim já poderão conhecê-lo melhor.

- Um rapaz tão novo... E eu que pensava que tinha problemas! – exclamou Mariana.

- É assim mesmo, minha filha: quando resolvemos as nossas questões, estamos mais aptos a cuidar dos outros. Por isso é sempre importante colaborarmos ativamente com a Espiritualidade, para que cada vez mais as pessoas possam encontrar a felicidade – que é sim coisa deste mundo quando a buscamos com afincos e trazemos alegria às pessoas.

Carlos sorriu. Não se cansava de admirar a dedicação de dona Eulália ao próximo. Era contagiante!

Capítulo 4

Felipe

Um ano antes, dona Eulália estava chegando para mais uma noite de trabalho no Grupo Apométrico Luz do Senhor. Logo estranhou quando viu um vulto deitado na porta da casa. Meio assustada, achando que poderia ser algum assalto, aproximou-se devagar.

- Olá...

- Oi, senhora... – ele mal conseguia falar, de tão bêbado. – É aqui que se pede ajuda?

- É sim, meu filho. Você quer ajuda?

- Quero. Não aguento mais beber. Não aguento mais sentir vontade.

- Então está bem. Posso te levar para dentro e te dar um banho, uma roupa nova?

O rapaz nem teve forças para aceitar, já caiu desmaiado no colo dela. Condoída com a situação, Eulália esperou um tempo com ele no colo, penteando seu cabelo com os dedos. Logo chegaram mais pessoas, e homens fortes puderam ajudá-la a levantar o rapaz.

Totalmente desacordado, ele foi levado para dentro. Deram-lhe um bom banho e aproveitaram algumas roupas de doação para vesti-lo.

Na carteira dele, Eulália encontrou seu nome e telefone. Nos documentos, viu que ele tinha apenas 23 anos. Resolveu entrar em contato com a família, para avisar que ele estava ali.

- É da casa de Felipe Barros de Alencar?

- Sim, quem quer saber dessa vez? A polícia ou o IML?

- Nenhum dos dois, felizmente. O senhor é pai dele?

- Infelizmente sim. Quem fala?

- Meu nome é Eulália, sou dirigente de um grupo espírita.

- Ih, lá vem mais um. Já vou facilitar as coisas para a senhora: Felipe não é nenhum pobre coitado. Ele é rico e tem de tudo, do bom e do melhor. Foi criado com todo o carinho e amor que dois pais poderiam dar a ele. Mas se viciou em álcool há cinco anos, e por mais que eu tente ajudar, ele não colabora. Já o internei em clínicas dez vezes, já contratei todo tipo de terapeuta, já fiz de tudo. Agora, decidi que não tenho mais filho. Porque senão, quem vai sofrer o resto da vida sou eu.

- Mas...

- E já aviso: a senhora vai cuidar dele, vai dar todo o carinho, e daqui a cinco minutos ele vai estar no boteco bebendo. E só vai procurá-la de novo para pedir dinheiro, para poder beber mais ainda. Se a senhora tiver alguma contribuição construtiva para dar, sou todo ouvidos. Do contrário, boa noite.

E desligou.

Dona Eulália nem conseguiu ficar magoada com a situação, pois sentiu na voz daquele homem o quanto ele estava sofrendo. Para um pai, aquela situação deveria de fato ser difícilima.

Assim que Felipe ficou consciente, ela optou em continuar a conversa diretamente com ele.

- Olá, Felipe, já está melhor?

- Estou. Obrigado por me ajudar.

- Eu falei há pouco com seu pai pelo telefone.

- Sinto muito. Ele foi muito grosseiro?

- Eu diria que ele foi sincero.

- É, o velho Dimas já pendurou as chuteiras quando o assunto sou eu.

Nem posso culpar meu velho, eu não tenho sido fácil. E, mesmo que eu mude, talvez ele nunca acredite.

- E você quer mudar, Felipe?

- Quero, dona Eulália. Quero sim, como nunca quis. Eu não aguento mais essa vida. E eu sou espírita, acredito que isso tudo não é só culpa minha.

- Sem dúvida não é. Temos que te fortalecer para que você tenha como reagir.

E nesse dia, realmente, Felipe estava forte e determinado. Terminou a conversa com Dona Eulália com um largo sorriso, certo de que dali em diante tudo seria resolvido.

No dia seguinte, lá estava ele caído na frente do centro. E no outro dia, e no dia depois daquele. Sempre cheirando a pinga, sempre pedindo ajuda. E dona Eulália sempre fez tudo que podia.

Um dia Ricardo, o médium mais antigo do centro, veio conversar com ela sobre isso:

- Dona Eulália, o que os mentores orientam sobre o Felipe? Essa situação já está causando problemas com os outros atendidos. Ele sempre promete mudar e não faz nada!

- Os amigos espirituais disseram que devemos continuar recebendo Felipe, pois a cada atendimento eles retiram um grupo de desencarnados. Como o grupo que o acompanha é muito grande, terá mesmo de ser aos poucos.

- Como é triste ver a situação desse rapaz! Podia ser meu filho...

- De fato, Ricardo, é muito triste.

- Quem sabe com os atendimentos seu Dimas não acaba revendo sua decisão. O garoto quer mudar: o problema é que o vício está sendo mais forte que ele, como acontece com a maioria. Eu tenho fé sim que ele pode conseguir, futuramente.

- Bom, deixa eu ir lá providenciar o banho dele. Onde ele tem dormido?

- No albergue municipal. Ele toma banho aqui, dorme e se alimenta lá, depois fica mendigando na rua para comprar mais pinga.

Ricardo suspirou, triste. Depois de um tempo, perguntou:

- E por que os donos de bar da redondeza não param de dar bebida para ele?

- Porque nem todo comerciante é consciencioso em relação a isso. Pela bebida ser o seu ganha-pão, muitos continuam vendendo. Em um mundo ideal, não teríamos bebida alcoólica, drogas ou cigarro. Mas não vivemos nesse tipo de mundo ainda, e os donos de bar também têm famílias para sustentar.

- O fato de o álcool ser socialmente aceito complica muito as coisas, não, dona Eulália?

- Principalmente o fato de a bebida ser socialmente valorizada, isso é o que mais complica. Mas vamos lá, temos que cuidar dos atendimentos de hoje.

E assim foi passando o tempo. Era muito triste assistir à degradação de Felipe, um rapaz que tinha tudo para ser o que quisesse: era bonito, rico, com várias oportunidades na vida. Mas estava se destruindo.

- Que tristeza a desse pai, dessa família... Eles nunca apareceram? – perguntou Carlos, com lágrimas nos olhos após ouvir aquele triste relato.

- Não. A única vez que falei com eles foi naquele primeiro telefonema.

- A senhora já pensou em procurá-los pessoalmente?

- Muitas vezes. Eles inclusive são espíritas. Mas, como Felipe nunca aceitou o tratamento apomérico, tive receio de chamar seu Dimas. Bem sabemos que, em casos assim, o tratamento convencional acaba não tendo

tanta eficácia quanto se buscar o que está por trás. Ele melhorou, sem dúvida, mas nunca conseguiu passar mais de um dia sem beber.

- E só a Apometria irá resolver, como foi comigo? – perguntou Mariana.

- Não, no caso dele será necessária uma intervenção física para que ele receba ajuda na parte da desintoxicação. Em todas as dez vezes nas quais foi internado, ele foi contra a vontade, sem se conscientizar sobre sua doença. Na verdade, no caso dele o vampirismo dos obsessores e das vidas passadas acontece em um grau tão extremo que ele mal consegue manter a consciência para nos ouvir. Isso é o que mais dificulta a atuação.

- E o que poderemos fazer?

- Ainda não sei. Eles me pediram para ser bem interventiva. Talvez tenham em mente montarmos algum esquema para fazer com que ele passe um tempo mínimo sem beber, a fim de que possamos pelo menos fazê-lo entender a situação em que se encontra.

- Nossa, vai ser complicado mesmo... – pensou Carlos.

- Mas para isso somos uma equipe! – sorriu Mariana.

- Assim é que se fala! Queridos, agora preciso ir. Os mentores avisaram que quando eu terminasse essa tarefa deveria procurar Felipe. É o que farei agora.

Capítulo 5

Luta contra si mesmo

Dona Eulália imaginou que seria necessário andar por lugares não muito agradáveis até encontrar Felipe. Sabia que ele costumava ficar junto com outros mendigos no centro da cidade.

Como seu objetivo era a pinga de cada dia, ele nem precisava arrecadar muito dinheiro mendigando: uns dez ou quinze reais bastavam para resolver seu problema. Por ser muito bonito, e estar com boa aparência graças aos banhos que tomava no centro espírita, rapidamente alguém ficava com dó e dava o dinheiro que ele precisava. E logo Felipe corria para o bar, salivando e tremendo, para conseguir a sua dose.

Dona Eulália chegou exatamente nesse momento: quando ele tinha conseguido o dinheiro e estava se preparando para ir ao bar. Ficou de longe observando, para entender mais sobre o mundo interno do rapaz.

- Como pode, ele é tão bonito... Poderia até trabalhar como modelo se quisesse! – refletiu dona Eulália.

Ao seu lado, logo apareceu um senhor de barba, com túnica branca e olhar triste.

- Olá, Eulália, prazer em conhecê-la. Meu nome é Sérgio, sou mentor de Felipe.

- Boa tarde, querido amigo. Que tarefa triste a sua.

- Tristíssima. Assim como você faz agora, eu observo Felipe todos os dias, sem poder impedir a atuação trevosa sobre ele. Estou muito feliz em saber que chegou a hora do seu atendimento. Mas sei que será uma missão bastante complicada fazer com que ele aceite ajuda.

- Pois é, precisaremos trabalhar em equipe. Já podemos contar com Mariana e Carlos, o que é um grande auxílio. Como está a situação com seus supervisores?

- A senhora tem carta branca para fazer o que precisar. Tem algo em mente?

- Cheguei à conclusão que preciso encontrar uma forma de quebrar o círculo vicioso em que ele se encontra. Como se trata de um rapaz culto, seria necessária uma forma de fazer com que ele ficasse sem beber pelo menos dois ou três dias para que pudesse me ouvir. Mas, pelo que pesquisei, ele entraria na síndrome de abstinência e precisaria de cuidado médico. Como posso fazer isso sem ajuda da família?

- Esse sempre foi o meu maior dilema. Felipe, claro, não me ouve por causa da bebida. O tratamento é caro e teria de haver algum responsável pela internação. Precisamos trabalhar juntos para encontrar uma saída. Na verdade, ele precisaria ficar pelo menos um mês sem beber, porque a sua abstinência será muito forte, dado o grau de dependência em que se encontra.

- Como funciona exatamente o padrão de comportamento dele, Sérgio?

- Observe por si mesma. Ele acorda e espera que o efeito da bebida do dia anterior passe, para não correr o risco de ser atropelado. Aí se arruma, para ficar o mais bonito possível, e sai para mendigar. Como seu objetivo é pouco dinheiro, não leva mais do que uma hora para conseguir. Ele já sabe inclusive quais lugares são mais rentáveis: saída de shopping, perto de restaurantes, faculdades, saída de igrejas ou locais de caridade.

- E quando consegue o dinheiro, como ele age?

- É nessa parte que ele está agora. Como ele já nem conhece direito a fronteira entre o real e o imaginário, costuma falar muito sozinho. Acompanhe.

Felipe estava sentado em um banco, olhando para o dinheiro. E falava:

- Deus, me ajuda. Faz com que eu não vá usar esse dinheiro com a bebida. Se eu guardasse o que ganho, poderia alugar uma casa, poderia conseguir um emprego. Eu não aguento mais levar essa vida. Dona Eulália tem me ajudado tanto! Por que eu não consigo, meu Deus?

Um grupo enorme o acompanhava, sussurrando na sua cabeça. Era tanta gente, que as pessoas encarnadas ao redor sentiam a energia e passavam longe dele.

- Meu Deus, coitado! Lá no centro eles não costumam ir junto...

- De fato, logo depois que ele bebe e o grupo vampiriza o álcool, todos se afastam e esperam o dia seguinte. Mesmo assim, a senhora já ajudou a muitos com o trabalho. O grupo que a senhora está vendo é apenas um quarto do inicial.

- Jesus! Como é triste a situação desses desencarnados!

- O mais triste é saber que, caso Felipe não consiga se libertar do vício, em breve será um deles e eu nada poderei fazer – menos ainda do que posso fazer agora.

- Nossa, mas são tantos! Não é à toa que ele não consegue parar!

- Ele ainda tem sorte de ter uma equipe o ajudando há tanto tempo sem parar. Observe a situação dos outros.

Quando dona Eulália olhou para o lado, e viu os companheiros mendigos de Felipe, quase desmaiou com a energia. Eram milhares de entidades acompanhando cada um. Em algumas faltavam pedaços do corpo; outras nem corpo direito tinham, eram apenas vultos. Quando o encarnado bebia, finalmente, elas pareciam ralos de pia: ficavam sugando tudo o mais rápido possível, como cães famintos brigando por um pedaço de carne.

- Que Deus tenha piedade de todos...

- Ele tem. Mas cada um deles precisa achar a porta de saída do vício, que é muito mais difícil e estreita do que a porta de entrada.

Triste com a situação, Dona Eulália continuou a observar Felipe: ele andava de um lado para outro, aflitíssimo, tentando evitar a ida ao bar novamente. Mas, cerca de cinco minutos depois, não aguentou e foi.

Chegou ao balcão, pediu a sua pinga e tomou em um gole. O dinheiro daquele dia dava para 20 doses, então ele foi pedindo e tomando uma atrás da outra. No final, já estava caindo pelos cantos, tonto e chorando aos soluços.

- Coitado... É assim todo dia?

- É, às vezes até pior. Realmente dá muita dó a situação em que ele se encontra.

- Eu vou continuar com os atendimentos e estudar o que posso fazer. Você pode comparecer amanhã ao centro para conversarmos?

- Claro, será um prazer. Vou refletir também e consultar meus superiores.

- Obrigada, Sérgio. Juntos nós iremos fazer o melhor por ele.

- Que assim seja, com a graça de Deus. Muito obrigado pelo valoroso auxílio, Eulália. Muitos desencarnados a acompanharão agora buscando ajuda, mantenha-se em prece.

- Sim, será um prazer conduzi-los, estou mesmo indo para o centro. Boa noite.

E lá se foi uma multidão seguindo dona Eulália. Não era nem 10% da multidão que estava ficando, mas eram todos os espíritos que estavam prontos naquele momento para receber ajuda.

Dona Eulália ia caminhando, já percebendo equipes astrais chegando com macas para os mais debilitados, e pensando em Felipe. Pobre rapaz! E que carga pesada Mariana enfrentaria!

- Não vou desistir, ele precisa muito de mim. Se é chegada a hora, encontrarei alguma forma de intervir. Mãos à obra!

Capítulo 6

Quero sair daqui

A situação das entidades socorridas era desesperadora. No astral, nossos vícios ficam com uma intensidade pelo menos cinco vezes mais forte. A sensação de depender do álcool é tão avassaladora que é necessário conter o espírito em uma câmara para que ele possa ser tratado. O que é conhecido como síndrome de abstinência na Terra não é nem um milésimo do que o espírito em recuperação passa até conseguir concluir seu tratamento.

Dona Eulália, indo para o trabalho no centro, foi refletindo sobre como deveria ser o sofrimento daquelas pobres entidades no astral.

- Graças a Deus não costumo colocar uma gota de álcool na boca – ela pensou. – Mas quantas famílias já assisti sendo completamente destruídas. É uma pena!

Chegando lá, encontrou Ricardo. Cerca de cinco minutos depois lá veio Felipe, cambaleando. Ricardo se encarregou do banho do rapaz naquele dia.

Dona Eulália aproveitou tudo que vivenciou naquela tarde para passar informações aos atendidos durante a palestra:

- Segundo a Organização Mundial de Saúde, dois milhões e meio de pessoas morrem por ano em todo o mundo em decorrência do álcool. E o número de vítimas de acidentes e violência causada pelo usuário de álcool é várias vezes maior.

Muitas políticas públicas e iniciativas privadas vêm trabalhando para mudar essa realidade. Nós, aqui na Apometria, podemos contribuir bastante com a parte espiritual.

Todo alcoólatra (ou alcoólico, como se convencionou chamar, para tirar o caráter pejorativo da doença) é acompanhado por muitas entidades vampiras. Isso os centros já sabem e tratam.

O foco de nossa atenção se concentra nas vidas passadas por trás do processo, e nos danos causados nos corpos sutis por causa da substância.

Iremos cuidar nos próximos dias de um caso avançado de dependência alcoólica. Todos poderão conferir por si mesmos os resultados que serão alcançados.

Felipe, iremos agora cuidar das entidades que ainda te acompanham. Conseguimos, no decorrer deste ano, reduzir o grupo de 2.000 pessoas para 500. Hoje, graças à autorização conseguida pelo seu mentor – que foi fruto de todas as preces sinceras proferidas por você e da sua persistência em vir a nós todo dia, mesmo alcoolizado – nós iremos obter convênio com uma clínica especializada no Astral, para que todos os 500 possam ser retirados de uma vez.

Na plateia, Felipe chorava de emoção, agradecendo a oportunidade que receberia da Espiritualidade naquele momento.

Ao seu lado, alguns assistidos engoliam em seco. Eram pessoas que já tinham feito comentários maldosos, dizendo que era um desperdício continuar atendendo um mendigo bebem.

Dona Eulália, percebendo, chamou-os de lado para conversar. Um deles se adiantou:

- Nem precisa dizer nada, já estamos envergonhados o bastante.

- Eu sei. Apenas queria dizer que esse é um grande exemplo para todos nós. Cada pessoa tem o seu tempo individual de melhora, não podemos esperar que esse tempo seja de acordo com a nossa vontade.

Como agora chegou o tempo dele e desse grande grupo, vamos participar desse belo momento, envolvendo todos com as melhores energias do nosso coração.

O pequeno grupo se calou. Apesar de envergonhados, todos eles sentiam que estavam tendo uma lição extremamente valiosa naquele momento, que carregariam por toda a vida.

Enquanto era feito o intervalo, Mariana comentava com Carlos:

- Participar de um encaminhamento tão grande é algo que não tem preço, não é, meu amor?

- Sem dúvida, querida. Estou muito feliz por estarmos aqui ajudando. Acredito que a melhora definitiva de Felipe começará hoje.

- Coitado, fiquei pensando... Será que podemos fazer alguma coisa?

- Pensei em custear o tratamento dele.

- Mas Carlos, isso é caríssimo!

- Eu sei. Pensei em ver com dona Eulália uma forma de conseguirmos como se fosse um patrocínio. Como ela tem CNPJ, e o centro tem toda a documentação necessária, fica bem mais fácil. Posso fazer isso legalmente através da minha firma e do centro.

- Sério?

- Sim, basta formular um projeto assistencial. Há várias questões burocráticas, mas o contador da empresa pode cuidar disso. Fazendo assim, as empresas custeiam os tratamentos e têm seus impostos abatidos.

- Que ótimo, ela vai adorar!

- E eu também, pois poderemos ajudar muitos outros além de Felipe.

- Quando vai contar para ela?

- Agora mesmo.

Carlos se aproximou, pediu licença a todos que estavam falando com dona Eulália, e contou sua ideia. Embora Carlos não pudesse ver ainda, o mentor de Felipe sorria ao seu lado.

Dona Eulália retribuiu o sorriso de Sérgio e disse:

- Carlos, que ideia fantástica! Só me preocupa o seguinte: esse trâmite burocrático deve demorar, e o caso de Felipe é urgente.

- Pensei nisso também. Vou me dispor a custear tudo por agora, e quando conseguirmos ajuda, eu reponho o dinheiro.

- Você pode mesmo?

- Posso, tenho dinheiro aplicado. Para uma causa dessa, vale a pena. Já entrei em contato com uma clínica de confiança, o diretor disse que inclusive foi atendido pela senhora anos atrás. Se Felipe aceitar, poderemos levá-lo hoje mesmo.

- Acho melhor. Sérgio está confirmando. Devemos aproveitar a brecha que teremos com o atendimento, antes que ele recaia.

- Tudo bem. A senhora fala com ele?

- Sim. Vamos agora cuidar do grupo.

Todos prontamente cederam sua vez de atendimento, assim como acontecera antes quando Mariana precisou de ajuda.

- Amigos, vou começar agora a doutrinação coletiva. Vamos juntos fazer um Pai Nosso.

A oração foi feita de forma comovente e profunda. Todos realmente buscaram contribuir de coração limpo.

- Vamos agora juntando todo esse grupo em um enorme círculo azul em 1...2...3...4...5...6...7...

Vamos envolver todos em uma luz verde, que vai purificar o sangue e especialmente o fígado de todos.

Vamos trazer entes queridos de todos, pessoas em que cada um deles confie. Seus corpos vão sendo recompostos, todos vão recebendo roupas novas e muito carinho.

Nesse momento Felipe caiu no chão e começou a gritar:

- Quero sair daqui! SOCORRO! Não quero nada disso!

Dona Eulália foi enérgica:

- Ninguém toca nele! Vamos fazer um círculo em volta dele, rápido.

Deixem ele gritar! Ele está incorporado.

Felipe gritou, gritou, tentou se arranhar e se machucar. Parecia existir profundo ódio no seu peito.

Todos se uniram em oração ininterrupta. Depois de uns quinze minutos, ele foi se acalmando.

- Vamos deixando todos seguirem até o hospital astral. Graças a Deus.

Felipe estava tão exausto que acabou dormindo.

- Ufa! Que cena triste! – disse Mariana.

- Nem diga, minha filha! Infelizmente, nessas horas o meu papel de dirigente é ter sangue frio e conduzir o processo até o final.

- E o que faremos agora?

- Chame o Carlos.

Carlos estava acalmando as pessoas da plateia que tinham ficado impressionadas. Todas foram compreendendo, conforme ele explicou o contexto maior de tudo que vinha acontecendo com Felipe.

Atendendo ao chamado da esposa, ele se aproximou.

- Carlos, você leu sobre internação involuntária?

- Li. Acho que será o caso. Ele não está em condições de decidir.

- Você está pronto para assumir isso?

- Sim. E a família dele, a senhora vai avisar?

- Eu pretendo esperar que a gente faça o atendimento das cinco vidas antes de acionarmos a família. Agora, só causará mais estresse. Haverá muito trabalho para convencermos a família que Felipe mudou.

- Sim, pelo que li isso é geral. E também temos que ver como será a resposta comportamental dele.

- Quanto a isto, estou confiante. Sérgio está acompanhando tudo, e o prognóstico é muito bom.

- Posso chamar a ambulância então?

- Pode. Que Deus nos ajude.

Dona Eulália suspirou, indo cuidar do fechamento da casa. Aquela seria uma longa noite.

Capítulo 7

É mais forte que eu

Felipe acordou em um quarto branco e arejado, com roupas limpas e novas. Era um ambiente relaxante e calmo. A mobília era simples, mas cuidadosa – tornava o quarto bem aconchegante.

- Meu Deus, será que morri?

Ele começou a andar em círculos, assustado. Assim que se levantou da cama, dona Eulália notou a movimentação e foi conversar com o rapaz.

- Bom dia, Felipe!

- Bom dia. Não estou entendendo nada, dona Eulália. Que lugar é esse?

- É uma clínica.

Rapidamente a expressão de Felipe transformou-se. O olhar era de pânico, o corpo ficou rígido, as memórias traumáticas foram brotando.

- Eu imagino que isso seja difícil para você.

- Não, a senhora não imagina. Só quem passou por esse inferno pode entender. Se eu não sair daqui agora, em breve vou estar suando, tremendo, vomitando, tendo alucinações. Meu corpo vai gritar, implorar pelo álcool. Nada mais vai fazer sentido enquanto eu não tiver meu desejo saciado. Por isso eu fugi todas as vezes.

- Eu sei, Felipe. Vai ser uma fase muito difícil. Mas me diga: nesse tempo todo, você já viu alguém parar de beber e refazer a vida?

- Sim, vi muitos casos com final feliz. Mas era diferente.

- Por que?

- Porque eram pessoas que tinham famílias felizes, tinham apoio. Eram esperadas em casa, eram amadas. Não é o meu caso.

- Não existe ninguém na vida que seja importante para você?

Os olhos de Felipe se encheram de lágrimas grossas e fortes. O rapaz se jogou no colo de dona Eulália, totalmente frágil e indefeso. Enquanto chorava, aos soluços, entregou para ela uma medalhinha que carregava no peito, e a abriu.

Dentro estava a foto de uma moça linda, com sorriso perfeito, abraçada com ele.

Felipe não conseguia parar de chorar. Agarrou a roupa de dona Eulália com força, e deixou o desespero tomar conta de si.

- Chore, querido. Ponha tudo para fora, vai te fazer bem.

Carlos e Mariana assistiam de longe, emocionados com a cena. Dona Eulália fez sinal para eles se aproximarem.

Enquanto Felipe deixava todo o choro sair, os três oravam mentalmente, a um sinal de comando que tinham aprendido no curso. Depois de cerca de vinte minutos, o rapaz foi se acalmando.

- Isso me lembra o estado que cheguei ao grupo, na primeira vez que fui ver dona Eulália – lembrou Carlos, com um sorriso.

Felipe sorriu de volta, um pouco encabulado por fazer aquela cena toda. Dona Eulália, percebendo, o confortou.

- Felipe, esse é Carlos. Ele irá começar um projeto social em meu grupo. Foi quem providenciou a clínica e tudo mais.

- Como eu cheguei aqui?

- Ontem, depois que terminamos seu atendimento, esperamos todos saírem e chamamos uma ambulância.

- Nossa, não me lembro de nada.

- Não se preocupe, Felipe – disse Mariana – Estamos todos aqui para cuidar de você, assim como eu também já fui cuidada. Eu sou a médium que vai cuidar de seu caso, meu nome é Mariana. Sou também esposa de Carlos.

- Olha, eu agradeço tudo que vocês estão fazendo. Mas não sei se eu vou conseguir. Sei que o gasto para essa internação é alto, não quero prometer nada.

- Felipe, eu já imaginava que essa parte ia te incomodar. Vamos combinar o seguinte: sou chefe de uma empresa. Quando você sair daqui, recuperado, vai trabalhar comigo até devolver todo o dinheiro gasto. O que acha?

- Carlos, você está me oferecendo um emprego?

- Estou sim.

Felipe começou a chorar de novo, com soluços ainda mais fortes. Todos se entreolharam sem entender direito, mas esperaram respeitosamente até que ele parasse.

- Desculpe, desculpe de novo, é que isso é muito forte para mim. Ninguém nunca me ofereceu um emprego na vida, ninguém nunca confiou em mim.

- Vamos começar a cuidar disso então – afirmou dona Eulália. Vamos trabalhar em equipe. Posso te contar o que tenho em mente?

- Enquanto eu não começar a passar mal, sou todo ouvidos. Depois, infelizmente, não vou mais poder responder por mim.

- Pois bem: o grande objetivo de você estar internado aqui é vencer a crise de abstinência, que você bem conhece. Eu, Mariana e Carlos viremos te visitar todos os dias, em equipe de revezamento. Como o dono da clínica me conhece, teremos autorização para visitá-lo em qualquer horário, como se fôssemos terapeutas da equipe.

- Vocês estão falando sério? Mesmo com todos os vexames que já dei, mesmo mal sabendo quem eu sou, vocês virão aqui todo dia? Só podem estar de brincadeira comigo!

- Não, Felipe. Esse é um compromisso que estamos assumindo com você. Nós viremos.

- Em nome de que? Caridade?

Mariana sorriu, e respondeu:

- Desde a primeira vez que te vi, soube que somos velhos conhecidos. Não posso te dizer ainda com detalhes porque ainda não recordei, mas posso te afirmar que a gente tem um vínculo, e que ele é especial. É em nome desse vínculo que virei aqui. Pode confiar em mim.

- Mas e a parte espiritual? Não vai fazer mal para vocês vir aqui? Não serão atacados pelas trevas?

- Aqui é um local de cura, existe toda uma egrégora médica atuando em um posto de socorro acima de nós. – explicou dona Eulália – Quanto a isso fique tranquilo, estaremos protegidos.

- Quanto tempo ficarei aqui?

Carlos se adiantou:

- O tempo mínimo de tratamento é três meses. Vai depender da sua reação, tanto física quanto psicológica. Toda a equipe estará acompanhando e nos informando de seu progresso.

- Enquanto isso – continuou dona Eulália – nós iremos cuidar das vidas passadas que precisam de ajuda. Seu mentor, Sérgio, já nos informou que são cinco vidas. Três meses é mais ou menos o tempo que precisamos mesmo para fazer um bom trabalho nesse sentido.

- Eu já sonhei com o Sérgio. E sempre que estava nas piores situações na rua, via que ele estava ao meu lado, cuidando de mim. Coitado, devo dar trabalho!

Todos riram.

Ao observar os tremores involuntários que começavam, dona Eulália concluiu:

- Vamos deixar você descansar, Felipe. Depois quero saber quem é essa moça bonita.

- É Lúcia. A eterna dona do meu coração.

Capítulo 8

Descrença

Os primeiros dias eram sempre os piores, Felipe sabia bem disso. A primeira semana era crucial para definir se a pessoa aguentaria o tranco da desintoxicação.

- E o resto da vida para manter.

- Sim, Felipe – concordou Claudia, a psicóloga da clínica. A desintoxicação é tão ou mais difícil que o restante, mas você tem que ter em mente que possui uma doença, e que terá de lidar com isso o resto da vida.

- Isso é mesmo muito difícil. Talvez se o meu vício fosse crack ou heroína seria mais fácil. Eu vou ver gente tomando um chope o resto da vida e nunca poderei tomar um gole! Como posso acreditar que isso é possível?

- Olha, é por isso que o AA fala em pensar sempre nas próximas 24 horas. Quando pensamos em uma vida inteira, fica mesmo parecendo uma tarefa impossível. Mas se você pensar em um dia, já parece mais plausível.

- Entendi. Nossa, tá difícil, mal me aguento em pé. Mas agradeço muito toda a ajuda que estão me dando.

- Eu sei, já passei por isso. O segundo dia é horrível. Como a substância está começando a sair do seu corpo, você vai sentir desespero mesmo.

- Como foi com você?

- Bem mais complicado. Você é jovem ainda, enfrentou poucos anos de vício, seu corpo tem alto poder de reação. Eu, quando cheguei aqui, já bebia havia vinte anos. Tive que ficar de cadeira de rodas, mal conseguia

falar no primeiro momento. Fica tranquilo: você vai conseguir. E qualquer coisa que precisar é só nos chamar, eu vou estar aqui. Agora vou indo, pois Mariana está esperando.

- Obrigado, Claudia.

A psicóloga saiu, com um sorriso. E logo entrou Mariana, com alguns vasos de violeta.

- Acertou em cheio, é minha flor preferida.

- Falei para você que temos uma conexão!

Ela sentou em silêncio, esperando. Queria deixá-lo à vontade, sem forçar nada.

- Mariana, posso te contar sobre Lídia?

- Claro que pode! Quem sabe a gente não consegue te ajudar a ter um final feliz com ela?

Felipe suspirou, lembrando do maior amor que já vivera.

- Eu ia curtir muito. Mas não sei se vai ser possível e se não seria egoísmo da minha parte. Eu já a magoei muito.

- Vamos ver. Conte tudo, e eu faço um diagnóstico de doutora Mariana... (risos).

- É, você está sendo uma doutora mesmo, para a minha alma. Fazia muito tempo que eu não tinha um amigo em quem pudesse confiar e que não fosse bêbado como eu.

- Pois isso você tem agora. E eu também adoro fazer amigos. Mas vamos lá: conte sua história com a Lídia. Vai te fazer bem.

Felipe deu um longo suspiro e mergulhou em seu próprio passado, lembrando dos acontecimentos de anos atrás.

- Conheci Lúdia quando tinha 15 anos, oito anos atrás. Ela é tão linda! Morena, com olhos cor de jabuticaba. No começo a gente era só amigo e vivia grudado.

Mariana ouvia, mergulhando na história.

- E então, o que aconteceu?

- Ficamos juntos. Eu sempre fui muito romântico, sabe? Dava flores, levava ela para jantar fora. A gente ia muito para a minha casa na praia, em Maresias. E a gente ficava junto, namorando, curtindo... – Felipe soltou um suspiro gostoso, de saudade.

- E por que isso mudou?

- Por causa da bebida. Eu antes era muito careta, por incrível que pareça. Mal saía à noite. Mas, em uma das vezes que fomos para a praia, nossos amigos levaram cerveja e insistiram para eu provar, achando um absurdo que um baita marmanjão nunca tivesse bebido. Eu, tonto, bebi. E desde aquele primeiro gole minha vida acabou.

- É, ouvi uma palestra aqui na clínica, dizendo que para muitos alcoólicos é assim.

- E foi, sem exagero. Desde que dei aquele gole, tudo na minha vida perdeu a importância. Até a Lúdia, que eu amava tanto, acabou ficando em segundo plano. O grande objetivo da minha vida, desde então, foi só um: beber.

- Eu imagino, deve ser tão forte...

- É um desespero só! E o álcool é assim, ele não escolhe cor, classe social, idade, nada. Todos os alcoólicos são iguais, doentes.

- E seus pais?

- Coitados, nem sei se algum dia eles vão me perdoar. Apesar de o álcool ser barato, na minha ânsia eu queria uma quantidade cada vez maior, e só bebida da boa. Já cheguei a beber três garrafas de whisky em um dia, todo dia.

- Nossa...

- Pois é. E nesse começo, enquanto as pessoas ainda não percebiam que eu estava doente, eu bebia coisas da melhor qualidade. Cheguei a beber whisky que custava 300 reais a garrafa, e nem era dos mais caros. Então você pode imaginar o prejuízo, né? Bebendo três garrafas por dia, a conta foi ficando cara.

- E eles tentaram te impedir?

- De todas as formas que você imaginar. Quem percebeu primeiro foi a Lídia. Graças a Deus eu não fico violento quando bebo. Pelo contrário, fico solitário e nostálgico. Gosto de me isolar e chorar. Não me pergunte pelo que, mas eu só choro...

- Ela devia ficar super preocupada!

Nesse momento, Felipe teve de interromper a narrativa e correr ao banheiro por causa das náuseas,. Mariana ficou vibrando por ele.

- Querido amigo, você continua me contando tudo outro dia. A desintoxicação ainda está muito forte.

- É, vou precisar mesmo. Estou muito fraco.

- Não se preocupe. Deite e descanse.

Mariana saiu, deixando a espiritualidade cuidar dele. Sérgio sorriu, levando Felipe desdobrado para continuar o tratamento no astral.

Naquele dia Mariana sentiu profunda compaixão por Felipe. Quem iria imaginar, vendo aquele mendigo fedorento, que poderia existir uma estória como aquela por trás?

Saindo da clínica, ela foi para o centro. Dona Eulália já estava se preparando para começar mais uma noite de trabalho.

- Oi, Mariana, tudo bem?

- Tudo ótimo, dona Eulália. Estou vindo da clínica.

- Como ele está?

- Segundo a psicóloga, ele realmente quer ajuda desta vez. A desintoxicação está sendo forte, mas ele está consciente e interessado em fazer parte de todas as atividades.

- Que maravilha! Tenho muita fé que os mentores irão ajudar.

- Eu também, apesar dele duvidar dele mesmo. E a senhora, como vai?

- Estou profundamente surpresa. Está vendo aquela moça na primeira fila, de camiseta rosa?

Mariana abriu a boca de espanto, sem conseguir responder.

Era Lídia.

Capítulo 9

Solidão

- Não acredito que é ela, dona Eulália do céu!

- Pois é, pelo visto Sérgio é um dos mentores mais ativos que já vi!

(Que Sofia não nos ouça...)

- Mas ela já sabe de algo?

- Pelo que li em sua ficha não, veio tomar passe e estudar.

- Que máximo! E o que eu faço, conto?

- Vá cuidar dela, chame-a para uma conversa e ouça a versão dela da estória. Se sentir que será positivo para Felipe, pode contar sim. Ele vai ficar tão feliz se ela quiser voltar!

- Nem diga! Pois vou lá agora mesmo. Ai, adoro uma história romântica!

Dona Eulália sorriu com a animação de Mariana. Ela realmente tinha vestido a camisa, pelo visto.

Mariana respirou fundo. Começou a pensar em como faria a abordagem. Como estava acostumada a orientar pais na escola, já imaginava tudo que poderia ouvir.

- Bom, tenho que pensar no que é melhor para Felipe. Vamos lá!

Sorridente, ela se aproximou:

- Olá, Lídia, tudo bom? Você pode me acompanhar?

Sem entender direito, Lídia foi.

- Pode se sentar. Então, é costume da casa fazer uma entrevista individual de conversa fraterna com quem está vindo pela primeira vez – disse Mariana, morrendo de vergonha por estar mentindo e rezando para que ela nunca soubesse disso.

- Ah, tudo bem. O que você precisa saber?
- O que te levou a buscar ajuda? Você parece tão cansada...

Lídia suspirou.

- Eu posso mesmo desabafar? Você tem tempo?
- Tenho sim. Minha tarefa hoje é só te ouvir.

- Nossa, nem acredito. Vamos lá então: o meu problema é que não consigo esquecer um ex-namorado meu. Isso tem me deixado maluca, minha vida está toda parada por causa disso!

- Entendi. E como foi a história com esse ex, qual o nome dele? – ela achou melhor se fazer de desentendida, para ficar como ouvinte neutra.

- É Felipe. Foi uma história triste e complicada. Apesar de amar Felipe perdidamente, eu sei que tenho de me conformar. Afinal, nem que eu queira ficar com ele, é impossível.

- Por que?

- Eu nem sei se ele está vivo ou morto. Até contratei um detetive particular para saber dele, mas o máximo que ele conseguiu descobrir é que Felipe vinha sempre aqui pedir ajuda. Depois ele desapareceu, como por encanto. Eu soube disso há dois dias. Aí decidi vir pedir ajuda para mim também, porque eu não consigo esquecer o Felipe e isso está sendo péssimo.

- Você o ama mesmo? Por que vocês brigaram?

- Ele é alcoólico. Apesar disso, eu nunca desisti dele. Acompanhei tudo desde o começo, fui vendo como as coisas aconteceram. Entendo que não é culpa dele, que é uma doença. Os pais dele já tinham bem mais dificuldade com essa parte.

- Eles não aceitavam a doença?

- Eles não entendiam. Como são muito ricos, são do tipo que acreditam que o dinheiro compra tudo. Não se conformavam com o fato de

Felipe ser internado nas melhores clínicas e não melhorar. Acusavam os médicos, as enfermeiras, a mim, a todos que entrassem no caminho.

- E Felipe bebia muito?

- Muito. Eu, que era a namorada, acompanhei tudo de perto e fui vendo que o buraco era muito mais embaixo, que se tratava de algo grave. Fiz o que podia fazer: fui estudar, frequentar grupos de apoio, para entender melhor a doença.

- E o que descobriu?

- Que ele poderia ser assim a vida inteira. E que, por mais que todos quisessem ajudar, ele só iria melhorar quando entendesse mais sobre a sua condição, tivesse sua arrogância quebrada e pedisse ajuda.

- Então você ficou sozinha acreditando nele?

- Completamente sozinha. Meus pais eram contra, os pais dele eram contra, nossos amigos falavam que eu devia largar mão e conhecer outras pessoas.

- E o que você fez?

- Lutei até o final, porque eu via nos olhos dele que era questão de tempo, que um dia ele iria aceitar ajuda. Tive que ter muita fé. Mas não foi o que aconteceu.

- O que houve?

- Um dia, depois que os pais dele tinham cortado todo o acesso a dinheiro e ele já tinha vendido tudo que podia, ele decidiu que iria morar na rua.

- Por que? – espantou-se Mariana, dessa vez sinceramente.

- Porque ele teria liberdade de conseguir dinheiro e beber tudo que quisesse, sem ninguém para encher a paciência. Nesse dia ele veio se despedir de mim.

- E o que ele disse?

- Para eu não procurá-lo e seguir a minha vida, porque ele não me amava mais. Eu não acreditei, sabia que ele só queria me proteger. Mas eu não sabia mais lidar com aquilo e estava muito cansada. Só queria saber de descanso. Afinal, não tem como não ficar esgotada com tudo isso, acho até que eu levei bem na esportiva...

- E ele foi embora?

- Foi. E eu perdi contato. Isso faz um pouco mais de um ano. Eu achei que iria refazer a minha vida, mas não foi o que aconteceu. Eu mergulhei na tristeza, precisei tomar antidepressivo e tudo. Inclusive abalou minha fé e minha relação com Deus, pois senti que acreditei tanto nele para nada, pois fiquei totalmente desamparada e sozinha.

- Que coisa triste... Que força você teve, Lídia, estou impressionada! Parabéns!

- E quando melhorei, decidi contratar o detetive. E cá estou. Que história doida, né?

- Você nem imagina o quanto...

Capítulo 10

Como ver quem mais amo sofrendo?

- Mas Lídia, deixa eu entender. – continuou Mariana, ainda indecisa sobre revelar ou não a verdade – Você voltaria com Felipe se conseguisse saber onde ele está? Não guarda mágoa dele?

- Olha, o processo todo foi bem difícil, não vou negar. Quando começamos a namorar, Felipe tinha 17 anos e eu 16. O primeiro ano foi de sonho, ele me tratava como uma princesa. A gente estava escolhendo juntos que faculdade fazer. A gente era tão igual que queríamos até trabalhar juntos, com fotografia. Eu já tinha visto uns cursos legais, para eu trabalhar mais com a parte de editoração e ele com a parte de marketing. A gente planejava abrir uma produtora, tinha todos os planos feitos. Nossos pais iam financiar tudo e nos apoiavam muito.

- Seus pais gostavam dele?

- Nessa época, muito! Achavam que seria um casamento perfeito, porque eles se davam muito bem com a família de Felipe e queriam mesmo que eu seguisse aquela carreira. Tudo ia às mil maravilhas.

- E veio o álcool...

- Sim. De forma besta, até. Um dia nossos amigos chegaram à conclusão que era hora de dar um porre no certinho do Felipe. Só que o porre virou a rotina diária dele.

- Nossa, que amigos!

- Da pior laia. No começo eles achavam o máximo, já que o Felipe era muito rico e financiava todas as baladas. Quando passou da primeira semana, eu já comecei a achar que aquilo estava indo longe demais. Mas tinha cenas que só eu via, por ser quem convivia com ele direto.

- E o que você fez?

- Primeiro tentei falar com ele. Explicava que era muito estranho ele estar bebendo tanto, já que ele nunca tinha bebido. Comecei a jogar fora também as garrafas que eu achava, mas cinco minutos depois ele ia e comprava de novo. O quintal começou a virar um cemitério de garrafas.

- Nossa, e ele não reagia?

- Não. E a quantidade só aumentava. Primeiro uma garrafa por dia, depois duas, até que chegou a três. Como ele só estudava, e era um estudo que exigia muita criatividade, acabava fazendo projetos geniais e inovadores. Pelo menos nos primeiros meses.

- Depois ele parou de produzir?

- A gente tinha que fazer as tarefas no computador. Com o tempo, ou ele estava de ressaca, ou tremendo, ou bebendo mais. Aí eu fui ficando assustada de vez, e resolvi marcar uma conversa com os pais dele – o que nessa época ainda acontecia de forma civilizada.

- E eles te ouviram?

- No começo sim. Eles só tinham notado o aumento com os gastos, mas não sabiam por que. Quando eu contei, ficaram furiosos e foram correndo lá para casa, já que a gente estava morando junto. Eu tentei impedir, mas nesse dia eles tiveram uma briga horrorosa. Felipe foi chamado de bebum, safado, cafajeste, aproveitador, vagabundo, tudo que você puder imaginar. E, obviamente, quando os pais dele foram embora a coisa sobrou todinha para mim. Ele ficou furioso comigo: disse que eu quebrei a confiança que ele tinha em mim. Os olhos dele passavam tanta raiva, que fiquei muito assustada.

- E como ficaram as coisas?

- De mal a pior. Os pais dele não entenderam o espírito da coisa – talvez não tenham entendido até hoje. Não era uma questão de caráter que

estava em jogo, é uma doença. Uma doença vitalícia, traiçoeira e que não iria embora sem força de vontade e tratamento adequado.

- Então você ficou sozinha nessa...

- Fiquei. Quando passou um ano e eu vi que ninguém ia fazer nada, peguei minhas economias e o internei por conta própria. Pus um sonífero na comida e chamei a ambulância. Essa foi a primeira de dez internações.

- Dez! E ele nunca melhorou?

- Ele melhorava, mas recaía. O grande problema que eu enfrentava era a parte social e a família dele. Sobre o social, você pode imaginar o que é para um alcoólico sobreviver a festinhas de faculdade. Ou eu me enfiava com ele em casa e a gente criava um mundinho à parte, ou ele estaria exposto à bebida em absolutamente qualquer lugar que a gente fosse. Nas praças de alimentação de shopping, teatro, cinema, bares, danceterias, parques... Em qualquer supermercado se compra cerveja ou whisky. Então, sem a colaboração dele, era uma missão impossível.

- E ainda assim os pais dele não colaboravam?

- Não. Eles entraram em um verdadeiro jogo de manipulação com Felipe, usando a parte financeira. Faziam questão de deixar bem claro que ele era um imprestável e jamais teria condição de se bancar sem mesada. Isso só reforçava a baixa auto-estima dele, e fazia com que Felipe bebesse ainda mais. E estava formado o círculo vicioso.

Mariana respirou fundo, imaginando o quanto aquela pobre garota havia sofrido calada. Lídia prosseguiu:

- Eu fiz o que podia. Continuei meu curso, no qual já estou formada. Fui estudar sobre alcoolismo, fazer terapia, entrei para grupos de apoio. Todos que sabiam da minha história eram unânimes: se separe enquanto é tempo, casamento feliz e alcoolismo são incompatíveis. Mas eu continuava acreditando que um dia ele venceria.

- Você achava que ele pararia de beber?

- Não, a essa altura já sabia que a vontade de beber ele teria sempre, que sua recuperação seria um dia de cada vez. Mas que se ele se conscientizasse da doença e enfrentasse a crise de abstinência, poderia parar de beber e ficar sempre em acompanhamento para não recair. Era essa a minha expectativa, e eu me preparava para dar esse suporte a ele. Mas a bebida sempre ganhava todos os *rounds*, não tinha jeito.

- Até que ele foi embora?

- Isso. Ele gastou uma fortuna, porque gostava de whisky caro. Mas quando ele foi embora, já estava tão viciado que bebia qualquer coisa. Eu me lembro da última conversa que a gente teve, foi tão forte... Só serviu para eu me sentir mais culpada ainda pelo que aconteceu.

- Como foi? – perguntou Mariana, já com lágrimas nos olhos.

- Ele falou: “Lídia, tô indo embora porque eu sei que ninguém pode me ajudar enquanto eu não quiser. Não sei o que vai ser da minha vida, mas eu não quero mais te ver sofrer. Eu te amo demais para isso.”

Lídia desabou no colo de Mariana, que afagou seu cabelo com carinho.

- Tudo que eu queria era saber onde ele está, poder fazer alguma coisa!

Respirando fundo para criar coragem, Mariana respondeu:

- Quer ir lá comigo amanhã?

Capítulo 11

Lídia não sabe o que fazer

Lídia nem sabia o que responder direito:

- Como assim?
- É uma longa história. Deixa eu te contar...

Lídia não cabia em si de alegria. Iria rever seu grande amor! E ele tinha aceitado ajuda, pela primeira vez!

- A gente pode ir lá agora? Não posso esperar!
- Pode... Mas você se sente pronta?
- Claro! Espero por isso há tanto tempo!
- Tudo bem. Vou chamar dona Eulália.

O trabalho do grupo já tinha terminado, depois daquela conversa tão longa. Mariana se aproximou e apresentou um resumo da situação para dona Eulália, que, após finalizar tudo, veio falar com Lídia.

- Que bom, Lídia! Eu já esperava que fosse essa a sua reação. Podemos ir para lá sim.

- Ai, graças a Deus! Muito obrigada!

- Só devo te alertar de alguns pontos antes de irmos. Você sabe, existe um motivo para as clínicas tirarem os familiares de cena durante o tratamento. Infelizmente, como em qualquer processo de desintoxicação alcoólico, você verá cenas fortes. E, sem dúvida, não encontrará o mesmo Felipe que guarda em sua lembrança. Apesar dos nossos cuidados, ele passou um ano sendo mal tratado na rua, então seu estado ainda é delicado.

- Entendo sua preocupação, dona Eulália. Mas quanto a mim, a senhora fique sossegada. Eu acompanhei todo o processo de Felipe, e só me ausentei porque ele foi extremamente teimoso em relação a isso. Ainda mais agora, que ele está aceitando ajuda, não arredarei pé um minuto!

- Então seu amor por ele sobreviveu a tudo isso.

- Sem dúvida. E tenho certeza que ficaremos juntos, especialmente após o tratamento aqui. Sou médium, sinto fortemente a presença espiritual obsessiva, e fui alvo de muito ataque também. Fiz o que pude sozinha, mas se a senhora permitir, adorarei vir estudar aqui na casa.

- Mas é claro que cuidaremos disso! Eu imagino o peso que você deve ter carregado esse tempo todo sozinha...

- Foi muito difícil. Ele foi teimoso na bebida, e eu tive que ser teimosa por ele. Tive de acreditar na força dele, indo até contra ele mesmo!

- Então é hora de matar a saudade, vamos lá.

Infelizmente, a cena que aguardava o trio na clínica era bem pior que o previsto. Felipe estava em crise profunda quando chegaram, tendo uma série de alucinações visuais. Ele berrava:

- Me tirem daqui! Não aguento mais apanhar! Chega!

Lídia não aguentou e correu para abraçá-lo, chorando.

- Meu amor, calma, eu estou aqui! Ninguém vai te pegar!

Ele agarrou Lídia com toda a força, apavorado. A enfermeira tentava aplicar uma injeção de calmante enquanto todos corriam pelo quarto.

- Eles me acharam! Eles me acharam de novo! Eu não quero mais apanhar, por favor, me esconde! Socorro!

O caos era tamanho que dona Eulália precisou intervir fortemente. Ela agarrou Lídia por trás e a abraçou:

- Minha filha, vou precisar que confie em mim agora. Solte Felipe.

Lídia chorava, em choque, sem conseguir obedecer.

- Solte. Agora!

Rompendo em choro convulsivo, Lídia soltou. Mariana a abraçou, e a enfermeira alcançou Felipe, que gritava ainda mais alto.

- Socorro! Me larguem! Chega!

Após tomar a injeção, ele foi acalmando. A medicação foi fazendo efeito.

Enquanto Felipe voltava para a cama, dona Eulália pôde começar o trabalho espiritual, assessorada por Sérgio.

- Vamos nesse momento trazendo aqui a equipe de pretos velhos, índios e caboclos do Grupo Apométrico Luz do Senhor. Vamos agora recolher a primeira vida passada que precisa de ajuda. Enviando para nosso posto de tratamento em 1...2...3... Graças a Deus.

A energia na sala ficou tão forte que quase podia ser tocada. Todos estavam emocionados com a atuação das falanges do bem, até a enfermeira.

- Não sei o que a senhora fez, mas daqui a pouco vai ser contratada para cuidar dos outros internos! – ela disse, sorrindo – Ele deve dormir agora por algumas horas. Vou deixá-las à vontade.

Lídia não conseguia parar de chorar. Todo o sofrimento veio à tona com a cena, todos os anos que ela passou por aquele inferno. Mariana e dona Eulália ficaram esperando ela se acalmar.

Ainda inchada, Lídia lembrou:

- Nas poucas vezes que ele ficou mais de um dia sem beber, ele costumava gritar essas mesmas coisas. Eu sempre achei que fossem entidades que o acompanhavam. Mas Mariana comentou que o grupo de obsessores já foi encaminhado.

- Sim, isso mostra que o fator responsável por esses gritos específicos é algo mais profundo – dona Eulália refletia, andando pelo quarto.

- Nós não podemos retirar as cinco vidas de uma vez, do mesmo jeito que aconteceu comigo, não é? Pelo menos imagino que assim seja...

- Exato, Mariana. E o caso dele é tão delicado quanto o seu, por motivos diferentes. Deve ser mais uma das razões de você ter sido a médium escolhida.

- Como assim?

- No caso de Felipe, como em qualquer alcoólico em estágio mais avançado, temos duas batalhas sendo travadas: a luta física contra o álcool e a luta psicológica e espiritual com as vidas passadas e os obsessores.

- Coitado...

- Sim, é mesmo estarrecedor. Teremos que retirar vida por vida, com muita calma e paciência. Como é um processo obsessivo ferrenho, as vidas estão energeticamente em simbiose com ele. Se não formos cuidadosos, ele pode até morrer.

- Sério?

- Sim. Muitos alcoólicos morrem na crise por isso. Se não houver intervenção na parte espiritual, apenas a batalha física é travada, e isso nem sempre é suficiente.

- Puxa, que complexo, dona Eulália!

A pobre Lídia estava boquiaberta com a cena. Agora entendia melhor por que Felipe não tinha melhorado antes.

- Graças a Deus encontramos a senhora! Nem sei o que dizer ou fazer para agradecer!

Dona Eulália sorriu.

Capítulo 12

Agressão

Como a crise daquele dia foi muito forte, até Lídia concordou em ir embora e deixar que Felipe descansasse. A própria enfermeira avisou que talvez ele precisasse ser dopado de novo, caso acordasse muito agitado.

- Lídia, nós vamos cuidar dessa primeira vida passada em nosso trabalho de amanhã. Dadas as condições, teremos que fazer tudo com Felipe internado. Mas se você quiser participar, é nossa convidada.

- Eu posso mesmo? Claro, estarei lá!

Lídia foi embora completamente radiante com o desfecho de tudo, sentindo que suas preces foram integralmente ouvidas. Dona Eulália que não estava nada tranquila.

- Mariana, Sofia está muito preocupada com o impacto que essas cinco vidas terão sobre você. Sente que está mesmo pronta? Apesar de ser uma tarefa sua, posso chamar mais ajuda se for o caso.

- Eu sei que sou teimosa como Felipe, mas eu realmente sinto que posso e que tenho de fazer isso sozinha. É importante para mim.

- Tudo bem. Te aguardo à noite então.

Já era de madrugada quando Mariana chegou em casa. Carlos estava em polvorosa.

- Poxa, Mariana, estava morrendo de preocupação! Você não acha que está exagerando?

- Desculpa, meu amor, eu deveria ter ligado.

- Tudo bem. Mas acho que você está se esquecendo de tudo que passou há pouco tempo. Acho linda toda a dedicação que está tendo ao caso, mas você precisa priorizar mais a sua vida e o seu descanso! Senão, daqui a pouco vou ter que colocar dona Lúcia para te seguir por aí!

- É, querido, mais uma vez você tem razão. Desculpe. Eu me empolgo mesmo. Vou tentar me envolver menos daqui para frente, tudo bem?

- Os meninos perguntaram muito por você antes de dormir. E a Ciça ligou, quer marcar de te ver.

- Tudo bem, amanhã eu ligo. Vamos dormir?

- Cochilar, né? Daqui a duas horas já temos que acordar.

- Então me abraça e vamos cochilar juntinhos...

Assim que Mariana dormiu e desdobrou, Sofia a esperava de mãos na cintura.

- Pelo amor de Deus, Mari! Você não tem nem idéia de com que está lidando! Por favor, seja mais cuidadosa!

- Desculpe, Sofia. Já vi que vou levar sermão de todos os lados.

- Ah, vai, até aprender! Se você quer ajudar, tem de aprender a forma certa! Senão, vai acabar como a Lídia, que no final das contas sacrificou a própria vida e quase nada pôde fazer por Felipe. Mas chega de broncas. Vamos para a sala de reuniões, pois vão preparar você para o atendimento de amanhã.

Mariana acordou sabendo que algo bem importante havia sido decidido em algum lugar, mas não se preocupou com isso. Foi dar aula,

cuidou de seus afazeres normais e se preparou para o primeiro atendimento de Felipe.

Entrando à noite no centro, encontrou dona Eulália a sua espera, e já sentiu que não seria uma tarefa fácil. Devia ser um grupo grande, pois ela se sentia pesada, com dores pelo corpo, cansada, morrendo de dor de cabeça.

- Fique tranquila, Mariana. Todo esse incômodo vai passar. É apenas ressonância com o grupo que você irá atender.

- Todos os médiuns sentem isso?

- Sim. Mas como você cuidou da sua harmonização pessoal e das suas vidas passadas, o impacto em você é menor, é sentido só na hora do trabalho. Médiuns com harmonização menos integral, ou que não se cuidam, sentem de forma muito mais intensa. Por isso é necessária a harmonização prévia para fazer parte da minha equipe.

- Concordo. Não ia gostar de sentir tudo isso por mais tempo, de forma desnecessária. Ah, Lídia chegou!

- Acompanhe Lídia até a sala de atendimento um. Vou fazer a pequena palestra de abertura e já seguirei para lá.

Mariana recebeu a moça sorridente, que mal cabia em si de felicidade.

- Eu sei como funciona, sei que a princípio ele deve piorar. Mas só de saber que a melhora dele começa hoje, é um banho de felicidade na alma!

Feito todo o procedimento de abertura, era hora de finalmente conhecer a primeira vida passada de Felipe.

Dado o comando de sintonia, Mariana logo se encolheu e começou a chorar, como Felipe fizera na clínica.

- Socorro! Socorro! Não aguento mais!

- Fique calmo, meu amigo. Seu socorro chegou. Vamos te envolver agora em uma cúpula de proteção que te deixa imune a ataques. Veja, você não pode mais ser tocado por seus algozes.

O rapaz foi respirando com mais calma. Mal podia acreditar que iria ter um pouco de paz.

- Mas eles vão voltar!

- Isso só dependerá de você. Mas vamos primeiro cuidar da sua situação. Nesse momento, com ajuda dos mentores, você vai receber um banho de água crística, vestes novas, e uma luz verde vai cuidar de todas as suas feridas... Vá sentindo a paz da liberdade que te envolve neste momento.

A respiração de Mariana foi acalmando. E dona Eulália, séria, recebeu informações sobre a causa daquilo tudo.

- Vamos agora cuidar de todo esse grupo que te perseguia. Todos eles vão recebendo uma energia rosa no peito, de perdão. Vão lembrando um passado feliz, anterior a toda essa situação de vingança. Todos vão recebendo uma rosa energizada e um Evangelho. Essa maioria que já está aceitando ajuda vai seguindo para a luz. A terça parte que ainda resiste vai sendo levada para tratamento, com o objetivo que se prepare até o nosso próximo atendimento.

- Está tudo em paz agora – informou Mariana.

- Encaminhando todos para tratamento e orientação. Reacoplando a médium em 1...2...3...4...5...6...7. Graças a Deus.

- Nossa, eram tantos! – ela sorriu. Lídia estava muito feliz. Sentia que algo muito importante tinha acontecido ali, e que Felipe poderia começar a reagir.

- Foi um bom começo, não foi?

- Foi sim, Lídia – tranquilizou dona Eulália. – Minha preocupação é a parte que Sérgio me informou. Temo que você fique impressionada.

- Dona Eulália, pode me contar o que for. Eu, mais do que ninguém, tenho consciência do quanto o caso dele é sério. Sei que a parte espiritual por trás disso não será das mais bonitas.

- Sérgio, o mentor de Felipe, me explicou o porquê dessa perseguição. Aquela era uma situação entrevidas, um pós-morte. Foi a primeira das cinco situações que cuidaremos. A segunda é a vida anterior a isso, a causa da perseguição.

- E o que aconteceu antes? Eu sentia tanto ódio neles...

- Vou falar de uma vez: Felipe fazia tráfico ilegal de álcool, em uma época com vigência da Lei Seca. Além de ser responsável pelo processo de milhares de pessoas viciadas, ele também ganhou muito dinheiro com isso. Na verdade, ele fez parte da Máfia, no começo do século XX. Essa foi a última vida dele. Ou seja, esse pós-morte é onde ele estava antes de ser socorrido e reencarnar agora.

- E por que ele continuava preso ali?

- Por dissociação. Os cobradores todos continuaram atuando, e ele entrou em ressonância.

- E por que isso conta como se fossem duas situações? O pós-morte e o mafioso não são uma vida só?

- Porque uma coisa é a perseguição e agressão que as entidades fizeram. Nessa parte, ele é uma vítima indefesa. Já na segunda parte, ele é o algoz, o vilão. E esse mafioso nos trará bastante trabalho daqui em diante.

- Será difícil lidar com ele? – perguntou Mariana.

- O mais difícil é o fato de ser uma vida tão recente ainda sem preceitos morais básicos. Isso quer dizer que Felipe realmente é uma alma frágil, ainda engatinhando. Mas todo o desenvolvimento dele antes do vício mostra que ele aproveitou bem a encarnação atual, construiu laços de afeto, mudou comportamentos.

- Sim, disso eu sou uma prova viva e apaixonada! – declarou-se Lúcia – Será que já posso vê-lo?

.....

Capítulo 13

Choro

Mariana foi para casa descansar, a mando de dona Eulália. E todas chegaram à conclusão que era melhor deixar o casal ter um momento de privacidade, já que tinham muito que conversar.

Lídia foi autorizada para visita em horário livre, e saiu do centro direto para a clínica. Ela ainda não tinha contado a ninguém que tinha reencontrado Felipe, pois sabia que só teria problemas quando o fizesse.

Ao chegar, foi informada que ele estava consciente e podia recebê-la. Também foi dito que ele não se lembrava da visita anterior.

Com lágrimas nos olhos, ela se aproximou da porta. Felipe não pôde conter a emoção ao vê-la, pulou da cama com soro e tudo.

- Lili, é você!

- Ah, meu amor, que alegria!

Os dois deram um beijo tão apaixonado que arrancou aplausos das enfermeiras e dos outros internos. Era a realização dos sonhos de ambos!

- Como você me achou, sua maluca?

- Maluco é você, de sumir e me deixar sozinha desse jeito...

Felipe nem sabia direito como começar aquela conversa.

- Olha... Me perdoa. Eu só fiz aquilo porque queria te proteger, sabe? Na verdade eu tava tão confuso, tão bêbado, que nem sabia direito o que tava fazendo. Sei lá...

- Eu só acho que você deveria ter me dado o direito de escolher. Quando somos um casal, temos de tomar decisões conjuntas...

- É, eu sei, eu não fui nada legal com você. Se servir de consolo, eu sofri muito quando tava fora. Comi o pão que o Diabo amassou.

- Não serve de consolo, lógico. Como saber que você sofreu poderia servir de consolo, se eu te amo?

Felipe abriu um grande sorriso, com os olhos brilhando.

- Você ainda me ama, Lili? Depois disso tudo?

- Isso tudo serviu de instrumento para eu ter certeza que te amo do fundo da minha alma, e vou amar sempre. Quero casar com você, quero ter filhos com você, envelhecer do seu lado!

Felipe começou a chorar, até soluçar. Lídia também. Os dois se abraçaram, ela deitou na cama com ele. E eles ficaram mais de uma hora ali, chorando baixinho. Naquele choro foram lavando a alma e sedimentando a força da ligação que tinham.

- Como você tá se sentindo, Fê?

- Tá sendo bem difícil. Acho que tá sendo a crise mais forte de todas. Mas também, acho que eu nunca fiquei tanto tempo sem beber.

- Pois é, já vai fazer cinco dias que você chegou. Isso é ótimo. E é verdade: o recorde até agora tinha sido de quatro dias mesmo.

- Hoje eu tô me sentindo bem melhor.

- É a ajuda do centro. Encontramos o lugar certo!

Dona Eulália estava bem preocupada em casa. Agora entendia a aflição de Sofia, que já devia conhecer o caso completo desde o começo.

“Se a primeira vida, que é a última em ordem cronológica, é um mafioso... Imagina o que tem para trás! Será que Mariana dará conta?” – ela refletiu. “Bom, os mentores sabem o que estão fazendo. Vou ter fé e confiar neles.”

Nesse momento Sérgio apareceu:

- Boa noite, Eulália. Podemos conversar um pouco?

- Claro, Sérgio. Bem vindo!
- Eu vim para aprofundar um pouco o assunto e te dar algumas explicações de suporte.
- Que bom, fico agradecida.
- Em primeiro lugar, queria te dar uma informação básica que ajudará alcoólicos em geral, não apenas o meu protegido. É sobre as crises de abstinência.
- Ah, que bom, sempre quis entender melhor o que acontece espiritualmente nessa parte. O problema é a drenagem maciça de toxinas do duplo etérico? Por isso o alcoólico passa tão mal?
- Não somente. Isso é a luta física de desintoxicação do organismo. É a parte que os médicos mais estudam, por ser a mais acessível: a limpeza do fígado, dos componentes químicos do álcool que afetam o cérebro e a parte neurológica, toda a parte que causa o *delirium tremens*, as alucinações, as náuseas, o desespero pela bebida e tudo mais. Essa parte é igual para todos, e em casos de uso mais prolongado, é necessária a ajuda de clínicas especializadas. O que vim explicar é a parte que não é vista pelos olhos físicos.
- Ah, por favor, continue!
- Todo alcoólico sofre dois tipos de obsessão. O primeiro tipo é a obsessão feita por entidades, espíritos que o acompanham para beber junto. Esse grupo pode ser maior ou menor, de acordo com o caso.¹
- Sim, já recebi diversos casos assim lá no centro.
- O que será interessante para você observar, até para estudo, é que toda essa parte já foi tratada em Felipe, graças ao belo trabalho que você coordenou no último ano. Inclusive, como vocês puderam notar, esse é um trabalho de formiguinha. Tem de ser feito com muita calma e paciência, e

¹ Sobre essa parte, recomendo as ótimas obras que foram minhas companheiras enquanto estava fazendo a psicografia: “A ferro e flores”, de Ligia Barbieri Amaral, e “O despertar de um alcoólatra”, de Maria Rodrigues Salvador. (Nota da médium)

aparentemente não faz efeito algum. Aos olhos de todos, Felipe continuava o mesmo bêbado de sempre. Mas a olhos espirituais, um grupo enorme, de duas mil entidades, foi aos poucos socorrido.

- Sempre me perguntei se essa parte não poderia ter sido mais agilizada com a Apometria.

- Isso varia muito de caso a caso. No de Felipe, a resposta seria não. Ele realmente precisou desse tempo nas ruas, sozinho, para repensar suas atitudes e finalmente aceitar ajuda. Você entenderá isso melhor conforme for fazendo o tratamento e o estudo mais avançado do histórico dele. Pois bem. Mas esse é apenas o primeiro tipo de obsessão. Agora, lidaremos com o segundo, que é menos conhecido e altamente traiçoeiro: a auto-obsessão, ou seja, a obsessão feita por nossas personalidades de passado, nossas vidas passadas. Sei que você conhece bem o tema.

- Sim, costumo estudar bastante sobre isso.

- Pois bem, aí entra a questão da crise de abstinência. Em toda clínica de tratamento alcoólico, naturalmente há uma egrégora médica espiritual instalada. Eles podem cuidar de toda a parte dos obsessores, mesmo que seja um caso mais severo.

- Sim, já observei a atuação da equipe da clínica, eles são amorosíssimos.

-Mas o que costuma causar mais complicações são as vidas passadas. Na verdade, o que é categorizado como delírio e alucinação é real na espiritualidade. O comportamento do alcoólico durante a crise, o que ele fala e faz durante o delírio, costuma dar pistas sobre qual é o seu passado encarnatório – assim como vocês verificaram em Felipe.

- Então o que é dito e visto realmente aconteceu?

- Sim. Pode ocorrer o aparecimento de símbolos mesclados na narrativa, mas é tudo real. Por causa da desintoxicação, é como se naquele momento a pessoa ficasse totalmente sem filtro, como se ela e as vidas

passadas estivessem acontecendo ao mesmo tempo. E isso pode ser perigoso, dependendo do grau de simbiose entre as vidas passadas e a atual.

- Simbiose no sentido obsessivo normal, de um depender do outro para existir?

- Sim, só que em um nível muito mais aprofundado e complexo.



Capítulo 14

Perdão

- Você pode explicar melhor, Sérgio?

- Claro, para isso que vim! – o mentor sorriu. – Funciona assim: enquanto estamos lidando com entidades, por mais penoso que o trabalho seja, o objetivo final é alcançado cedo ou tarde: encaminhar a entidade para tratamento. Isso pode dar mais ou menos trabalho, de acordo com a situação de cada um.

- O vício fica muito mais forte no astral, não fica?

- Sim, cerca de até cinco vezes mais intenso. Por isso nosso objetivo final é tratar ao máximo o protegido enquanto ele ainda estiver no corpo físico, pois quando há o desencarne sem conscientização e drenagem das toxinas, nosso trabalho cresce muito.

- Já recebi entidades absolutamente desesperadas no centro...

- De fato, em casos de dependência mais aguda temos que prender os usuários em câmaras especiais nas colônias voltadas para esse tipo de tratamento. O desespero da crise é tamanho que há uma espécie de enlouquecimento parcial. Então, na verdade, nosso trabalho nessa parte é mais o procedimento operacional do encaminhamento.

- E com as vidas passadas, o processo é diferente?

- Sim, aí que eu queria chegar. Não podemos simplesmente afastar as vidas passadas para tratamento, pois elas fazem parte do condomínio espiritual da pessoa. Então, na prática, funciona assim: se entidades são encaminhadas e a pessoa tem uma recaída, ela atrairá outro grupo de espíritos, que poderão ser novamente tratados. É um trabalho meio sem fim, porque o que não falta são espíritos dependentes de álcool por aí. Mas,

considerando que aconteça uma mudança comportamental real, um apoio familiar e uma nova rede de amigos, pode-se ter a expectativa de uma mudança no quadro.

- Porém, a maioria dos alcoólicos já é dependente há muito mais de uma encarnação, certo?

- Sim. E aí temos a explicação para os casos mais graves, onde são necessárias várias intenações. Se estivermos tratando vidas passadas, é necessário que haja uma cooperação entre a vida atual e as vidas passadas dissociadas, que querem continuar bebendo – cada uma por suas razões.

- É mesmo, uma hora a vida vai ter que voltar do tratamento e ser reacoplada... Nossa, então isso quer dizer...

-... Exatamente o que você está pensando: em casos mais graves, onde houver a participação de mais de uma vida passada, a crise de abstinência será o momento de decisão, o xeque-mate para a pessoa decidir se realmente quer sair desse padrão ou não. O clamor das ideias fixas, pensamentos e condicionamentos chega ao nível mais insuportável. Lembra da décima terceira lei de Apometria?

- Sim... Enquanto houver bolsões de espíritos sofredores no passado do assistido, tratamentos não alcançarão total êxito!

- Exato. Por isso Felipe nunca passou da fase em que está agora. Vendo o primeiro grupo que foi atendido, a senhora pode imaginar com o que está lidando.

- Claro! Bom, resumindo então: basta observar o comportamento de Felipe, encarar tudo como literal, e continuar o atendimento das quatro vidas restantes. Certo?

- Exatamente. Não se preocupe com Mariana, estamos cuidando da proteção dela. A senhora já imagina qual será sua próxima tarefa?

- Sim. Estudar o código “moral” que regia mafiosos, para achar o ponto fraco de Ciccilio, a próxima vida que trataremos.

- Isso mesmo. Não será fácil, mas estamos estudando a melhor forma de fazê-lo. A volta de Lídia ajudará bastante.

- Ah sim, que italiano não adora uma boa história de amor? Tudo bem, podem contar comigo!

Enquanto isso, Lídia contava sobre seu último ano de vida para Felipe.

- Aí eu finalmente consegui aquele cliente que a gente tava batalhando, lembra? A produtora tá linda, eu fui tocando tudo da forma que pude. Tá no começo ainda, mas promete!

- Poxa, Lili, que máximo!

O olhar de Felipe estava distante.

- O que foi?

- É que... Eu fico te vendo tão cheia de vida, com tantos planos, e...

- Pode parar, Felipe. Eu não vou deixar você seguir por aí de novo. Vou repetir pela milésima vez: você não é um estorvo, não é um peso para mim, eu não mereço um cara muito melhor que você e blá, blá, blá. Que saco! Já sou bem grandinha para saber o que quero para a minha vida, isso é algo que EU tenho que decidir!

- Mas é como eu me sinto...

- Olha, ainda mais agora que você mudou e quer ajuda, tenho certeza que as coisas vão ser diferentes. Eu sei, você deve estar preocupado com a reação dos seus pais.

- Claro. Dona Eulália ligou lá uma vez, e meu pai foi super ríspido.

- Eles só estão magoados. Com o tempo vão ver que é verdade, que você mudou mesmo. Não vou te dizer que concordo com o que eles

fizeram: acredito que eu jamais deixaria um filho meu morar na rua passivamente. Mas, enfim, eles não são perfeitos.

- Fala sério, Lili. Você que é uma santa de ainda falar deles assim, depois de tudo que eles te fizeram passar. De perfeito aqueles dois não têm nada. Foram super ausentes, sempre acharam que dinheiro ia resolver tudo.

- Mesmo?

- Claro, nem pensaram em como eu me sentia com a atitude deles.

- Será? Mais uma vez, não tô dizendo que concordo com eles. Mas acho que eu entendo sim. Poxa, eles tinham tantos sonhos para você. Estavam acostumados com o Felipe doce e meigo que eu conheci. Pensa um pouco no lado deles!

- Não sei se a minha relação com eles tem salvação.

- Isso também vai depender de você. Se você quer retomar o contato, primeiro precisa se recuperar, voltar à vida normal, trabalhar, reconstruir sua vida. Aí eles vão ter de se render aos fatos.

- É...

- Aposto que eles também morrem de saudade.

Felipe suspirou. Tentava não pensar nisso, para não sofrer mais ainda. Mas também sentia muita falta da sua antiga vida. Dos pais, da família, da casa, do Philip (seu cachorro labrador), dos seus amigos. Parecia algo que tinha acontecido com outra pessoa, outro Felipe, centenas de anos atrás.

- Nem te contei: apesar de tudo, eu fiz amigos maravilhosos quando estava nas ruas. Principalmente o Edgar. Ele também é alcoólico como eu, mas ainda não estava conseguindo parar. Assim que eu melhorar quero muito ajudar o velho Ed.

- Claro. Eu vou lá com você, com prazer!

Os dois se abraçaram.

- Vamos dormir? Você precisa descansar, antes que as alucinações comecem de novo.

- Tá. Quer que mande chamar um táxi para você?

- De jeito nenhum! Eu inventei uma viagem, todo mundo acha que só volto daqui um mês. Já conversei com o dono da clínica. Ele abriu uma super exceção depois que contei nossa história, e me deixou ficar.

- Aqui? Mas...

Felipe ficou em dúvida.

- Nem mas nem meio mas. Daqui eu não saio, daqui ninguém me tira!

.....

Capítulo 15

Filhos que são pais

Felipe teve uma melhora considerável depois do primeiro atendimento. Dona Eulália explicou que, apesar da aparente rapidez e facilidade com que a situação foi resolvida, era um grupo muito grande – por isso tanto alívio.

Lídia estava em clima de lua-de-mel. Para ela era algo tão fantástico ver Felipe reagindo, que ela chegava a esquecer que estava em uma clínica de reabilitação.

Mariana também pôde baixar seu protecionismo maternal com Felipe, agora que Lídia estava presente. Ela ia visitar a ambos a cada dois dias. Mas fez questão de deixar seu celular, para caso acontecesse alguma crise, com ordens expressas de ser avisada.

Naquela tarde, ela e Ciça haviam ido passear no shopping com as crianças. Enquanto os três brincavam no playground, elas aproveitavam para colocar o papo em dia. Melissa, mesmo bebê, adorava brincar com Fabrício e Murilo, que a tratavam como a uma irmãzinha.

- Nossa, Mari, que história impressionante!

- Pois é, menina. Sabe, eu me sinto até honrada de fazer parte! É tão legal ver um rapaz jovem assim começar a se libertar desse poço de lama...

- É verdade. Se as pessoas soubessem o quanto o álcool pode ser destrutivo, pensariam bem antes de provar.

- É duro, né, Ciça? Porque é uma coisa tão arraigada na nossa cultura. Todo mundo acha normal e agradável beber uma cervejinha. Quem não bebe nada é careta. Complicado!

- Eu acho que deve ser essa a parte difícil para os pais dele entenderem. Se eles são ricos, devem viver em festas e eventos com as melhores bebidas. Eu bem sei, organizo tantos...

- Pois é, eles só esquecem que o alcoolismo não faz diferenciação entre quem é rico e quem é pobre. A única diferença é na hora de se tratar: o rico tem muito mais chance, porque o tratamento é caro.

- E deve ser mesmo complicado para o poder público, porque é um tratamento que requer uma equipe multidisciplinar, e tem alto índice de desistência... – refletiu Ciça.

- Mas enfim, o importante é que, graças a Deus, o Felipe tá indo bem. Inclusive tô achando tudo muito calmo, o mentor dele deve estar tendo o maior trabalho.

- Quando é o próximo atendimento?

- Amanhã.

Naquela mesma tarde, o pai de Felipe, Dimas, não conseguia parar de pensar no filho por mais que tentasse. Até que começou a falar sozinho:

“Não admito perder um segundo do meu dia pensando nesse ingrato. Só me deu desgosto. Eu, que sonhava ver ele bem sucedido, com um bom trabalho, tendo o nome reconhecido no mercado! Mas não: ele fez questão de buscar o pior caminho possível e de me deixar completamente envergonhado, sem nem poder ir aos eventos sociais direito. Onde já se viu, meu filho, um mendigo!”

Ele sentia tanta raiva daquilo tudo, que sequer podia considerar a hipótese de ir procurar Felipe. Também não admitia que ninguém falasse o nome dele em casa.

Julieta, sua esposa, caíra em depressão profunda depois que o filho foi embora. Como Felipe era filho único, foi um golpe muito duro para ela. Com muito custo, remédios e terapia, ela estava começando a reagir nos últimos meses. Mas nunca se conformara.

- Dimas, querido, por favor! Procura nosso filho! Se aquela senhora do centro ligou, ela deve saber onde ele está!

- De maneira nenhuma. Não vou me rebaixar dessa forma. Se ele quis fazer tamanha desfeita, renegando toda a estrutura que sempre demos a ele, ele vai ter então de colher todas as consequências de seus atos!

E Julieta chorava, se desesperava, mas era inútil. Ela era uma mulher à moda antiga: para ela era inconcebível ir contra uma ordem do marido, mesmo que às escondidas.

- O que posso fazer? Vou ter de me acostumar a viver sem meu menino. Sinto como se estivesse em um pesadelo eterno, onde é impossível acordar!

E ela rezava e rezava por ele. Praticamente o dia inteiro. Essa parte acabava sendo positiva, e inclusive ajudava muito no trabalho comandado por dona Eulália.

- Pronto para entrarmos no mundo da Máfia?

- Não deve ser nada agradável, mas... Vamos lá! – Mariana estava animada.

Dona Eulália explicou:

- Sérgio está aqui, informando que será bastante abordada hoje a relação de Felipe com seu pai, já que ele também está presente nessa vida da Máfia.

- Coitado desse homem...

- Sérgio conta que, nesse sentido, Felipe está sendo mais pai que filho. Faz parte do aprendizado de Dimas quebrar o orgulho e atingir a humildade. Entender que o dinheiro e os bens materiais não devem ser nosso único objetivo.

- Será que foi por isso que Felipe foi morar na rua, dona Eulália?

- Sim, Sérgio explica que esse foi um dos motivos. Quando tudo isso passar, e Felipe estiver de volta, os pais vão entender que o filho, apesar de tudo, não foi infeliz nas ruas. Ao contrário, conheceu grandes amigos, pessoas de grande valor que ele dificilmente encontraria nas altas rodas da sociedade.

- Realmente, essa deve ser uma lição e tanto. E aposto que vai ser muito difícil para eles engolir todo esse orgulho entranhado.

- Bom, com isso a gente se preocupa depois. Já sabe que o atendimento de hoje vai dar trabalho, não é?

Naquele exato momento o celular tocou. Ambas já imaginavam que algo deveria estar acontecendo, já que Lídia ainda não havia chegado.

- Oi, dona Eulália... – Lídia estava aos soluços, tentando se controlar. O barulho de objetos quebrando fazia com que sua voz ficasse quase inaudível. Era possível ouvir Felipe gritando e as enfermeiras intervindo.

- Minha filha, como você está?

- Aqui está um caos, mas eu sei que é por causa do atendimento. Liguei só para dizer o teor do delírio, para ver se ajuda vocês.

- E qual é?

- Ele fala que está em um lugar escuro, abraçado com uma mala cheia de dinheiro. Fica repetindo toda hora: “Os capangas estão chegando! Mas eu não vou me entregar, é o que o Frederico quer. Eu, Ciccilio Vorgato, não vou me entregar! Vou lutar até o último minuto!”

- Obrigada, Lúdia. Isso vai ajudar bastante. Ajude as enfermeiras a acalmá-lo, nós iremos resolver a situação aqui. Quando ele se acalmar pode ir dormir. Amanhã eu mesma passo aí e conto tudo o que aconteceu.

- Que Deus abençoe vocês duas. Nem sei o que falar, não estou acostumada a ter ajuda nessas horas...

- Pois agora você tem. Conecte-se com os amigos espirituais e reze, tudo vai ficar bem. Já chegamos à segunda vida, só faltarão três. Peça a Felipe para ser forte e nunca desistir, pois nós iremos com ele até o final.

Desligando o telefone, dona Eulália se preparou para começar. Inicialmente, ambas mandaram bastante energia violeta para o casal conseguir se acalmar.

.....

Capítulo 16

Na sarjeta

- Já estou entrando em sintonia com a segunda vida, dona Eulália. Posso deixar vir?

- Pode sim, minha filha. Vamos conectar com os mentores da casa, com Sofia e Sérgio, para podermos concluir essa tarefa.

Mariana começou a bufar: sua respiração foi ficando cada vez mais rápida. O homem, Ciccilio, estava em um momento de profunda tensão.

- Não vou devolver o dinheiro! Não vou! Vocês não vão me vencer!

- Acalme-se, Ciccilio. Vamos agora te levar para um jardim e te aplicar uma luz azul calmante, em 1...2...3...4...5...6...7. Pronto.

- Onde estou? – ele imediatamente relaxou.

- Entre amigos. Precisamos resolver essa pendência para que Felipe não sofra mais. Você sabe o que tem que fazer.

- Eu não posso...

- Você precisa.

- Mas se fizer isso não vou mais vê-la!

- Calma. Vamos recapitular tudo. Por que você entrou para a Máfia?

- A gente não costuma usar esse termo.

- Ah sim, desculpe: *Cosa Nostra*.

- Porque eles eram muito poderosos, mandavam em tudo.

- Mas você sabia que o dinheiro não era lícito. Foi por ela, não foi?

- Foi. Eu faria qualquer coisa para ficar com Giovanna. Ela era tão linda!

- Então você se envolveu nos negócios para ter dinheiro rápido...

- Sim. Ela era uma moça de família, jamais sequer olharia para mim se eu não tivesse dinheiro. E se eu não arrumasse logo, ela se casaria com outro facilmente.

- Mas você nunca pensou que seria tão complicado sair depois...

- *Vero*. O chefe gostava de mim, porque eu conhecia todo mundo. E a Lei Seca só facilitou tudo: a bebida ficou caríssima e nós ganhávamos verdadeiras fortunas.

- E também viciavam os jovens que tinham dinheiro para que eles consumissem bastante álcool, não é?

- Sim. Esse era o meu trabalho, na verdade. Mas eu não via a hora de sair, o mais rápido possível.

- Até que veio aquela oportunidade de roubar seu colega – o que infringia a regra número nove do código interno de conduta: “Não se pode apropriar de dinheiro pertencente a outras famílias ou outros mafiosos”.

- É. Eu não prestei atenção quando eles me falaram quais eram as regras e nem lembrava que não podia fazer isso. Pensei: “Ah, eles têm tanto dinheiro, nem vão dar por falta.” E era a quantia que eu precisava para fugir com Giovanna. A gente iria para longe, eles nunca saberiam.

- Mas eles foram mais rápidos.

- Sim, interceptaram a gente no porto. E mataram nós dois. Mas eu não pude ficar com ela depois que morri. Só agora.

- Você entende que é uma vida passada de Felipe? E que Lúcia é Giovanna?

- Sim, entendo. Mas também acabei me viciando na bebida. Hoje em dia estava feliz por ter voltado junto com minha amada e por dinheiro não ser mais problema. Mas quando Felipe bebeu pela primeira vez, não resisti e vim beber com ele. Eu e todo o grupo que fui responsável por viciar.

- Vocês aceitam ajuda?

- Não sei se vou poder colaborar. A abstinência é muito difícil e dolorosa do lado de cá.

- Eu sei. Mas todos vocês terão assistência completa. Olhe nessa tela para onde vocês serão levados: todas as instalações e cuidados que terão, até que todo o desespero passe e o corpo astral se regenere.

- É uma boa equipe. Mas ainda não estou certo...

- Faça isso em nome do seu amor por Giovanna. Vocês ainda podem ser felizes, Felipe e Lídia viverão tudo que foi interrompido. O que acha?

- Eu irei. Não aguento mais esse sofrimento. Todo o grupo está cansado. Mas vai caber? Somos muitos!

- Vai sim. Se for necessário, eles relocam o pessoal excedente para outras unidades. Deixe-me cuidar agora da parte energética, para poder ajudar as equipes.

- Está bem.

- Vamos reunir todos vocês em um círculo azul em 1...2...3...4...5...6...7. Todos vão tendo o álcool drenado do corpo com uma energia verde e violeta. Qualquer ferida vai sendo curada, qualquer dor vai sendo extirpada. Todos vão reencontrando entes queridos, que acompanharão cada um em sua maca, seguindo para tratamento especializado.

- Muito obrigado. A senhora está ajudando centenas de pessoas agora. Felipe e muitos outros encontrarão a paz.

- É um prazer ser instrumento da espiritualidade para isso. Graças a Deus. Vamos fechando a frequência de Felipe.

Finalizando o atendimento, todo o grupo seguiu para o Hospital.

.....

- E foi assim que tudo aconteceu.

- Que maravilha, dona Eulália! – comemorou Lídia. – Na hora exata que vocês estavam trabalhando ele aceitou a medicação e dormiu. Nossa, e dessa vez eu também fazia parte! Que alegria! Por isso me sinto tão ligada a ele...

- Ah, Lídia, o amor de vocês é tão bonito que não vou ficar nada surpresa se você aparecer mais vezes! – comentou Mariana, sorrindo.

- Acredito que deve ser por isso que ele precisou passar um tempo morando nas ruas. Deve ter mais nas próximas três vidas. Mas, me baseando nessa, possivelmente ficou gravada na alma dele uma culpa muito grande por ter se metido naquilo tudo e causado a morte de ambos por dinheiro. Deve ter ficado a jura de nunca mais ter dinheiro. E então, quando ele voltou a beber hoje e reaginou todo esse grupo, veio a tendência de dilapidar o patrimônio.

- Olha, faz sentido. Ele só faltava jogar dinheiro no lixo naquela fase. E eu nunca entendi por que ele se submeteu a morar na rua sem nada. Os pais dele fariam absolutamente qualquer coisa que ele pedisse.

- Aí aparece também uma boa disputa de poder entre eles. O colega mafioso que ele roubou hoje é Dimas.

- Puxa, isso explica muita coisa. Eles pareciam mesmo grandes rivais. Quem sabe o coração do seu Dimas amolece, né?

- Deus queira! Vamos encerrar esta noite fazendo uma prece juntas? Já que o tema é dinheiro, vamos fazer a prece de São Francisco!

E as três uniram seus corações: “Onde houver ódio, que eu leve o amor. Onde houver ofensa, que eu leve o perdão...”

A harmonia se fez sentir imediatamente na clínica – tanto na terrena quanto na astral. A energia da prece proferida foi subindo em uma forma espiral violeta, até atingir diretamente o coração de Ciccilio.

Era uma linda noite!

A esperança bateu forte no coração de Lídia.

- Graças a Deus, agora só faltam três vidas. Elas devem ser intensas, mas a força do amor será bem maior.

Uma sombra negra a observava de longe, nada feliz com aquilo tudo.

Capítulo 17

Começo do socorro

A recuperação de Felipe depois daquele encaminhamento foi impressionante. Ele se sentia em paz, bem disposto e a náusea parou.

Mas Lídia ainda não estava convencida. Sem dúvida, o prognóstico era ótimo: ele estava atingindo um mês de internação. Nunca tinha chegado tão longe.

Talvez justamente por ser uma fase inédita ela estava tão apreensiva. Não fazia a menor ideia do que esperar dali para frente. Será que seria possível sofrer ainda mais?

Pensando nisso tudo, ela se deu um dia de folga e foi passear em um parque. Ligou para Mariana no celular.

- Mari, desculpa te incomodar. Sei que é abuso, mas... Você poderia vir num parque aqui perto da clínica, aonde eu vim dar uma volta?

- Claro, adoro esse parque! Estava mesmo indo dar uma caminhada, eu passo aí. Espera uns cinco minutos, tá?

- Você é um amor. Vou comprar um lanche para a gente.

Minutos depois, Mariana chegou.

- Você deveria estar mais feliz, Lídia... O que está acontecendo?

- Boa pergunta. Acho que estou com medo do futuro. E com traumas do passado.

- Então vamos falar dos traumas para o medo melhorar. Como foram as dez internações anteriores?

- Uma pior que a outra. Sinceramente? Não sei como não desisti. Era sempre a mesma coisa, e ia piorando. Isso sem falar na pressão que meus sogros faziam: seu Dimas com as acusações, dona Julieta com a chantagem emocional.

- Você nunca falou direito dela. Que tipo de comportamento sua sogra tinha?

- Ela não entendia o básico: que o alcoolismo era uma doença e que Felipe era um homem feito. Só que quando ele estava em casa, ela só se preocupava com a vida social. E quando ele era internado na clínica, ela não aceitava que as enfermeiras cuidassem dele.

- Nossa, devia ser uma confusão.

- Imagina só! Ele teve dúzias de crises como as que você assistiu. Sempre repetindo as mesmas coisas. E de um lado era o pai xingando de vagabundo, e do outro a mãe não querendo que ninguém chegasse perto do menininho dela.

- Caramba... e as clínicas deixavam?

- Algumas eram mais linha dura, queriam proibir a presença deles. Mas as que se posicionavam assim eram logo abandonadas. Seu Dimas realmente acredita que o dinheiro compra tudo, acha que todos têm de fazer as suas vontades. Eu até acredito que se eles não atrapalhassem tanto, Felipe poderia ter ido até o final antes. Mas eles sempre sabotavam o tratamento.

- E você, como se sentia?

- Incrivelmente frustrada. Sempre que as coisas estavam se encaminhando, eles vinham e estragavam tudo.

- É, deve ter sido muito difícil mesmo...

- Foi. Mas estou me sentindo bem melhor hoje em dia.

As duas foram caminhando, aproveitando a chance de respirar ar puro e ouvir passarinhos – coisa que não é muito comum em uma cidade

como São Paulo. Mariana foi pensando melhor no que dizer. Até que respirou fundo e falou:

- Lídia, você ainda sente raiva do tempo que ele passou nas ruas?

- Ah, raiva eu não sei. Mas me incomoda sim. Afinal, eu me senti completamente abandonada! E injustiçada também. Tipo: nossa, depois de tudo que eu passei, ele ainda teve coragem de fazer isso comigo?!

- Deixa eu te perguntar uma coisa: você já parou para pensar que, se ele não tivesse feito isso e se desvinculado dos pais, nada disso estaria acontecendo hoje?

- Como assim?

- Não vou dizer que foi exatamente certo o que ele fez. De fato, ele poderia ter sido menos radical. Mas será que Felipe não precisou desse tempo sozinho para reunir forças e conseguir combater o vício para valer, assim como ele está fazendo agora?

- Nunca tinha pensado nisso...

- Pois é, talvez seja hora de pensar! E acredito que é hora também de por em prática tudo o que você aprendeu na terapia e no Al-Anon.

- Em que sentido?

- De se amar, Lídia. De se conectar com o seu lado espiritual, de acreditar que você é uma pessoa importante e merece o melhor. Para que tudo flua bem depois que Felipe sair dessa e conseguir viver sem a bebida, ele tem de ver você como uma mulher com boa autoestima, que se valoriza, que sabe o que quer, que não vive só em função dele. Senão fica uma coisa meio capacho, sabe?

- Entendi. Se ele sentir que estou sempre à disposição, não vai me valorizar e nem lutar para ficar comigo.

- Exatamente. O que vai acontecer é que você vai sair tão desgastada disso tudo que outra bonitona pode aparecer e facilmente roubar seu lugar.

Eu até acredito que a ligação de vocês é profunda, mas você sabe: estamos na Terra, e ele é homem.

- Tem razão, Mariana. Acho que eu tava precisando ouvir tudo isso. Com toda essa confusão, acabei deixando meu lado mulher para escanteio.

- Pois eu já sei para onde vamos agora. Fazer uma massagem, comprar umas roupas no shopping, cortar esse cabelo... Posso te dar um “dia de Lídia” de presente?

- Ai, Mari, você não existe!

- Espera aí, deixa eu escalar a *expert* no assunto: alô, Ciça?

- Meu Deus, essa menina precisa de uma geral! Mari, ainda bem que você me chamou. Eu não podia perder essa, vamos já para o meu cabeleireiro!

Rindo muito com a aflição de Ciça, o trio foi cuidar de Lídia. Depois de uma verdadeira maratona, com direito até a banho de ofurô, ela estava irreconhecível.

- Menina, que diva! Isso tudo não pode ficar escondido!

Lídia estava linda. Com um grande sorriso, ela voltou para a clínica e ouviu assovios de toda a equipe.

- Isso tudo é para mim? – Felipe estava boquiaberto.

- Para nós, meu amor. É para mim também. Eu estava precisando fazer as pazes comigo.

- Nossa, agora é bom eu sair daqui rapidinho, antes que mais gente veja esse avião...

Ela deu um beijo apaixonado em Felipe, feliz por ter alcançado exatamente o efeito que queria. Era agora o começo do socorro da alma de

Lídia, que também estava precisando de muitos cuidados. Afinal, ser a cuidadora não é uma tarefa fácil.

Lídia sentia que realmente aquela tarde tinha feito um impacto energético nela. Como é bom se sentir feliz com a gente mesmo!

Capítulo 18

No vale

A sombra que havia observado Lídia antes tinha nome: Carla.

- Ainda tenho algum tempo até eles chegarem em mim, já que sou a chefe. Preciso fazer alguma coisa! Ciccilio foi muito mais fraco do que eu pensava.

Carla era maga. Aprendera magia negra muitos séculos atrás, na Babilônia. Usava diversas poções e beberagens para entrar em transe, mas o que mais a interessava no álcool não era a substância em si.

- Essa maldita dessa velha está desfazendo todo o meu exército! Todos sabem que no astral inferior não existe dinheiro, a moeda é energia. E eu ando perdendo muita energia para o meu gosto com essa brincadeira. Desse jeito, vou acabar perdendo meu comando de vez.

Ela precisava de um plano tático. Mandou chamar Kiowa e Peter, as vidas que faltavam.

- Se não fizermos nada, em breve vocês serão chamados e perderemos todo o nosso esquema. É o que querem?

- CLARO QUE NÃO! – responderam em uníssono.

- Então precisamos partir para o ataque. O alvo mais óbvio é Mariana, mas é melhor nos dividirmos em várias frentes, já que ela tem muita proteção.

- No que você pensou? Vamos em cima deles de novo?

- Exato. Vai ser maravilhoso aqueles dois palermas atrapalhando tudo novamente. Kiowa, você cuida de Julieta. Peter, cuide de Dimas. Eu cuido de Mariana.

- E a namoradinha?

- Não vai poder fazer nada, como ela já anda pressentindo. Mas dela cuida todo o meu exército, não se preocupem. Dispensados.

Kiowa e Peter saíram de lá pensando em como fariam para que os pais descobrissem onde Felipe estava.

- Já sei! – gritou Kiowa. – O detetive não foi pago! Vamos nele.

- O que vou fazer? Dona Lídia sumiu, e os pais dela odeiam o garoto. Vou ter que ir aos pais dele, fazer o que? Afinal, são três mil reais!

Pensando nisso, o detetive bateu na porta de Dimas e Julieta para resolver o problema.

Dimas foi enérgico, como de costume, escorraçando o rapaz dali. Mas antes quis saber que história era aquela de detetive atrás do filho. Quando soube de tudo, com algumas ligações descobriu onde Felipe estava internado.

- Dimas, que maravilha, ele aceitou ajuda! – comemorou Julieta.

- Pois só acredito vendo! E quem está pagando por isso, o mendigo? Eu não vou dar um real do meu dinheiro para esse vagabundo!

- Posso ir vê-lo?

- Faça o que você quiser. Eu não quero vê-lo nem pintado de ouro. Ingrato, bastardo! E te proíbo de dar dinheiro para ele!

- Tudo bem.

E lá foi ela, de cabeça baixa, se arrumar para ver o filho.

Menos de meia hora depois, já estava na clínica. E quase deu um grito ao ver que Lídia estava lá. Como assim, aquela menina tinha assumido a frente de cuidar do seu bebê?

- Meu filho!

- Dona Julieta? O que a senhora está fazendo aqui?

Felipe e Lúdia se entreolharam, com cara espantada. Lúdia logo antecipou o que aconteceria em seguida. “Isso só pode ser coisa das trevas, tenho de avisar dona Eulália. Vai desandar todo o progresso que a gente tinha conseguido!” – pensou.

- Vim cuidar de você, claro!

- Ah, que bom, mãe. Mas eu quero te pedir agora, educadamente, para que a senhora vá embora.

Dessa vez Lúdia ficou de boca aberta. Ele nunca tinha falado assim com a mãe! E dona Julieta, de boquiaberta também, inicialmente, passou a enfurecida:

- Você está me expulsando, Felipe? Depois de tudo que fiz por você, depois de tudo que me fez sofrer?

- Olha, mãe, você vai me desculpar. Eu estou em tratamento, estou sendo muito bem cuidado aqui, e no momento realmente não quero estar em contato com vocês. Não vai ser bom para mim.

- O que você está falando é absurdo! E ela, você quer que fique?

- Quero. Ela vai ser minha esposa.

- E eu sou sua mãe!

- Sim. Mas ela, enquanto eu estava nas ruas, colocou um detetive particular atrás de mim. E a senhora, o que fez?

- Eu fiquei deprimida, tive de ser medicada!

- Pois é, mãe. Desculpe ter que falar assim com a senhora, que eu respeito, mas até nessa hora você foi egoísta. Você não ficou deprimida por mim. Ficou deprimida porque eu não cumpri o ideal de filho que você tinha e pela vergonha que ia passar perante a sociedade.

Julieta corou. Sabia que ele estava falando a verdade.

- Então, mãe, sinto muito. Estou bem melhor, estou fazendo o tratamento e conseguindo me desintoxicar. Até acredito que futuramente as coisas irão melhorar e poderemos reatar relações. Mas agora eu não quero.

- E o tratamento, como você está pagando?
- O centro fez um projeto financiando tudo.
- Então nem o nosso dinheiro você quer?
- Não. E peço licença, pois está na hora da minha terapia. Até mais.

Felipe saiu. Lídia saiu atrás, pois já imaginava o chique que teria de ouvir se ficasse. E Julieta ficou lá, chocada com aquela recepção. Sem outro remédio, foi embora.

Kiowa e Peter exultavam. Sabiam bem que aquele seria um extenso arsenal para eles armarem todo tipo de confusão na casa de Dimas e Julieta. Foram correndo contar para Carla.

- Maravilha, não poderia ser melhor! Estou aqui traçando meu plano de atuação contra Mariana. Vou ter que ser bem esperta, a vigilância sobre ela é cerrada.

- A enfermeira ainda está lá? – perguntou Kiowa.

- Sim, e esse é o maior problema. Como a danada é vidente, tenho que agir de alguma forma a distância. Vai ter que ser por aparelho ou mentalização, mas tenho que achar alguma brecha para implantar o que preciso. Algum momento em que ela esteja sozinha.

- Desdobrada à noite?

- Ela sempre reza antes de dormir. Só se eu fizer com que ela esqueça essa parte...

Carla sorriu com a ideia.

Capítulo 19

Xamã

Enquanto Carla continuava seus preparativos, Kiowa mergulhou em meditação profunda, lembrando da própria história.

Ela viveu muito antes de Carla: era uma das vidas passadas mais remotas de Felipe. Sua encarnação foi em uma tribo de índios americanos, no que pode ser considerada a Idade Antiga do continente, da qual restam poucos registros – apenas a tradição oral, passada milenarmente pelos sábios de cada povo.

Kiowa foi treinada desde que nasceu para ser a xamã da tribo, pois era assim que os Deuses queriam. Foi uma criança esperta e feliz, que adorava pesquisar e conversar com os anciãos. Respeitava e reverenciava profundamente a Natureza. Seu animal de poder era o búfalo – por isso ela era rápida e firme em suas decisões.

A aldeia vivia de forma absolutamente pacífica, em comunhão com o meio ambiente, honrando os deuses e em esquema de vida grupal. Todos se conheciam, eram amigos, e colaboravam nas tarefas conjuntas.

Ao entrar na adolescência, começou o treino de Kiowa para assumir a liderança futuramente, quando o xamã da tribo morresse – o que ele sabia que aconteceria em poucas luas. Xerowe havia exercido sua função com calma e sabedoria, sempre levando em conta o que era bom para todos: para a tribo e para o Planeta. Nenhum animal morria de forma desnecessária, nenhum doente tinha a vida prolongada se aquela fosse a sua hora. Tudo vivia em perfeita harmonia e equilíbrio.

Desde que Kiowa nasceu, o xamã Xerowe já sabia que não seria uma tarefa simples discipliná-la. Que inclusive seria parte da missão de Kiowa

decidir de qual lado escolheria futuramente ficar: do lado branco ou do lado negro. E isso caberia a ela, não a ele – ele só poderia orientar e educar pelo exemplo.

Ciente disso, Xerowe buscava ter uma série de conversas para orientação com a pequena xamã:

- O que está fazendo, Kiowa?

- Disciplinando minha mente, para aprender a entrar no mundo oculto.

- Por que isso é tão importante para você? Você sabe que, quando temos uma tarefa de cura, o espírito superior nos guia.

- Quero conhecer o mundo oculto. Quero pesquisá-lo, conhecer como a palma da minha mão.

- E é esse o objetivo?

- Para curar as pessoas tenho que saber aonde ir e que perigos irei enfrentar, não?

- Venha comigo.

Xerowe deu as mãos a ela, e rapidamente saiu do corpo. Ela o acompanhou.

Desdobrados, eles viram a aldeia lá embaixo, e foram flutuando para outro plano. Quando lá chegaram, havia um búfalo preto e um búfalo branco.

Kiowa, espantada, andou ao lado dos animais. Xerowe fez sinal para que ela se aproximasse do búfalo branco.

- Que energia ele te passa?

- De paz. Ele é calmo. Mas parece meio passivo, bobo. Como se os outros pudessem mandar nele.

- E o búfalo preto?

- Ah, ele é forte. Pode fazer o que quiser, ninguém manda nele.

Xerowe chamou os dois animais e os convidou para uma corrida. A disputa foi acirrada mas, quase no final, o búfalo preto caiu, porque estava forçando muito sua velocidade. O búfalo branco, que vinha mais devagar atrás, venceu facilmente.

Kiowa não conseguia entender por que o búfalo preto caiu, ele parecia tão preparado. Observando seu semblante de dúvida, Xerowe a convidou para sentar em um banco e calmamente explicou.

- As aparências enganam quando o assunto é magia ou espiritualidade, Kiowa. Nem sempre o caminho mais fácil é o melhor a se seguir. Nem sempre a força é o que importa. Nem sempre as decisões tomadas com base na força são as mais sábias. Às vezes precisamos de calma e introspecção para sabermos o que é melhor fazer. Já pensou nisso?

- Por isso o senhor vive quieto pelos cantos?

- Nesse sentido sim, é interessante educar a sua mente. O que aos olhos comuns pode parecer “estar quieto num canto” pode envolver muito mais ação do que se pensa. A oração, a conexão com os espíritos protetores da tribo, tudo isso é feito em silêncio. E nessas horas as melhores decisões são tomadas. Podemos ter visões simbólicas, e só com bastante calma e discernimento poderemos interpretá-las. Os bons espíritos nunca fazem as nossas tarefas, eles apenas nos ajudam a entendê-las. Mas a ação cabe a nós, e a ação correta pode ser muito mais sutil do que se pensa.

Depois que voltaram ao corpo, Kiowa continuou da mesma forma, com a mesma mentalidade. Para o xamã Xerowe era triste assistir isso, mas ele sabia que não poderia ser diferente. Não se pode exigir de uma criança a maturidade de um adulto.

O xamã viveu mais um ano, e deu uma série de aulas como aquela para Kiowa antes de fazer a Grande viagem. Ela pouco ouviu, mas muito teria que entender para poder ser útil. Seu período de liderança não seria pacífico como fora o de Xerowe.

Capítulo 20

Prisioneiro da tribo

Uma grande guerra começou. Era uma tribo do norte, que queria tomar aquelas terras. Todos se desesperaram pois não sabiam guerrear, sequer tinham armas. Aquilo nunca fora necessário.

Àquela altura, Kiowa era a xamã responsável. Depois que Xerowe morreu, ela teve acesso às plantas de poder, que seu mestre nunca tinha deixado que ela consumisse. Kiowa passou a fazer uso indiscriminado da substância, viciou-se nela. O uso certo seria o ritualístico, apenas com finalidade de cura. Mas ela passou a consumir a substância três, quatro vezes por dia.

Normalmente ela fazia aquilo escondido, mas com a guerra passou a ficar notório que ela não estava bem. De qualquer forma, todos ainda confiavam nela, e foram consultá-la para que fosse tomada a decisão de como reagir aos ataques.

Kiowa foi incisiva:

- Precisamos matar todos. É a única forma de resolver a situação. Peguem flechas e armas e escalpelem todos. Incluindo mulheres e crianças. Não deixem sobrar nenhum.

Os líderes estranharam a orientação, mas acreditaram nela. Acharam que os Deuses deveriam aprovar aquela matança por defesa, já que sua porta-voz assim estava dizendo.

E foi o que aconteceu. Os inimigos foram dizimados. Naturalmente, pouco tempo depois outro inimigo veio. E outro, e mais outro. Como não

eram bons guerreiros e nem treinados, um dia, quando por fim outra tribo mais forte chegou, toda a tribo de Kiowa pereceu.

Enquanto todo o mundo daquelas pessoas estava desabando, tudo que Kiowa queria era tomar mais chá, pois assim ela fugia da dor e saciava seu vício.

Às vezes, quando desdobrava, via Xerowe ao longe, olhando sério. Ela desviava e ficava no seu refúgio, alheia a tudo.

Por causa daquela orientação negra, milhares morreram. E Kiowa conquistou muitos inimigos.

Lídia estava observando que Felipe não estava bem. Depois da visita de Julieta, ele parecia alheio, em outro mundo.

Dona Eulália chegou para visitá-los. Como Felipe estava dormindo, Lídia aproveitou para compartilhar seus temores.

- Ele está esquisitíssimo depois que a mãe dele veio aqui, dona Eulália. O que será que está acontecendo?

- Infelizmente eu já sei, minha filha. Sérgio compareceu a minha casa ontem e me explicou quem é a próxima vida a ser tratada. É uma xamã chamada Kiowa.

- Nossa, ele foi mulher!

- Todos nós já fomos de ambos os sexos.

- E é ela que está deixando ele assim? Por que?

- Ela tomou decisões erradas, e era viciada no consumo de plantas de poder. Então, no caso dela lidaremos com dois fatores: o vício, que ela sacia com o álcool através de Felipe, já que causa o entorpecimento da mesma forma; e o grupo de obsessores que a persegue, tanto da própria tribo quanto das outras tribos que morreram por causa das orientações dela.

Ele está assim alheio porque é como ela ficava quando consumia seu chá. Mas pode aguardar: como faremos o atendimento amanhã, provavelmente ele terá outra crise.

- Bom saber, pelo menos já sei do que se trata. E se é um grupo grande assim, a crise deve ser bem violenta.

- Infelizmente, querida. Qualquer ajuda que precisar nos avise: posso mandar membros da equipe para te ajudar.

- Obrigada. Como tem a equipe de enfermagem, acho que eles dão conta. Nossa, levei o maior susto quando dona Julieta apareceu aqui. Pensei que ia começar tudo de novo!

- Ela veio porque foi a tarefa de Kiowa obsediá-la. As três vidas estão trabalhando juntas para sabotar o tratamento.

- Bem imaginei... A senhora tinha que ver como dona Julieta saiu daqui bufando! Mas se eu ainda tinha alguma dúvida de que o atendimento estava funcionando, perdi ali: nunca tinha visto Felipe se posicionar tão bem com a família!

- Claro que está longe de ser o ideal, mas creio que ele tomou a melhor decisão no momento. Ainda será um longo caminho reconstruir todo o estrago que o álcool causou na vida dele, e infelizmente os pais não seriam boa companhia agora, porque não compreendem o processo e em muitos aspectos são profundamente mais imaturos que Felipe.

- É verdade...

- Mas fique tranquila, minha filha. Aos poucos tudo se ajeitará.

- Graças a Deus. Tenho rezado muito.

- É o que de melhor você pode fazer no momento. Acredito que a crise não permitirá que você acompanhe o atendimento, mas Mariana já disse que virá para cá depois. Como já sei da situação, nem se preocupe em nos ligar, cuide apenas de acalmá-lo. Nesse momento, ele estará prisioneiro de muitas tribos.

Capítulo 21

Equipe em ação

- Não vão me soltar nunca? Eu quero arrancar essas cordas! Os bichos estão me comendo! Me larga, vai embora! Eu não fiz nada, eu quero meu chá!

Nem Carla pôde impedir a ação obsessiva sobre Kiowa quando chegou a vez dela de ser atendida. Ela foi levada à força por seus perseguidores.

- Ih, já vi que lá se vai mais uma. Quando dona Eulália vier com aquele papo mole, ela vai cair que nem patinho. Melhor eu me preparar para minha atuação nos próximos dias.

No dia seguinte, como esperado, Felipe amanheceu gritando. O teor era mais ou menos o mesmo de Kiowa.

Lídia, que já esperava por aquilo tudo, apenas pediu aos enfermeiros que dessem um sedativo para Felipe assim que conseguissem. E ficou rezando. Como daquela vez foi rápido e ele logo dormiu, ela aproveitou e correu para o centro.

Chegando lá, Mariana e dona Eulália já estavam recolhidas para começar a conversa com a xamã.

- Ai, que bom, deu tempo de chegar! Ele já está sedado.

- Seja bem vinda, Lídia, venha orar conosco. Faça a Prece de Cáritas.

Sorrindo e com muita fé, Lídia começou:

- “Deus, que sois todo poder e bondade...”

O ambiente logo se iluminou – estava tudo pronto. Lídia estava muito feliz por ver aquela terceira etapa sendo cumprida.

- Ela está amarrada e revoltada. Vou deixá-la falar – preparou-se Mariana.

- Boa noite, Kiowa.

- Conseguiu o que queria, não é? Pronto, já estou aqui amarrada! Feliz?

- Quem criou tudo isso foi você mesma. Estou aqui para ajudá-la a fazer escolhas melhores.

- Se estão tão preocupadas com as minhas escolhas, deviam me deixar em paz!

Dona Eulália, com muita compaixão, continuou o diálogo:

- Mesmo que eu quisesse, Kiowa, a sua paz só será encontrada quando você mesma permitir. Não percebe o erro que cometeu?

- E eu lá me importo?

-Você era a chefe espiritual daquele povo. Escolheu o caminho errado. Pela lei de ação e reação, está sendo perseguida. O que sugere que seja feito a partir daí?

- Não sei, nem consigo pensar direito. Quero meu chá!

- Então, em primeiro lugar, vamos cuidar da sua parte energética. Vamos recompondo todos os furos e manchas que estão no seu corpo etérico por conta do mau uso das plantas de poder. Olhe nesse espelho como você está...

- Isso é mentira. Sou uma xamã! Como poderia estar assim?

- Por causa do abuso. As substâncias deveriam ser usadas apenas em ritual. Você começou a usá-las como se estivesse bebendo água, e isso teve consequências. Pense bem: você gostaria de estar no lugar de um pai, de uma mãe, das crianças que morreram?

- Mas...

- Você apenas deu aquela orientação porque nem tinha mais ciência de quem era direito. Vamos retomar todo o conhecimento que você adquiriu no seu treinamento. Vá sentindo, com essa luz amarela, sua mente retomar todas as informações.

- Eu não me arrependo do caminho que segui!

- Olhe no fundo do seu coração, Kiowa. Veja se isso é mesmo verdade. Lembre-se de como era sua vida antes de seguir o caminho negro, como você era feliz. Você apenas se deixou levar pela curiosidade, pelo fenomênico.

- E daí?

- Estamos agora trabalhando para desfazer todos os prejuízos que você causou, e a sua colaboração é fundamental. Você entende que ao continuar nessa frequência mental apenas colherá mais sofrimento? Vou agora te levar até o futuro, caso você continue no mesmo caminho que está agora. Veja como será.

- Não quero ficar nesse lugar escuro e horrível!

- Então volte em 1...2...3... Entende o que estou tentando te mostrar?

- Entendo, mas não aceito!

- Então vamos trazer aqui seu mestre. Olhe nos olhos dele, sinta sua energia. Lembre-se dos seus estudos, do seu caminho inicial como xamã. Ele quer te dar um abraço!

A energia na sala transformou-se por completo. Lídia logo começou a chorar. Era uma energia tão forte que era quase possível sentir o cheiro da mata, da cachoeira, dos prados, dos animais. A Mãe Natureza estava ali, envolvendo a todos, para que aquele problema milenar pudesse ser resolvido.

Logo Kiowa também estava aos prantos.

Capítulo 22

Xerowe

- Não, não posso encará-lo...
- Xerowe está conosco para cuidar de você, assim como já fez antes.
- Sinto vergonha, embora ele diga que não preciso sentir. Ele confiou em mim, e eu me tornei uma viciada...
- O que ele está te dizendo?
- Está me mostrando de novo o búfalo branco e o búfalo negro.
- Entende agora o que ele queria dizer?
- Sim... Ele diz que eu preciso ajudar Felipe a retomar o caminho branco. Ele já escolheu esse caminho. O que faz com que reincida é apenas o vício, com o qual eu colaboro. Ele insiste que essa é uma grande oportunidade de rever meus erros e pedir perdão a todos que fiz mal.
- De fato. O que acha de seguir a recomendação dele?
- Eu não sei... Devo obediência a Carla.
- Esse é o nome da personalidade líder, não é?
- Sim, ela é a líder e Peter ainda está lá assessorando. Mas não sei, não é só por ela. Eu sinto muita falta de tomar meu chá, não sei se conseguirei viver sem ele. Ele me dava paz e alegria. Eu ia para um mundo feliz, sem problemas...
- Se é desse tipo de mundo que você quer fazer parte, basta evoluir, ajudar Felipe – que é seu representante – na sua caminhada evolutiva. O mundo que vivemos está longe de ser perfeito, mas você pode auxiliar Felipe a transformá-lo, a trazer paz para si mesmo e para as pessoas com quem ele convive. Vou mandar bastante luz rosa para seu coração agora, para que você entenda melhor.

Kiowa foi sendo envolvida por todo aquele carinho, e finalmente se arrependeu. Começou a chorar, chorar, como se não conseguisse mais parar. O pedido de perdão foi natural: a partir daquele momento, ela não poderia fazer mais nada além disso.

- Eles me olham com tanta raiva... Não vai adiantar pedir perdão, não vou conseguir!

- Pois observe a reação deles. Seu mestre está te ajudando. Olhe como eles reagem ao ver Xerowe!

- Eles só aceitam por causa de Xerowe.

- Não, não é só por causa dele. Eles agora percebem que você realmente mudou e quer mudar cada vez mais.

- Eles estão vindo me abraçar! Mas eu não mereço!

- É claro que merece. Todos nós merecemos alegrias quando encontramos o caminho do Bem, mesmo que isso aconteça tardiamente... Nesse momento vou usar com você a técnica da Pneumiatría: você entrará em contato com seu Eu Superior, com a esfera crística dentro de você. Vá conectando com tudo de belo e bom, com o patrimônio espiritual de seu espírito, em 1...2...3...4...5...6...7...

- Que paz maravilhosa! Não quero mais sair desse estado! Eu posso ir com Xerowe?

- Veja quem está chegando para te buscar.

- Um búfalo branco! Ele quer que eu monte nele!

- Então vá em paz, querida.

Kiowa seguiu em paz rumo a um túnel de luz, envolta na tranquilidade da missão cumprida. Seguindo-a, toda uma multidão foi cantando canções indígenas, comemorando a liberdade e a união de seu povo.

As três se emocionaram com a cena, que foi belíssima.

- Dona Eulália, então no caso dela o grande problema era ter usado mal o conhecimento? – perguntou Lídia.

- Sim. Por conta da situação, Kiowa usou indiscriminadamente as plantas de poder, que têm um caráter tóxico se forem consumidas nessas condições. Muitos trabalhos belíssimos são feitos com plantas de poder, mas os iniciados sabem que devem fazer uso apenas em rituais, e mesmo assim com parcimônia. O que importa não é o fenômeno físico do desdobramento, mas a utilidade desse desdobramento – e no caso, o uso para cura.

- Então ele vai ter mais facilidade agora em parar de beber?

- Sim. Ainda temos Carla e Peter pela frente, e não sei qual a situação deles. Mas deve ser crítica. Porém, no que se refere a Kiowa, já será de grande ajuda para Felipe a redenção dela, pois todo esse grupo que a acompanhava foi encaminhado. Quando eu ia visitar Felipe na clínica, sempre via um índio muito iluminado de guarda na porta do quarto. Sempre achei que fosse da equipe espiritual da clínica. Mas não, era Xerowe.

- Ele tinha uma energia tão pura, diferente... – comentou Mariana. Nunca tinha sentido algo assim.

- A energia dele é atlante. Os mestres atlantes migraram para várias regiões depois que a Atlântida afundou, e a América do Norte foi um desses lugares.

- E ainda tem gente que acha que índio é primitivo... – riu Lídia.

- Ah, sem dúvida de primitivos eles não têm nada! – afirmou dona Eulália – Primitivos somos nós, que destruimos a natureza mesmo com todo o conhecimento que temos disponível. Se cada um fizesse sua parte, o cenário mundial poderia ser bem diferente.

- Vamos orar pelo Planeta? – pediu Lídia.

- Claro, adoro! – se empolgou Mariana.

- Façamos melhor: os atendimentos estão terminando, vou reunir todos no salão para orarmos juntos.

Foi feito um lindo trabalho coletivo para harmonizar todo o planeta e seus habitantes, para que todos desenvolvessem uma consciência mais elevada, Crística, sem apegos e sem destruição da Natureza².

Xerowe abençoou a todos e envolveu o grupo em muita luz azul e branca, para trazer calma e paz. Sorriu feliz, por ver um trabalho tão belo sendo feito com tanto carinho.

Sérgio, então, não cabia em si de tanta felicidade. Finalmente a equipe estava conseguindo ajudar Felipe com toda a profundidade que seu caso exigia.

Sofia veio conversar com ele.

- Parabéns, Sérgio. Você deve estar muito feliz – disse séria.

- Fique tranquila, Sofia – ele adiantou, já percebendo seus pensamentos – Sei que será difícil para você presenciar Mariana sendo atacada de novo. Mas todos iremos ajudá-la, ela conseguirá sair desse padrão vibracional rapidamente.

- Eu sei... Mas é muito difícil para mim, amo muito Mariana!

- Entendo perfeitamente como você se sente: também tenho vínculos de passado com Felipe. Mas você sabe, embora ela vá sofrer um pouco, será necessário para sua evolução. Nosso trabalho é fazer com que ela entenda a lição o mais rápido que puder, para que o sofrimento seja

² No dia que psicografei esse trecho, aconteceu o terremoto e a tsunami no Japão. Dona Eulália pediu para que todos os leitores, nesse trecho, façam a sua parte, mandando energias positivas para nossa Mãe Terra, que tanto precisa (Nota da Médium)

necessário pelo mínimo de tempo possível. E nisso te ajudarei com todo prazer.

- Obrigada, Sérgio. Você tem razão, tenho de me controlar. Vamos então festejar por Felipe!

Os mentores deram os braços e foram até a clínica, assistir ao encontro romântico de Felipe e Lídia. A cada dia crescia a esperança do casal de ver aquele inferno terminar.

- Ai, meu amor, será que é verdade? Me belisca!

- É sim, minha princesa. Prometo que vou ser o melhor fotógrafo do mundo e te fazer super feliz, ter muitos filhos com você. Em breve eu saio daqui!

Capítulo 23

Sofia ajuda

Depois do atendimento de Kiowa, Mariana tirou um dia de folga para descansar. Embora aparentemente estivesse tudo bem, ela sentia uma vibração pesada, terrível, que a deixava meio prostrada. Como naquele dia ela não tinha nenhuma aula, resolveu se dar folga – claro, na companhia de sua fiel escudeira Ciça.

- Oi, querida! Nossa, que lindo esse restaurante, eu não conhecia!

- É novo, abriu semana passada. Mari, que cara de sono é essa?

- Ai, amiga, eu nem estou cansada, mas foi por isso que resolvi tirar um dia pra mim. Sabe como é, essa coisa de clínica e centro direto acaba com a gente.

- Pois fez muito bem. E vou te levar daqui direto pro salão!

- Não esperava nada diferente. (risos)

As duas ficaram escolhendo seus pratos. Notando a expressão e o silêncio da amiga, que Ciça tanto conhecia, ela foi bem enfática:

- Mari, chega desse papo de ser a santa salvadora dos pobres e oprimidos. Quem não te conhece direito não percebe, mas a mim você não engana. Você está se desgastando demais com isso. Olha, trabalho mediúnico é importante, mas a gente tem de saber administrar as coisas, não pode ser o centro da nossa vida desse jeito! Quanto tempo faz que você não brinca com os meninos?

- Você tem toda a razão, Ciça. Por isso mesmo me dei esse tempo.

- Claro, também não estou te dizendo para não se dedicar ao caso. Acho lindo o trabalho que você vem fazendo. Mas, ainda mais agora que tá

no final, você precisa se cuidar muito. Os obsessores devem estar de olho em você, amiga!

- Isso eu sinto que estão mesmo, que qualquer bobeadinha eu caio. Estou rezando bastante.

- Toma cuidado para nunca esquecer de rezar antes de dormir, pois é o que eles mais querem.

- É, eu sei. E a fofa da Melissa?

- Tá lá em casa, com o maridão. Nossa, nunca achei que ia curtir tanto essa vida de casada, sabia? Tá sendo o máximo! O meu Felipe, o meu mentor, deve estar super orgulhoso de mim...

- Disso não restam dúvidas!

Bronca dada, o almoço seguiu na alegria e harmonia que sempre envolvia as duas amigas.

- Que delícia de comida, amei! Vamos para onde daqui?

- Hoje sou toda sua. Quem melhor para definir um roteiro de beleza?

- Já sei... Tenho um salão me devendo um dia da noiva. Quer ser noiva por um dia? Eles adaptam para mil tratamentos quando a pessoa não vai casar.

- Ai, que delícia! E você, faz também?

- Claro!

Era tudo que Mariana estava precisando. Esqueceu da vida ali no meio das massagens e mimos que ganhou, foi um dia absolutamente feminino e perfumado.

- É, já vi que esse povo não tá pra brincadeira mesmo. Essa Mariana tá parecendo gente famosa, sempre tem um guarda-costas de plantão. Com ela indo se cuidar, ainda por cima, não sei muito o que me resta. A não ser... Sim, claro, como não pensei nisso antes? Obsessão indireta!

Assim que um de seus comandados trouxe a ficha kármica de Mariana, Carla comemorou:

- Ótimo! Suzette guardou essa carta na manga contra ela e não teve tempo de usar. Mas eu tenho! A secretária que gosta de Carlos!

Todo o plano de Carla focou-se na pobre garota. Claudia realmente alimentava um amor secreto por Carlos, mas nunca se pronunciara a respeito. Ele era casado, ela conhecia Mariana e não queria causar nenhum tipo de problema.

Mas Claudia era perfeita para as intenções de Carla. Era muito bonita e simpática.

- E afinal, eu nem preciso que aconteça alguma coisa. Uma boa suspeita já basta. É o jeito, vou focar toda a minha atenção nisso!

Sofia chamou Sérgio na hora.

- O que faremos? Será que Mari vai ter presença de espírito para perceber? Ai, tudo que eu não precisava agora era de uma crise conjugal entre os dois!

- Fique calma, podemos contar com dona Eulália e com Lúcia. Primeiro temos que ver o que Carla vai armar. Mas o vínculo de Carlos e Mariana é forte, duvido que ela se deixe abalar.

Nesse momento Sérgio ficou sério e de olhos arregalados.

- Retiro o que eu disse. Ela realmente pegou pesado! Vamos ter de agir muito rápido, mas não sei se vai dar tempo, o estrago já tá feito.

- Ah, meu Deus!

Carla agiu em minutos. Incorporou em Claudia e fez com que ela colocasse sonífero na bebida de Carlos. Como era bem potente, ele dormiu em menos de cinco minutos. Por sorte, naquele dia ela estava com uma lingerie muito provocante.

Carla fez com que ela ligasse no celular de Mariana, aproveitando que ela estava de carro e sozinha, passando perto do escritório.

- Mariana, aqui é Claudia, tudo bom? Carlos pediu para você passar aqui com urgência, você pode vir?

- Tudo bem, estarei aí em minutos.

Carla, incorporada em Claudia, ficou só de lingerie, deitada em cima de Carlos. E foi essa cena que Mariana assistiu quando chegou ao escritório. Só não se sabia quem estava mais grogue: Carlos ou Claudia, depois que Carla saiu de seu corpo.

Mariana ficou em estado de choque. Não falou nada, simplesmente deu meia volta e foi para um parque pensar, chorando convulsivamente.

- Dona Eulália, por favor, acuda!

- Olá, Sofia. O que houve?

- Uma situação beem complicada, vou precisar muito da senhora!

Depois de colocá-la a par de tudo, ambas ficaram pensando no que fazer.

- Realmente, Carla foi rápida e esperta. Vai ser difícil convencer Mariana que não aconteceu nada.

- Nem diga! Graças a Deus que não é toda vida passada que tem conhecimento para incorporar em outras pessoas, senão a situação do mundo ia ser caótica!

- Pois é por isso que ela já está mesmo ficando caótica. Um número maior de pessoas não está cuidando da própria espiritualidade e está ficando aberta a ataques, como foi o caso de Claudia. Bom, mas vamos primeiro resolver o problema. Onde Mariana está?

- Em um parque aqui perto, eu acompanho a senhora.

Chegando lá, não foi difícil encontrar Mariana, em uma crise emocional profunda.

-Ai, dona Eulália, graças a Deus! Como a senhora me encontrou aqui?

Sofia aproveitou que já era possível e se fez visível para Mariana.

- Ela me trouxe. – disse dona Eulália, sorrindo. – Vamos precisar da sua fé e da sua maturidade agora. Carlos não fez nada: foi tudo um plano de Carla, a vida passada mais forte de Felipe.

- Como assim? Uma vida passada pode incorporar em outra pessoa também? – Mariana estava espantada com a ideia.

- Se ela tiver conhecimento para isso, sim. É menos comum que aconteça, porque a vida passada precisa estar dissociada propositalmente, ou seja, tem que saber que é uma vida passada e estar contra a proposta da vida atual. Além disso, precisa saber como funciona o trâmite de incorporação entre encarnados, o que requer conhecimentos de magia ou psicologia que nem todas as vidas passadas conhecem. É mais comum que ocorra uma influencição ou sintonia. – finalizou Dona Eulália.

- E o encarnado alvo?

- É o terceiro fator, querida. – explicou Sofia. – Para isso acontecer, é necessário um encarnado que seja médium e não cuide de sua espiritualidade, ou que seja um médium invigilante.

- Então nada disso foi culpa de Carlos ou de Claudia?

- A única culpa que Claudia tem é ser apaixonada por Carlos. A única culpa que Carlos tem é saber disso e não ter demitido Claudia. Meninas, vocês podem cuidar disso sem mim? Estou sendo chamada.

- Tudo bem, Sofia. Dona Eulália cuida de mim, eu vou ficar bem. Até mais!

Sofia partiu para outra missão, enquanto dona Eulália continuava suas explicações a Mariana.

- Carlos já sabia da paixão secreta de Claudia, ele havia comentado esse assunto comigo. Estava em conflito, pois achava injusto demitir a moça apenas por causa disso. Ela é uma ótima profissional.

- Mas e agora? Ela vai acordar lá de lingerie, e ele vai acordar com ela em cima dele?

- Acredito que Sofia foi cuidar exatamente disso. Você e Carlos precisam agora conversar sobre o que acham melhor fazer no caso. Mas lembre-se: ele não fez absolutamente nada, apenas tomou café e dormiu.

- Vou tentar... A cena foi muito impactante para mim.

- O ideal é conversar abertamente sobre isso com ele. Ele nem tem ideia do que aconteceu. Lembre-se do dia em que você bebeu todas e apagou: foi culpa sua?

Mariana corou, entendendo exatamente o que dona Eulália queria dizer: Atire a primeira pedra quem nunca errou.

- Tá bom, já entendi... (risos)

- Precisamos ser maduras nessas horas. Senão, as trevas conseguem exatamente o que querem. Temos de manter o nosso foco, pois antes de Carla ainda teremos que nos entender com Peter. Vá, minha filha, tenho certeza que você conseguirá resolver toda essa confusão baseada no amor que une vocês dois.

Capítulo 24

Amor X Ódio

Com essa situação nada agradável para lidar, Mariana voltou para casa. Fabrício e Murilo correram para abraçá-la. Realmente, brincar com eles seria ótimo para aliviar a tensão.

- Oi, meus amores! Do que vocês estão brincando hoje?

- De pega-pega! Tá com você, mamãe!

E começou a correria pela casa, cheia de risadas e gritinhos. Mariana realmente se empolgava nesses momentos, parecia tão criança quanto os filhos.

Depois de meia hora de muita correria, ela caiu sentada no sofá.

- Ufa! Desse jeito nem preciso ir fazer academia!

Os dois sentaram junto dela para assistir TV.

- Mamãe, tá sendo difícil aguentar a Carla e o Peter, né? – perguntou Murilo.

Mariana nem se espantava mais, o menino era médium e pronto.

- Sim, filho. Mas vai ficar tudo bem, daqui a pouco dona Eulália ganha deles.

- Eu rezo por eles toda noite, sabe? Já falei pro Fabrício rezar também, mas às vezes ele dorme primeiro e eu tenho que cutucar, senão ele dorme sem rezar e vai para lugar ruim.

- Faz muito bem, meu filho. Rezar é fundamental.

Mariana ficou pensando que, realmente, era muito abençoada por ter filhos tão especiais. “Não posso me deixar abalar. Seja qual for o problema de Carla, é com amor que vamos resolver”.

Observando tudo aquilo, o ódio calava fundo no peito de Carla. Ódio por Mariana, pela humanidade, por tudo.

Peter a observava, sentindo aquele ódio forte no peito também. Ele sabia que não deveria mais se entregar àquele tipo de emoção, que aquilo só causava prejuízos. Mas não podia evitar, principalmente quando se lembrava de sua história. Para ele era muito fácil perseguir Dimas, pois foi ele que começou tudo.

Peter era comerciante na época das grandes navegações. Possuía uma frota de navios que trazia especiarias do Oriente, e era rico e famoso pela qualidade de suas mercadorias. Tinha origem inglesa, mas morava na Itália, para facilitar a distribuição de seus produtos.

Tudo ia muito bem na vida dele, até que um concorrente resolveu acabar com a festa. Na verdade, o segredo do sucesso de Peter era a forma com que ele tratava seus clientes: sempre atencioso, dava descontos para os mais assíduos, fazia contatos pessoalmente, ensinava as servas a usarem melhor os temperos.

Giácomo, seu rival, só queria saber de dinheiro. Justamente por isso não prosperava, pois o cliente, para ele, era apenas um detalhe. Se o bolso estivesse cheio, não se incomodava minimamente com a satisfação do cliente. Inclusive, achava aquele povo todo muito entediante, queria que eles pagassem logo para finalizar a transação e ser deixado em paz. Naturalmente, era visto como arrogante e desagradável por todos.

Conforme o tempo passava, cada vez mais Peter enriquecia e Giácomo ficava sem procura. Inicialmente ele tentou lançar boatos sobre Peter, falando para todos: “Esses estrangeiros vem para cá roubar o que é nosso. Onde já se viu, chegam aqui e acham que podem fazer o que bem

entendem! Esse Peter, por exemplo. Vai saber por que ele veio para cá. Será que não deixou algum crime para trás?”

Mas os boatos não encontravam terra fértil para prosseguir. Todos viam as atitudes e a forma de Peter lidar com as pessoas, e rapidamente creditavam aquilo à inveja de Giácomo. Este, conforme foi percebendo que não obteria qualquer resultado agindo daquela forma, decidiu passar para uma ação mais ofensiva e direta.

Peter estava ansioso aguardando sua frota, que vinha completamente carregada. Aquele carregamento seria responsável por todas as suas vendas nos próximos dois anos. Já deveria ter chegado, mas a viagem era longuíssima, cheia de imprevistos, e a tripulação tinha poucas opções para comunicar-se. Ele inclusive tinha comprado todas as provisões para a próxima viagem, já que os navios apenas entregariam a carga e voltariam para pegar mais.

Giácomo contratou então um grupo de mercenários, com a seguinte missão: localizar a frota de Peter, que contava com vinte navios, e queimar tudo, sem deixar sobreviventes. Centenas de pessoas morreriam, mas ele não se importava: a meta era derrotar seu rival, e reinar soberano.

E assim foi. Com a frota toda destruída, Peter não teve outro remédio: declarou falência. Suas economias duraram por cerca de três meses, mas ele teve de pagar uma série de investimentos que tinha feito antes. Com toda a mercadoria perdida, ele ficou literalmente a ver navios.

Por mais que as pessoas gostassem dele, quando ele perdeu o prestígio social todos se afastaram. Até que a situação atingiu seu extremo, e Peter precisou mendigar na rua. A sociedade era muito estratificada, não havia espaço para outro tipo de trabalho. Seu dinheiro não era suficiente para voltar à Inglaterra, e nenhum dos antigos colegas quis levá-lo de graça.

Peter aceitou seu destino, mas não de forma muito saudável. Sobreviveu nas ruas por mais um ano, até morrer congelado em um inverno rigoroso. A única companhia que ele tinha era a bebida: o pouco dinheiro que ganhava ia para esse fim. Afinal, bebendo ele esquecia um pouco todo aquele triste destino, e também tinha nutrientes para continuar o dia como se tivesse comido algo. Com o tempo, o corpo foi ficando debilitado por causa do alto consumo de álcool, o que levou à sua morte prematura.

Até morrer, Peter acreditava que o acidente tivesse sido acidente mesmo, algum raio ou catástrofe natural. Quando descobriu a situação real, odiou Giácomo profundamente. Ficou muito tempo perseguindo seu algoz, causando uma série de problemas na vida dele.

Quando chegou a vez de Felipe reencarnar, e Peter soube que Giácomo seria Dimas, tentou se opor e convencer os Senhores do Karma que não aguentaria voltar como filho de quem mais odiava.

- Peter, Felipe te ensinará a amar Giácomo. Como pai, eles terão um vínculo forte, aprenderão a conviver com suas diferenças e a crescerem juntos.

- Mas e quando chegar a hora de Felipe trabalhar? Como vai ser? Dimas vai disputar com ele de novo!

- Haverá sim essa questão. Mas eles terão de lidar com isso e resolver essa pendência. E você, junto com Felipe, irá parar de consumir o álcool, que te escraviza desde aquela época.

E assim foi. Por isso Peter tinha todo o prazer em obsediar Dimas atualmente, e mais prazer ainda em beber através de Felipe. Seus pensamentos diários eram: “Por mim, não haverá paz. Como posso perdoar Giácomo por tudo que ele me fez?”

Enquanto Peter rememorava tudo aquilo, dona Eulália era informada da situação.

- Que bom, Sérgio. Esse caso será um pouco mais ameno do que Kiowa, por se tratar da consequência direta do que ela fez.

- Sem dúvida. Mas Peter é muito teimoso. Capriche nas técnicas para tratamento de Mental Inferior.

- Aos poucos o amor vencerá o ódio! É a Lei Divina, ninguém pode escapar dela. Muitos tentam, mas acabam se rendendo à força descomunal que o amor verdadeiro tem quando atinge nossos corações cansados e sedentos de novos aprendizados.

O mentor sorriu. Tudo estava indo bem, apesar dos pesares. Pelo menos até então.

Capítulo 25

Carla e sua ambição

Carlos chegou em casa. Mariana respirou fundo... Aquela conversa era extremamente necessária, e ela não sabia nem por onde começar.

- Boa noite, meu amor. Foi tudo bem no escritório?

- Foi sim, querida. Só me deu um sono estranho, não sei o que foi.

Acho que até dormi um tempo, não lembro. Deve ser cansaço.

Mariana suspirou fundo.

- Só para saber se você lembrava.

Conforme ela contou tudo que aconteceu, incluindo a conversa com Sofia e dona Eulália, a primeira reação de Carlos foi abraçá-la e enchê-la de beijos. Mal podia acreditar que tinha feito sua amada passar por uma situação tão terrível.

- Mari, você é maravilhosa. Eu teria um troço se visse uma cena dessas.

- Ai, Carlos, foi difícil. Mas nem dá mais ideia pra Carla não, senão ela arruma algum bonitão pra me agarrar também. O que vamos fazer em relação à Claudia?

- Eu não sei. Ela também não lembra de nada.

- Eu não quero ser injusta, mas tenho medo dessa brecha. Além disso, será que é saudável para ela? Não impede que ela conheça outra pessoa e te esqueça?

- Vou fazer o seguinte: contatar com amigos meus e ver quem está precisando de secretária. Quando conseguir, combino com o amigo de dar uma aumentada no salário, e eu mensalmente completo essa diferença.

Assim, tudo pode ser apresentado para ela como uma proposta de emprego melhor. O que acha?

- Fantástico! Mas o dinheiro não vai fazer falta?

- Posso combinar com quem a contratar que eu complemente por algum tempo e depois ele assume. E assim não me sinto sendo injusto com ela, afinal, Claudia não tem culpa de nada.

- Tá resolvido então. Ufa!

- Muito esperta essa Carla, vocês terão trabalho com ela.

Carla estava furiosa.

- Se nem assim eles brigaram, não tenho nem chance ali. O jeito vai ser investir nos pais da criatura. Peter, como anda a coisa por lá?

- Acabei de chegar, chefe. Por lá creio que conseguiremos alguma coisa. Dimas está furioso com a desfeita do filho. Na verdade, ele vibra tão negativo que nem me dá trabalho. É só direcionar.

- Então vamos ter que trabalhar os dois. Você cuida de Dimas, e eu, de Julieta. Vamos ter que ser discretos e bolar um bom plano, pois estamos lidando com trabalhadores atentos. Nunca imaginei que Mariana resolveria a crise tão rápido.

- E Felipe, tem ido lá?

- Observo de longe, Peter. Aquela clínica tem a segurança muito reforçada. A pior parte tem sido relocar o meu exército: estamos tendo que procurar outros alcoólatras para vampirizar. E, como você sabe, isso não é muito simples.

- Apesar de ter tantos por aí, cada um deles já tem dono. Impressionante. Você está tendo que fazer muitos acordos com os chefes das trevas?

- Muitos mais do que eu gostaria. – respondeu Carla. – Mas a situação em que estamos acaba me deixando sem opção. Se continuar assim, meus comandados vão debandar de vez, sentindo minha fraqueza.

Carla não tencionava desistir, mas estava sendo obrigada a fazer acordos cada vez mais desvantajosos. Estava fazendo seu pessoal transferir toda a vampirização para Edgar, o mendigo amigo de Felipe no tempo das ruas.

O pobre homem estava completamente debilitado. Ao contrário de Felipe, ele não tinha ninguém para voltar caso se recuperasse. Toda a família tinha morrido e Felipe era seu único amigo. Até queria parar de beber, mas não tinha a quem recorrer e se afundava cada vez mais.

- Carla, que tipo de acordo você está tendo que fazer? Estou preocupado, afinal, isso me envolve.

- Eu também não estou gostando, mas não posso voltar atrás. Eu tive que aceitar participar de um grupo de chefes que se reúnem para desenvolver novas tecnologias para obsediar alcoólicos.

- E por que isso é tão ruim?

- Porque o meu interesse é bem focado. Eu quero energia e me manter no submundo. Mas tive de ceder, porque se deixasse tudo continuar acontecendo dessa forma, com todo o contingente que perdi, nós acabaríamos sendo dominados também. A grande questão é que, nessas reuniões vou me expor a magos muito avançados e de certa forma ficar conectada ao trabalho deles. Com isso o nosso comprometimento com o lado negro irá aumentar. Sem dúvida Felipe vai piorar muito lá na clínica, mas isso é o de menos.

- E o que é a parte de mais?

- Nós iremos começar a desenvolver feridas e buracos no corpo, por causa da energia degradante com que iremos lidar.

- E isso te incomoda tanto assim?

- Claro, sou mulher, tenho a minha vaidade. Eles já estão em um grau tão elevado de maldade que sequer se importam, nem se olham mais no espelho.

- Que efeito isso vai ter na gente, além dos buracos no corpo?

- Na gente nenhum, mas em Felipe vai ocorrer uma prostração completa, apatia, desespero, desânimo, ou até coisa pior. Toda a energia dele será sugada pelos magos mais elevados, através de nós dois.

Sérgio estava monitorando tudo de longe, preocupadíssimo.

- Precisamos agilizar o atendimento dos dois. Desse jeito a situação de Felipe vai se agravar muito. Mas tenho que respeitar os horários do centro, não posso simplesmente mandar passar Felipe na frente da fila.

- Que coisa triste, Sérgio – lamentou Sofia. Mas... Ih, você viu essa anotação aqui na ficha kármica dele?

- Não, faz tempo que não releio...

- Aqui tá explicando que ele precisa passar por isso em decorrência de toda a atuação de Carla e também, ao mesmo tempo para que seja possível tratá-la. Você consegue entender por que?

- Sim. Ela é vaidosa, e não vai gostar de ver o corpo se desfazer. Esse será o ponto fraco através do qual dona Eulália deverá lidar com ela. Vamos lá agora informá-la. Isso também pode interferir muito sobre Mariana.

E lá foram os dois mentores. Estava sendo muito proveitoso trabalhar em dupla, eles acabavam se fortalecendo. Especialmente graças à colaboração da equipe terrena!

Capítulo 26

Jogo de interesses

Carla chegou à reunião temerosa. Sabia que não podia demonstrar fraqueza, mas sinceramente nem queria estar ali. Seu objetivo era apenas continuar no jogo, e aquele era um território muito perigoso.

Era um grupo bem seleto de magos, apenas treze. Ela era a décima quarta.

- Estamos aqui reunidos para discutir formas novas e mais abrangentes de ampliarmos nossa atuação sobre os dependentes de álcool. Como Carla é nova entre nós, cada um irá dizer qual a sua função. Você ainda não tem autorização para saber nossos nomes ou detalhes mais específicos do projeto. Inclusive, só está aqui porque fez um bom trabalho. Mas, como deve saber, somos todos rivais e inimigos, embora possamos trocar favores quando nos interessa.

- Sou o número um. Meu trabalho é distribuir entre todos os chefes a localização geográfica dos dependentes, em nível mundial. Tenho uma equipe bem ampla trabalhando comigo em todos os lugares do globo terrestre, porém cuido mais especificamente do Brasil.

- Eu, o número dois, cuido do ataque sistematizado a todos os profissionais que cuidam de alcoólicos, junto com o número três. Eu cuido dos trabalhadores de clínicas. O número três cuida dos políticos e responsáveis por políticas públicas. Nosso trabalho é disseminar discórdia e impedir que os projetos dêem certo.

- No meu caso – era o número quatro falando – o objetivo é atacar familiares de alcoólicos, para que desistam e abandonem seus amados.

Carla engoliu em seco, entendendo melhor aonde havia se metido. Mas agora tinha de ir até o fim.

- Isso é o que você tem direito de saber até agora, Carla. Agimos muito discretamente, para que os filhos do Cordeiro não nos alcancem. Sabemos que você será alvo deles em breve, então não revelaremos mais nada. Entendido?

- Sim...

- Você só está aqui porque queremos te designar uma tarefa. Mas antes, terá que resistir ao assédio do bem. Se passar nessa fase, será iniciada entre nós. Caso seja fraca, seguirá com eles e será dominada por regras e comportamentos bobos que eles pregam. Reunião encerrada.

- Posso tirar uma dúvida?

- Apenas uma e seja breve, somos muito ocupados.

- O que acontecerá comigo se eu falhar?

Os treze se entreolharam.

- Você estará entregue à própria sorte. Não iremos interferir nem deixar que as suas escolhas pessoais interfiram em nosso trabalho. Eulália e Mariana só possuem autorização para agir sobre você, por causa do pedido de Felipe. Ela precisaria de milhares de pedidos para chegar até nós.

Carla saiu da sala, enquanto todos voltavam ao trabalho. Pela primeira vez, pensou se aquilo tudo valeria a pena.

Enquanto isso, Sérgio tinha ido explicar a situação a dona Eulália, que estava ouvindo atentamente a história de Peter, com o objetivo de se preparar para o atendimento que ocorreria em breve.

- Sérgio, você acha que vale a pena tentar contato com Dimas?

- A senhora pode até tentar. Mas ele é uma pessoa muito difícil, e infelizmente não lhe dará ouvidos.

- Fico muito preocupada com o fato de atualmente ele ser a brecha de Felipe.

- Nós também, mas a situação já é delicada o suficiente para nos desgastarmos ainda mais. Essa reunião de Carla hoje é tão preocupante que ela mesma ficou incomodada. Ela lidou com gente muito poderosa, e Felipe em breve vai começar a sentir o impacto, talvez agora mesmo.

- Fê, vamos ver aquele filme que você gosta? Vai começar agora!

- Vamos sim, Lili.

Quando Felipe ia se levantar da cama, caiu feito pedra no chão, desmaiado.

- Felipe! Acudam, ele desmaiou!

As enfermeiras logo vieram socorrer Lília. E o mais temido por todos aconteceu.

- Alô, Mariana? É Lília. Pelo amor de Deus, você pode vir para cá com dona Eulália?

- Claro, querida. O que foi?

- Felipe entrou em coma.

Lília estava inconsolável.

- Dona Eulália, ainda não entendi direito: por que Carla foi inventar de ir nessa reunião? – perguntou Mariana.

- Ela está tentando conseguir aliados para não perder seu poder nas trevas. Mas acabou nos ajudando indiretamente, pois ela mesma se arrependeu de ter ido à tal reunião, depois de ver que só seria usada e não teria apoio nenhum.

- Como assim ajudou a gente? E por que Felipe não volta do coma? – desesperou-se Lúdia.

- Fique calma, minha filha. Eu sei que está sendo muito difícil para você. Mas se não for a hora dele, ele vai voltar. Graças a Deus trabalhamos amanhã e poderemos intervir.

- Eu estou com um tremendo medo de perder o Felipe... Demorei tanto para achá-lo, e agora que a gente estava bem e feliz...

- Calma, Lúdia. Se Deus quiser vai dar tudo certo. Me dá um abraço, vem cá.

Lúdia abraçou Mariana e chorou por horas, colocando o desespero para fora.

Depois que Lúdia se acalmou, as três se uniram em oração, rezando para doar ectoplasma a Sérgio.

- Por que Sérgio e Sofia não nos falam nada?

- Eles devem estar ocupadíssimos resolvendo a crise. Mas virão na hora certa.

De fato, Sérgio e Sofia tiveram muito trabalho para segurar o desencarne de Felipe.

- Ai, Sérgio, por essa eu não esperava!

- Realmente, Carla apelou. Mas os superiores me informaram que o caso é digno de intervenção, pois ainda não está na hora de Felipe. Mas ele não está livre do perigo.

Sofia suspirou, assistindo aquela cena desoladora. Lembrou-se de todas as vezes que tivera a vida de Mariana em suas mãos.

- Bom, agora não é hora de sentimentalismo. Sérgio, qual será o próximo passo?

Capítulo 27

Impacto

No dia seguinte, Felipe ainda estava inconsciente. Como não havia o que fazer na clínica, Lídia foi até o centro acompanhar o tratamento.

- Mariana, hoje teremos que parar as máquinas e fazer uma intervenção para ver se conseguimos tirar Felipe do coma. Se você estiver disposta, por mim podemos fazer hora extra depois para dar andamento, assim não damos muito campo de atuação para Carla e Peter.

- Claro, por mim não há problema!

- Então vamos ver se conseguimos trazer esse rapaz de volta.

- Dona Eulália, estou em um lugar escuro, pesado, sem som nem luz.

- É onde Felipe está. Traga ele para conversar comigo.

Mariana tinha que fazer muito esforço para continuar falando. Era um local de profunda tristeza, recolhimento, onde parecia que nada valia a pena.

- Dona Eulália, socorro...

- Felipe, o que está te mantendo aí?

- Eles estão vampirizando minha energia. Mal consigo respirar.

- Felipe, nesse momento a sua vontade de encarnado terá que ser mais forte. Vou trazer a sua frente Carla e Peter. Olhe para eles e repita, com toda a sua fé: Jesus...

- Jesus...
- Divino Mestre...
- Divino Mestre...
- Me ampara...
- Me ampara... – repetiu Felipe, chorando.
- Me orienta...
- Me orienta...
- E me encaminha...
- E me encaminha...
- Como eles estão reagindo?
- Eles sumiram... Sinto que estou mais forte e que estou sendo puxado para uma luz tão brilhante, sinto tanta calma...

Lídia começou a gritar, chorando copiosamente.

- Não, Felipe! Por favor! Não! Não morre!

O telefone tocou. Lídia gritava mais alto ainda, completamente desesperada.

Mariana atendeu.

Era a enfermeira, avisando que Felipe tinha acabado de sair do coma.

Capítulo 28

Miasmas

- Bom, desse jeito, se ele não desencarnar quem vai acabar indo fazer companhia para o Sérgio sou eu... – brincou Lídia, mais calma.

- Graças a Deus está tudo bem, querida. Pode ir lá para a clínica ficar com ele. Vamos terminar de limpar as consequências disso tudo.

Mariana suspirou aliviada.

- Nossa, dona Eulália, até eu fiquei morrendo de medo de ele estar desencarnando. Coitada da Lídia...

- Para ser sincera, eu também pensei que ele iria desta vez. Apenas tentei ser a parte equilibrada da relação. Mas sabemos que ele ainda não está fora de perigo, e temos que agir o quanto antes. Você aceita fazermos um atendimento intensivo, com intervalo apenas de dois dias, para cuidarmos disso?

- Sim, claro. Nos encontramos aqui depois de amanhã, então?

- Sim. Por hoje vamos encerrar apenas doando energia para Sérgio. Mais do que nunca, ele deve estar precisando.

Depois que as duas terminaram e Mariana foi embora, dona Eulália continuou meditando sobre o caso. Dessa vez quem veio visitá-la foi Agenor.

- Boa noite, Eulália. Muito obrigado pela intervenção. Esse caso é muito delicado realmente, tenho ajudado Sofia e Sérgio a resolverem. Ambos estavam afastados justamente evitando o desencarne de Felipe.

- As ligações com os chefes trevosos serão desfeitas?

- Sim, nos dois atendimentos que você comandará. Eu a intuí a diminuir o prazo. Como aqui no Astral o tempo passa muito mais rápido do que na Terra, um dia de vocês equivale a pelo menos uma semana aqui. Não podemos dar tanto tempo para Carla e Peter.

- Por que é tudo tão intenso quando o assunto é Alcoolismo?

- Justamente por essa ampla atuação dos magos. Pelo álcool ser legalmente consumido, fica praticamente impossível para nós, aqui, darmos conta de recuperar todos os alcoólicos. No caso de Felipe, essa oposição mais ampla está ocorrendo porque depois de recuperado ele será muito atuante nos programas de reabilitação. Na verdade, ele irá chefiar esse projeto que você e Carlos fizeram, ajudando milhares de alcoólicos. Logo, as trevas têm um interesse muito maior em Felipe do que Carla pensa. Foi apenas por isso que foi permitida a ida dela à reunião.

- Entendi, faz sentido. Mas fiquei com uma dúvida: não seria interessante deixar Carla frequentar essa reunião por mais tempo, para entendermos melhor sobre esse grupo de magos?

- Não é necessário. Nós sabemos tudo sobre os treze chefes, informações que inclusive Carla não teve acesso.

- Mas mesmo de posse dessas informações nós ficamos impedidos de atuar por causa do livre arbítrio dos alcoólicos, não é?

- Exatamente. Só podemos atuar sobre Carla porque Felipe pediu ajuda. A Terra vive muitas guerras mágicas atualmente. Algumas pessoas têm mais consciência disso. Outras vivem apenas sentindo os sintomas disso e sendo joguetes.

- É uma época difícil a que vivemos. – refletiu dona Eulália. – É por causa da transição planetária?

- Sim. Vocês estão vivendo o auge dela. E, nesse momento, o mais importante de tudo é que permaneçam unidos. Nada vale se desenvolver

espiritualmente e se isolar. É um momento que deve ser compartilhado em grupo. E essa é a parte mais difícil: como a vibração é densa, a tendência é fugir de relacionamentos. Isso se reflete de inúmeras formas na sociedade. No caso dos alcoólicos, a fuga deles é ficarem anestesiados pela bebida. Assim eles podem ser poupados de todo esse turbilhão de sentimentos, e também do chamado à responsabilidade existencial que o momento atual faz. Isso, aliado ao histórico kármico de cada um, faz com que seja tão difícil abandonar a bebida.

- O álcool é o pior vício?

- Não e sim. Não por existirem substâncias mais fortes, sim por ser a pior substância legalizada. O cigarro é muito nocivo, mas um fumante não fica violento nem provoca mortes. Pode até provocar, a longo prazo, mas o efeito do álcool é instantâneo – e muitas vezes irrevogável.

- Devo então focar minha atenção em Peter?

- Sim. Nossa principal preocupação no momento é esse ódio entre pai e filho, pois isso desgasta Felipe energeticamente. Dimas tem amor por ele lá no fundo, mas a mágoa dessa vida anterior ainda contamina muito a relação dos dois. Quando Peter e Giácomo forem harmonizados, será possível intervir para que a relação atual de pai e filho melhore.

Dona Eulália assentiu com a cabeça. Estava na hora de Agenor continuar cuidando da situação.

- Um pouco de descanso será bom agora. Ainda bem que acabou tudo de forma harmônica, pelo menos por enquanto. Em breve Felipe estará recuperado! – pensou a doce senhora, enquanto contemplava o céu estrelado.

Olhando para o mesmo céu em casa, Mariana sorriu.

- O que foi, meu amor?

- É tão bom se sentir útil e protegida... Agora, mais do que nunca, tenho certeza que Sofia está sempre cuidando de mim.

Capítulo 29

Só alivia um pouco

Felipe ficou muito surpreso e amedrontado com tudo que Lídia contou.

- Nossa, então sou mesmo muito frágil. Os caras podem fazer o que querem comigo!

- Só por enquanto, Fê. Quando você terminar o tratamento aqui e com a Apometria, vai estar mais forte para se defender de tudo isso. Eu sei que agora parece horrível, e tá sendo mesmo. Mas vai passar, e eu vou estar sempre aqui com você!

- E Dona Eulália? Quando elas vão continuar?

- Amanhã. Então hoje é bom a gente fazer coisas bem legais, para manter o astral. Senão já viu, a gente afunda junto.

- Vem cá que quero te dar um beijo...

- Hum, isso é uma coisa muito legal para se fazer!

E os dois passaram a tarde namorando, apaixonados. Mariana também tirou um dia de folga para se refazer. Dona Eulália aproveitou para ver um filme. Mas todos sentiam uma energia muito desagradável por perto, como se fosse uma cortina de fumaça.

Felipe não falava, mas todos na clínica percebiam. Ele estava desesperado por uma dose, faria qualquer coisa para beber. Seu corpo parecia gritar, todas as células em uníssono. Ele chegou a pensar em pedir para ser amarrado na cama, mas decidiu se controlar sozinho.

- Lili, me conta alguma coisa legal que a gente viveu antes desse pesadelo todo?

- Eu me lembro de um passeio em Maresias. A gente sentiu as ondas do mar nos pés, ficamos vendo o por do sol, foi tão lindo... Era nosso aniversário de dois meses de namoro. Foi tudo tão romântico! Eu sentia que seria a mulher mais feliz do mundo ao seu lado.

- Pena que não foi bem isso que aconteceu...

- Claro que foi. Estamos aqui, não estamos?

- Pois é, eu te fiz vir parar em uma clínica de reabilitação... Que romântico...

- Para mim o que importa é estar do seu lado. E você tem ido tão bem que eu acredito de verdade que essa é a nossa última vez em uma clínica.

- Deus te ouça, meu anjo.

E o desespero continuava tomando conta de seu corpo e mente, mas Felipe aprendeu a reagir. Não iria mais deixar o álcool destruir a sua vida nem a vida de quem ele amava.

- Dona Lúcia, a senhora tem sido maravilhosa aqui em casa. Com essa confusão toda, mal tenho dado atenção para os meninos. Nem sei como te agradecer!

- Que é isso, dona Mariana. Para mim é um prazer. Esses meninos são tão queridos! E a senhora está indo muito bem, os mentores estão felizes com a sua dedicação.

- O que você tem visto?

- Sofia e Sérgio andam muito ocupados. O grupo de magos é realmente forte, então eles estão tendo que criar um verdadeiro escudo protetor para poupar Felipe até o final do tratamento. Por isso dona Eulália foi intuída a agilizar o processo. É amanhã, não é?

- É sim. Dona Lúcia, a senhora nunca pensou em atender lá com a gente?

- Já, sim, minha filha. Eu pretendo fazer isso, meus horários que estão um pouco confusos por causa do trabalho. Na verdade, de forma silenciosa, eu acabo ajudando as pessoas que atendo em casa, pois os mentores vão me sinalizando como agir em cada caso. É bom, porque posso ser útil até para quem não acredita em espiritualidade. Não resolve tudo, apenas alivia – mas já é alguma coisa.

- Eu adoro o trabalho da senhora. Sinto uma paz em casa com a senhora aqui.

- Para mim é uma alegria também. Mas venha tomar uma sopa reforçada. O atendimento de amanhã será bem forte e você precisa estar descansada.

Capítulo 30

Querer não é poder

- Pronto, querida?

- Sim, dona Eulália. Mãos à obra!

Juntas, ambas fizeram a Prece dos Aprendizes. “Pai Celeste, criador...” O ambiente foi se enchendo de luzes coloridas, invisíveis aos olhos comuns, mas visíveis para a dupla. Era hora de cuidar de Peter.

- Boa noite, Peter.

- Não quero colaborar. Tenho que terminar minha vingança!

- Eu sei, seu problema é com Giácomo. Realmente ele foi bem cruel com você.

- Entende por que não posso desistir?

- O que entendo é que agora você mesmo está se fazendo mal. Vou te mostrar nessa tela como poderiam ficar as coisas se você perdoasse.

- Não quero ver...É mentira...

- Olhe bem. Veja Felipe e Dimas se dando bem, felizes. Lídia casa com Felipe, eles têm um lindo filho. A família fica reunida, alegre. Não é bem melhor do que a situação como está?

- E ele vai se livrar assim facilmente de tudo que me fez?

- Ele já pagou bastante por isso. Olhe nessa tela todas as vidas nas quais ele precisou arcar com o que te fez. Percebe?

- Não sabia...

- Pois é. Ao contrário do que a gente pensa, Deus sabe o que faz. Não temos alcance para compreender tudo. Mas o que lhe cabe agora é perceber que a relação de Dimas e Felipe pode se harmonizar muito se você colaborar. Eles já não se odeiam tanto, Felipe tem feito a parte dele.

- É, isso sou obrigado a admitir. De fato Felipe tem se saído bem.

- Pois olhe agora quem vem te receber, te convidando para sair dessa energia de ódio.

- Meus marinheiros! A vila! Todos os meus clientes!

- Percebe como você foi querido? Permita agora que Felipe retome a própria vida, conquiste a felicidade!

- Sinto uma luz forte em meu peito...

- É uma luz verde, que está trazendo cura para seu corpo e sua alma.

- E Carla?

- Cuidarei dela depois, não se preocupe. Vá em paz, querido.

Muita luz rosa envolveu Peter e Giácomo, que também recebeu o perdão e o carinho de Felipe, mesmo que ao vivo isso ainda não fosse possível.

- Foi bem mais fácil do que eu pensei!

- Graças aos amigos espirituais, Mariana. Quando o grupo possui uma egrégora forte e harmônica, nosso trabalho é apenas a ponta do iceberg. E nada mais justo, afinal o pobre rapaz chegou a entrar em coma. O próprio Peter deve ter se assustado em fazer parte disso.

- É, ele não queria o mal de Felipe. Apenas beber e se vingar de Giácomo.

- Vou acatar o pedido de Sérgio de esperar por enquanto, mas depois que as coisas normalizarem, vou incentivar Felipe e Dimas a reatar relações. Com certeza todos se sentirão muito melhor com isso.

- É verdade. Vou lá visitar Felipe e Lídia, algum recado?

- Não, apenas conte tudo para eles. Eles vão gostar!

Ouvindo tudo, Felipe exclamou:

- Queria tanto reatar com meu pai!

- Fê, no momento a gente precisa cuidar de você primeiro. Esse processo vai ser desgastante, e você bem sabe qual a língua que seu pai entende: dinheiro. Se você aparecer ganhando bem e feliz, ele logo vai dar o braço a torcer.

- É, eu sei. É triste quando tudo que a gente pode fazer é esperar, né?

- Felipe, tenho certeza de que essa espera vai valer a pena. Tenho certeza também que seu pai te ama! – comentou Mariana. – Eu que sou mãe sei bem: quando temos um filho é impossível não amarmos. Podemos até ter mais afinidade com um ou com outro, mas o amor de mãe e de pai é o amor mais forte que existe. Sua mãe também deve amolecer o coração quando te vir fora daqui. Mas agora temos de ser realistas: eles estão contaminados com a visão do Felipe bêbado. Eu, que não acompanhei tanto essa parte, tenho mais neutralidade para te entender.

- É, e ainda tem a fase dois: conseguir ficar sem beber fora daqui. Um dia após o outro.

- Vai exigir toda a sua força de vontade. Mas com certeza você está mais do que pronto para conseguir – sorriu Mariana.

Capítulo 31

Liberdade?

Os dias foram passando, desta vez de forma mais tranquila. Felipe estava se recuperando a olhos vistos, apesar de todos os sustos. Lídia estava muito otimista com sua saída da clínica. Já fazia dois meses e meio que ele estava lá.

Era hora da visita de Mariana, que aparecia infalivelmente dia sim dia não.

- Como vai, meu amigo?

- Melhor agora!

Lídia sorriu. Era estranho ver uma mulher tão bonita quanto Mariana chegando e não sentir nem um pingo de ciúme ou insegurança. Aquela era realmente uma amiga na qual ela podia confiar.

- Você vem evoluindo super bem, não é?

- Bem até demais, estou estranhando. Será que a Carla decidiu me dar uma trégua?

- Nós recebemos aviso do Sérgio para esperar um pouco antes de fazer o atendimento final. Ele deve estar fazendo alguns ajustes lá na parte astral, porque realmente é estranho três semanas sem acontecer nada. Mas enfim, eles sabem o que fazem, né?

Carla estava acuada, emburrada e, era obrigada a admitir, sem recursos.

- Nunca pensei que chegaria a essa situação. Vou ter que montar alguma estratégia sem possibilidade de falha, já que agora estou sozinha contra eles. Jamais esperei que Peter e Kiowa fossem tão fracos!

Andando de um lado para outro, ela foi repassando mentalmente o que tinha acontecido até então:

- Tudo começou com a ida de Felipe ao centro. Foram reduzindo meu exército aos poucos, até o corte drástico quando ele foi internado. Nessa época, eu ainda estava plenamente no controle da situação. Aí Ciccilio se entregou, bem mais rápido do que eu pensava, por causa da sua amada, que hoje é Lídia. Aliás, só a volta dessa garota já foi um inferno para mim, pois Felipe ficou muito mais motivado do que eu gostaria.

Bufando de raiva, ela continuou rememorando:

- Depois Kiowa se rendeu, graças à harmonização de todo aquele bando e da intervenção de Xerowe. Realmente, com mago branco pouco há para se fazer, especialmente quando existem votos de fidelidade. E aí veio Peter, que desistiu quando fizeram a harmonização conjunta com Giácomo.

Nesse momento ela teve uma ideia bem interessante.

- Todos eles desistiram por causa de vínculos externos com pessoas que estavam ligadas à história e puderam ser acionadas para evocar o perdão. Hum, já sei o que tenho que fazer! Tenho de evocar um vínculo externo negativo, ao qual eles tenham pouco ou nenhum acesso para doutrinar!

Ela continuou trabalhando em cima dessa ideia, que julgava ser o passaporte para fugir daquela situação horrenda.

- É isso!

Sérgio e Sofia observavam receosos.

- Apesar de ele ter melhorado muito, tenho medo dessa investida final de Carla. – comentou Sofia.

- Eu também... Mas o que podemos fazer é fortalecer o lado branco, que está em maioria. Xerowe continua cuidando dele na clínica?

- Sim. Dona Eulália e Mariana estão só esperando nosso sinal para fazerem o atendimento final. Não seria melhor cuidar disso antes de Carla começar a atuar?

- Seria, se não fosse aquela ressalva na ficha kármica de Felipe. Eu continuei estudando aquela anotação, que falava sobre a necessidade de Felipe passar por isso. Não estava ligado só à questão da vaidade de Carla, mas também estava se referindo a esse processo que ela vai ativar agora. Ainda não tive acesso para entender integralmente o que acontece mas, seja o que for, será acionado com essa intervenção externa que ela fará. É como se fosse preciso trabalhar com isso para a evolução de Felipe e da pessoa que será acionada.

- Por que será que essa informação não está sendo liberada para você, Sérgio?

- Porque a ideia é que eu não interfira. Dona Eulália e Mariana já estão sendo amplamente beneficiadas nesse atendimento, muito mais que o normal, e por isso ele está sendo tão rápido e eficiente. Esse benefício vem do fato de elas estarem recebendo ajuda de nós dois simultaneamente, já que foi autorizada a sua participação. Mas existem alguns fatores entre os encarnados sobre os quais nem nós, mentores, podemos intervir.

- Sim, fiz um curso sobre isso. Faz parte da ficha kármica de cada um e do equilíbrio do Universo, não é?

- Sim. Existe uma ordem cósmica que rege tudo e à qual estamos subordinados. Nós, como mentores, observamos melhor o funcionamento dessa regra. Mas nem nós entendemos completamente seus mecanismos, já que essa parte cabe a hierarquias superiores a nós.

- É, no curso foi explicado que nosso papel é de ponte: observar qual é o fluxo energético do Universo para o nosso protegido, e fazer com que ele se adapte da melhor forma possível à cronologia das lições que irá vivenciar. Por exemplo: se é necessário para a sua evolução que a protegida engravide, podemos dar uma mãozinha para que ela se esqueça de se prevenir – depois, quando o bebê chega, todos ficam felizes.

- Sim, um bom exemplo no meu caso era todo o trabalho que eu fazia com Felipe. Não podia impedi-lo de beber, mas pude ajudá-lo a encontrar dona Eulália, e também protegê-lo para que não fosse assaltado na rua quando foi morador de lugares absolutamente perigosos.

- Podemos ajudar bastante com intuições, por isso é tão importante que eles mantenham o hábito da meditação e da prece. Os problemas, que parecem graves e insolúveis para eles, são simples aos nossos olhos, pois nós conseguimos ver a longo prazo os benefícios daquele momento.

- Ou seja, por mais que eles pensem que não, eles têm plena liberdade. O problema é que não sabem usá-la. E nosso papel é ajudar nesse sentido.

Meditando sobre aquela conversa edificante, Sérgio e Sofia continuaram observando seus protegidos. Felipe estava participando de uma das terapias em grupo da clínica. Mariana estava dando aula para suas queridas crianças.

Pelo menos por enquanto, tudo estava em paz. E que paz trabalhosa!

- No final valerá a pena, Sofia. Mariana tem sido maravilhosa, está sendo digna da missão.

- Tenho realmente muito orgulho da minha protegida e amiga. Mari tem um coração de ouro, sei que ainda ajudará muita gente com sua mediunidade!

Capítulo 32

Sarjeta de novo – ou pela primeira vez

O dia estava claro, com bastante sol e passarinhos cantando. Mariana decidiu fazer um passeio com Ciça, e ambas aproveitaram para deixarem os filhos correrem livres pelo parque.

- Mari, você está com uma cara ótima!

- Graças a Deus, amiga. Desta vez as coisas estão se harmonizando mesmo.

- Que estranho... Se o atendimento está no final, não devia estar tudo pior?

- Devia sim, também não estou entendendo direito. Estou até vivendo num estado de tensão constante, sabe? Uma sensação ruim de que a qualquer momento vou receber um telefonema ruim...

O celular de Mariana tocou quando ela acabara de proferir aquela frase.

- Mari, é a Lídia. Você pode vir agora para a clínica?

- Posso sim, já estou chegando.

Ciça estava boquiaberta.

- Amiga, você tá virando uma bruxa com vassoura e tudo! Fiquei até arrepiada! Pode deixar que eu levo os meninos para casa, corre lá.

Mariana esperava encontrar uma cena terrível na clínica mas, quando chegou lá, até que as coisas aparentavam calma.

- Oi, Lídia. O que houve?

- Ele está lá dentro. Aparentemente não aconteceu nada, mas como eu conheço bem Felipe, percebo que já está aflorando alguma coisa nova. Desculpa te incomodar, mas como você me pediu para ligar assim que tivesse qualquer novidade, achei melhor.

- Claro, fez bem. O que ele falou de diferente?

- A gente estava tranquilo no quarto, conversando. Aí ele começou a falar que estava com saudade do tempo que morava nas ruas. Que por ele voltaria para lá. Que achava que não seria feliz morando de volta comigo porque tinha acostumado a viver nas ruas, e lá, sim, ele tinha amigos de verdade. Que todo esse pessoal de classe alta que a gente convive é falso, não serve para nada. Achei aquilo tudo muito estranho.

- Realmente... Como se chama mesmo aquele amigo que ele tinha nas ruas?

- Ele o chama de velho Ed. O nome mesmo é Edgar.

- Vou investigar com dona Eulália e com os mentores o que está acontecendo, pode ficar tranquila. Deve ser alguma armação da Carla: não faria nenhum sentido o Felipe estar falando essas coisas.

- Ah, que bom, não estou louca... (risos)

- Nem diga, tem horas que a gente acaba mesmo duvidando da própria sanidade quando está metida com assuntos assim. Mas fica tranquila, querida, nós teremos respostas em breve!

- Dona Eulália, o que a senhora acha que pode ser?

- Pelo silêncio de Sérgio e Sofia, suspeito que mais alguém precisa ser envolvido na história antes de terminarmos o atendimento de Carla.

Os mentores adentraram a sala, sorrindo. Mariana também pode vê-los.

- Olá, Sérgio! Que máximo, é a primeira vez que consigo te ver!

- Bem vinda, querida amiga. Sua faculdade de clarividência irá se desenvolver cada vez mais daqui em diante, para que possa sempre atuar em parceria com dona Eulália.

- Eu estava certa, então?

- Sim, Eulália. Estamos justamente aguardando que o processo finalize para que possamos fazer o último atendimento. Tudo que pudemos saber é que a pessoa envolvida será Edgar.

Capítulo 33

Ridicularização

O velho Ed estava particularmente cansado naquela tarde. Os seguidores restantes de Carla caprichavam na vampirização do álcool e de sua energia vital, deixando o pobre senhor cada vez mais debilitado.

Edgar tinha 53 anos, e estava nas ruas havia 20 anos. Perdera toda a família e caíra em depressão.

Ele era um empresário bem sucedido antes de tudo acontecer. Sua carreira prometia muito, estava em ascensão, todos queriam contratá-lo. Mas um dia, voltando para casa, encontrou tudo em chamas. Seus pais, sua esposa e seus dois filhos morreram no acidente.

Edgar caiu em depressão profunda, ficou completamente apático. Precisou ser internado em um hospital psiquiátrico mas, com o tempo, suas reservas financeiras terminaram. Ao sair do hospital, começou a beber para preencher seu vazio e desespero. Meses depois, quando todo o dinheiro acabou, foi morar na rua,.

Sua tristeza era tão profunda que ele nem se importava. Era boa pessoa, por isso era deixado em paz pelos outros mendigos. Como era prestativo, muitas vezes acabava fazendo favores, e com isso era bem tratado e cuidado por todos.

Claro, a realidade com as pessoas da sociedade era outra. Todos que davam alguma esmola olhavam antes com olhar de reprovação. Algo do tipo “Que cara vagabundo, por que não vai trabalhar?”.

Os que realmente ajudavam eram os grupos de caridade. Para esses, não era necessário nem pedir: já chegavam trazendo comida, bebida e um

sorriso amigo. Mas como os grupos vinham apenas uma vez por semana, a realidade do dia a dia era outra, bem mais cruel.

Edgar, ou o velho Ed, já estava acostumado com os olhares de censura. Ele acabava ficando mal cheiroso por passar muito tempo sem banho, então, além de olhares de reprovação, acabava enfrentando também expressões de asco.

Mas o pior é que ele nem se importava. A saudade e a dor pela perda de seus familiares era tamanha, que o resto era apenas um detalhe.

Foi nessa situação que, anos depois, ele conheceu Felipe. A afinidade entre os dois foi imediata: Edgar passou a tratá-lo como se fosse seu filho. Felipe era inclusive parecido fisicamente com seu falecido filho, de quem ele tanto sentia falta.

Um dia qualquer, os dois sentaram para conversar:

- E aí, Ed? Já bebeu hoje?

- Já. E você?

- Também. Mas nem sempre fico bêbado.

- Normal, o corpo vai acostumando. Quando você tiver a minha idade, garoto, vai precisar de doses cavалares para sentir alguma coisa.

- Eu espero não beber mais quando tiver a sua idade, Ed.

Sorrindo, Edgar respondeu:

- Como Deus é bom, e você é muito mais esperto do que eu, com certeza até lá já vai ter conseguido se livrar desse vício maldito. Eu me sinto absolutamente ridículo tendo que beber todo dia. Justo eu, que achava mandar em tudo e em todos, hoje sou mandado pelo álcool!

- Ah, Ed, só quem é muito trouxa acha que rico não se ferra com birita.

- Olha, garoto, então tá cheio de trouxa por aí, que ainda acredita que o dinheiro compra a felicidade. Nós dois sabemos bem que não é verdade.

- Pois é...

- Larga essa vida, garoto. Volta pra Lída. Ela te ama de verdade.
- Bem que eu queria, Ed. Um dia vou conseguir.

Lembrando dessa conversa, Felipe notou uma lágrima nos olhos. Sentia muita falta de seu amigo querido. Era como se já o conhecesse há tanto tempo!

Pelo menos Lída estava de volta, embora nem ele acreditasse que isso fosse possível. Só isso já era um alento para a sua alma sofrida.

Mas foi ali que Felipe entendeu, mesmo que racionalmente não fizesse muito sentido: o velho Ed corria perigo. Ele deveria ser o novo alvo de Carla.

Capítulo 34

Carla e Kiowa

Carla estava dedicando todo o seu tempo e energia para traçar um plano de ataque. Tinha chegado à conclusão que usar o velho Ed daria certo, já que a conexão emocional dele com Felipe era muito forte. Agora precisava incentivar Felipe a procurá-lo.

Kiowa adentrou a sala, para surpresa de Carla. Seu olhar era duro e sério.

- O que você está fazendo aqui?

- Vim conversar com você. Não é possível que você vá continuar levando essa insanidade em frente.

- Que insanidade, Kiowa? Para mim é insanidade você me largar aqui e seguir com os filhos do Cordeiro!

- Será que você não entende, Carla? Somos partes de Felipe! Tudo o que você faz de ruim para ele repercute em você mesma, em todos nós!

- Claro que eu entendo, não sou burra. Mas não aceito. Não quero fazer parte dele, não tenho os mesmos objetivos dele.

- Tudo bem, não vou discutir. Mesmo porque não adianta, você só verá as coisas a seu tempo. Mas quero que você busque refletir sobre o seguinte: quais são seus objetivos, mesmo? E por que eles são tão importantes?

Carla ficou calada.

- Nem adianta tentar esconder de mim. Como vim antes de você, posso acessar sua memória. Tudo que sei, Carla, é que tanto a sua época quanto a minha já ficaram para trás. Temos que acompanhar Felipe em seu desenvolvimento atual, nas lições evolutivas que ele precisa vivenciar.

Precisamos ajudá-lo a cumprir as pendências que nós mesmas deixamos para ele resolver.

- Nossa, parabéns! Decorou direitinho tudo que aqueles bobos costumam falar.

- Um dia você vai ver que ironia, deboche e apego não levam a gente a lugar nenhum. Posso te contar do que vi e ouvi: fui muito bem tratada por todos no posto de tratamento, mesmo com todo o mal que pratiquei. Fui perdoada por todos a quem fiz mal, até pelo povo da tribo vizinha. Percebi todo o tempo que perdi, passei pelo processo de desintoxicação. Pela primeira vez, em séculos, sinto que estou verdadeiramente livre. Como posso achar que isso é ruim, ou que as pessoas que me ajudaram são más, ou fanáticas?

- Pois ache o que quiser, pouco me importa. Só me deixe em paz, por gentileza. Tenho muito que fazer, e você está atrapalhando.

- Pois não. Boa tarde.

- É, Sérgio, eu tentei.

- Pois conseguiu muito mais do que pensa, Kiowa. Depois que você saiu, Carla ficou bastante pensativa. Ela não dá o braço a torcer, mas é possível perceber que a conversa mexeu com ela.

- Ainda não entendo direito: como posso ser eu, ela e Felipe ao mesmo tempo?

- Nossas vidas passadas fazem parte do nosso agregado psíquico, nosso condomínio espiritual. Ao mesmo tempo em que as vidas se sucedem temporalmente, elas continuam em nossos arquivos, fazendo parte de um de nossos seis corpos sutis. Logo, Felipe possui muitas vidas passadas, além de vocês. Como o assunto que ele está tratando no momento é o

alcoolismo, vocês foram acionadas para serem harmonizadas, pois são viciadas como ele. Conforme ele vai se harmonizando, e vocês também, o vício cede.

- Então muitos alcoólicos com dificuldade de se recuperar podem ter vidas passadas desarmonizadas, precisando de ajuda, como era o caso de Felipe?

- Sim. Você, Ciccilio e Peter aceitaram ajuda relativamente rápido graças à reformulação comportamental de Felipe. Como ele melhorou e tomou novas atitudes, vocês perceberam o preço que estavam pagando por manterem-se apegados às mesmas situações, e resolveram mudar de rumo também.

- Então é a postura do encarnado que decide tudo?

- Sem dúvida. Se a ponta encarnada não muda, não dá o pontapé inicial no processo, nem nós, os mentores, nem as vidas passadas harmônicas podem fazer nada.

- E por que eu penso de uma forma tão diferente de Carla?

- Porque chegou o seu momento de rever suas atitudes, assim como antes chegou o momento de Felipe e depois chegará o de Carla. Tudo acontece na hora certa, mesmo para as vidas passadas.

- Bom, o que eu puder fazer para colaborar, farei. Estou cansada disso tudo, e acredito que Felipe tem direito de ser feliz.

- Aos poucos chegaremos lá. Infelizmente não poderei impedir que Edgar seja envolvido, mas vamos trabalhar para resolver tudo o mais rápido possível, agora que Felipe está colaborando.

Capítulo 35

Peter se rebela

Peter estava tranquilo depois de receber seu atendimento. Fora levado para um hospital, com o objetivo de se equilibrar melhor antes de ser reacoplado em Felipe. No caso de Peter, o fator complicador era toda a raiva que ele alimentou em relação a Giácomo, o que causou vários danos na estrutura perispiritual e dificultava a recuperação de Felipe.

- Sérgio, ainda não sei se estou pronto para perdoar Giácomo, apesar de ter aceitado isso quando fui atendido.

- Fique tranquilo, meu amigo. Nada é obrigatório. Aqui, com a ajuda da equipe, o perdão irá brotar no seu coração aos poucos. Seu padrão vibracional está mudando, graças ao redirecionamento das emoções de Felipe.

- Mas é essa parte que mais me confunde. Felipe ainda guarda muita mágoa do pai, embora não fale disso. Eu posso sentir, corroendo as minhas vísceras, que não está tudo tão bem quanto parece.

- Realmente, não podemos nos enganar, Peter. A relação de Felipe e Dimas será reconstruída com o tempo, como acontece em todo lar onde há um alcoólico. Toda uma estrutura de confiança mútua terá de ser refeita, especialmente na parte financeira – que foi justamente o motivo do conflito de vocês dois.

Nesse momento, ambos pararam de falar e passaram a assistir a uma cena no mínimo inusitada: Dimas estava entrando na clínica para falar com Felipe. Sérgio empalideceu: aquilo poderia trazer muitas complicações.

- Felipe, meu filho!

Dimas correu para abraçá-lo.

Felipe correspondeu ao abraço, mas não de forma muito efusiva.

- Oi, pai...

- Esperava que você ficasse mais feliz em me ver.

Felipe suspirou. Ia começar tudo de novo. E bem na hora que Lídia havia saído para almoçar!

- Olha, pai, eu já expliquei minha posição para a mamãe. Não posso simplesmente ignorar tudo o que aconteceu com a gente. Não é assim que funciona. Vocês me ignoraram por um ano, nem quiseram saber onde eu estava, e do nada aparecem aqui? Ainda por cima, pai, você sabe que eu estou fragilizado pelo tratamento, que não devo me submeter a estresse nem emoções fortes agora. Estou cuidando primeiro da minha saúde física, da minha recuperação.

- É, já vi que você é um ingrato mesmo. Ingrato e mal agradecido. Nunca pensei que criaria um filho para vê-lo se acabar desse jeito, física e moralmente. É o que você quer, Felipe? Então daqui em diante me esqueça, esqueça que você tem pai!

- Pois já esqueci há muito tempo! Senão não teria sobrevivido até aqui!

Dimas bateu a porta com força e foi embora.

- Está vendo, Sérgio? É esse tipo de pessoa vil que você quer que eu perdoe?

- Calma, Peter, agora não é um bom momento para discutir isso...

Peter foi arrancando as sondas de drenagem que estavam em seu corpo, e foi se preparando para ir embora.

- Pois para mim chega. Carla tinha razão. Vou ter com ela de novo.

Sérgio suspirou. Realmente, teria que ter muita paciência até ver aquele caso resolvido. E Dimas não estava colaborando nadinha com a causa...

Capítulo 36

Dona Eulália é peça-chave

- Pois para mim também chega, Sérgio! Você disse que eu tinha carta branca, não é? Pois bem, vou lá conversar com esse senhor!

Sérgio nem tentou impedir. Era raro ver dona Eulália brava ou alterada. “Melhor deixá-la ir, pode ser que a revolta ajude”.

Quem avisou a ela da visita de Dimas foi Lúcia – ao chegar do almoço ela não entendeu nada, porque Felipe já tinha quebrado metade do quarto e não parava de chorar.

- Dona Eulália, por tudo o que me contaram, o negócio foi feio. Eu fico pensando o quanto seu Dimas é sem noção, para ter coragem de chegar aqui na clínica e falar esse tipo de coisa. Mas, pelo que os funcionários me disseram, a maioria dos parentes age assim, especialmente os pais.

- Infelizmente, minha filha, a mãe costuma ser mais acolhedora, e o pai, mais incisivo. Mas mesmo dentro desse perfil, realmente Dimas abusou dessa vez. O menino está bem, se recuperando, não era para tanto. E bem agora! Isso só vai atrapalhar o atendimento.

- Foi justo o que pensei! Afinal, a história de Carla deve ser bem pesada, se ela foi deixada por último.

- Deve sim, e a atitude de Dimas vai prejudicar a recuperação de Peter. Ou seja, ele simplesmente invalidou boa parte do meu trabalho até então. Está decidido: vou lá conversar com ele.

- Dona Eulália, a senhora tem certeza? Seu Dimas é uma pessoa muito difícil. Sei por experiência própria...

- Mas ele é espírita, não é?

- De meia tigela, daqueles que só tomam passe de vez em quando.

- Acredita em vida passada?
 - Sim, mas nunca se interessou em estudar mais a fundo.
 - Pois agora vai estudar na marra. Estou indo lá. Qual é o endereço?
- Lídia também achou melhor não contrariar, e deu.

Dona Eulália costumava ser a pessoa mais paciente do mundo, mas também era educadora quando precisava. Profissionalmente, ela fora professora e diretora de escola. Pela sua larga experiência, sabia muito bem que vários adultos precisavam ser mais direcionados que as crianças.

- Boa tarde, você é Dimas?
- Sou, sim. Quem é a senhora?
- Sou Eulália, quem está se responsabilizando pelo tratamento de Felipe.

Dimas franziu a testa e respondeu em um tom de superioridade:

- Sabia que mais cedo ou mais tarde viriam pedir dinheiro para mim.
- Ao contrário, Dimas. Vim aqui pedir educação e colaboração de sua parte. Não precisamos de seu dinheiro.

- Como a senhora se atreve a falar assim comigo?

Mesmo sem ser convidada, Eulália entrou na casa.

- Alguém tem que falar. Sinto muito por vir assim, mas é o que a situação exige. Quero contar ao senhor todo o trabalho que tive com seu filho no último ano, o qual o senhor está prestes a destruir se ninguém fizer nada!

Conforme dona Eulália foi relatando tudo, Dimas caiu assustado no sofá. Pelo visto ela realmente estava falando sério, e fazia um trabalho comprometido.

Ela contou tudo, desde quando Felipe a procurou pela primeira vez. Como cuidou dos espíritos durante um ano, como foi a internação, os atendimentos das primeiras vidas passadas, o apoio de Lídia – inclusive o tratamento de Peter e Giácomo, que era a parte que o envolvia diretamente.

Um arrepio forte passou pelo corpo de Dimas, ele sabia que tudo aquilo era verdade. Aos poucos a sua postura agressiva e defensiva foi se desmontando, e ele começou a chorar.

Julieta, que estava ouvindo tudo, veio abraçá-lo, aos prantos.

- Ah, Dimas! Graças a Deus que ela teve coragem de vir aqui e seu coração está ouvindo!

- Tudo que eu queria era o meu menino de volta, como ele era! Não este vagabundo!

Agora mais calma, dona Eulália começou as explicações necessárias:

- Por trás de tudo o seu menino ainda está lá, Dimas. O Alcoolismo, como todos já tentaram explicar a vocês e não foram ouvidos, é uma doença. Não é voluntário da parte de Felipe. Ele está tendo ajuda especializada, e vai necessitar de cuidados e conscientização pelo resto da vida. Nunca mais poderá beber, nem um gole.

- Mas nem nas festas? – indignou-se Julieta.

- Nem nas festas, nem em lugar nenhum. Vocês precisam entender isso de uma vez por todas, senão só irão se afastar do próprio filho. Existem grupos de apoio e terapeutas que podem explicar tudo com detalhes a vocês. Mas é necessário, urgentemente, sair dessa postura arrogante e dominadora!

Os dois baixaram os olhos, pois sabiam que dona Eulália estava certa.

- Estão preparados para mudar? Para retomarem a relação com Felipe?

- Sim. Chega de sofrimento. Quero meu filho de volta, quero ajudá-lo. Pouco me importa o que os outros dirão – sacramentou Dimas.

- Assim é que se fala!

Tomada aquela decisão, dona Eulália ajudou o casal a contratar terapeutas de confiança, recomendados pela clínica. Eles iam começar o tratamento naquele mesmo dia, individual e em grupo.

Com sensação de missão cumprida e ganhando um abraço apertado de Julieta, dona Eulália foi para casa.

- Muito obrigado, Eulália. Você disse tudo que eu gostaria de dizer se estivesse encarnado...

- Foi um prazer, Sérgio. Às vezes as pessoas precisam de um puxão de orelha bem dado, não é mesmo?

- Tenho fé que eles irão mudar aos poucos. Talvez até Felipe sair da clínica eles estejam um pouco mais conscientes. De qualquer forma, será uma folga para Lídia, que maneja a situação muito bem quando não é incomodada.

- Com certeza resolvendo a situação desse lado, o resto fluirá bem. Como anda Carla?

- Ela está finalizando seu plano, que pensa ser ultra-secreto. Nós já sabemos de tudo, temos apenas que esperar ela agir.

Capítulo 37

Ciça intervém

A energia ficava cada vez mais pesada. Mariana estava inconformada: quanto tempo mais eles teriam que esperar?

- Dona Eulália, o que Sérgio disse? Por que não podemos agir logo?

- Temos de esperar a finalização de um processo liderado por Carla.

Mariana estava confusa, querendo entender aquilo melhor.

- Mas... Por que a gente precisa ficar assim, passivas, esperando uma vida passada desarmônica agir – e ainda prejudicar outro encarnado com sua ação? Isso está me deixando acabada!

Dona Eulália ia começar a explicar, afinal, para isso fora chamada à casa de Mariana. Mas foi interrompida pela chegada abrupta de Ciça.

- Pode deixar, dona Eulália. Destas coisas, acho que quem mais entende por aqui sou eu. Se eu esquecer algo, ou não souber a explicação técnica, a senhora me ajuda?

- Claro, Cecília! Acho que vai ser ótimo a explicação vir de você, que conhece a fundo todos os caminhos do coração de Mariana.

Mari ficou surpresa, mas gostou daquilo. Ciça tinha o dom de fazer as verdades mais profundas do Universo parecerem brincadeira de criança.

Ciça suspirou fundo e começou:

- Mari, por tudo que eu já li e vivi na pele, a conclusão que cheguei é: existe um ritmo certo para as coisas acontecerem no Universo. Um ritmo que não depende da nossa vontade, nem do nosso controle. Sobre alguns fatores podemos intervir – e devemos. Mas outros precisam ser resolvidos dentro do ritmo de cada um, não podemos mandar nisso.

Dona Eulália assentiu com a cabeça.

- Claro, isso não quer dizer que a gente vá ficar sentado esperando. Mas a gente só pode fazer a nossa parte, nunca a do outro. Por exemplo: por mais que eu quisesse casar e ser feliz, tive que esperar até uma certa idade para acontecer a harmonização da Amy e eu pudesse conhecer o Fernando. Até lá, eu fiz o que pude – mantive minha aparência atraente, cuidei da minha vida profissional, me diverti bastante, busquei não me envolver em nenhuma relação doente ou complicada com homens. Imagina só como foi difícil, e você sabe disso: o meu maior sonho era casar, e eu trabalhava organizando casamentos!

- Eu sei... Sempre pensei que devia ser horrível para você.

- Sabe por que não era? Porque eu fazia tudo com o maior amor do mundo, como se fosse para mim, sem inveja nenhuma. Chegava a me envolver tanto, que as noivas me indicavam para todas as suas amigas!

Mariana sorriu. Era verdade e ela bem sabia , já que foi uma das noivas usuárias do serviço.

- Pois bem, falei tudo isso para que você entenda melhor: se vocês fizeram tudo direitinho e agora as coisas estão travadas, é porque existe algum “bloqueio cósmico” querendo que outras coisas aconteçam primeiro. Sendo assim, você não está sendo passiva. Está sendo sábia, respeitando o ritmo do Universo!

Mariana entendeu. Aquilo fazia sentido.

- E digo mais: sua missão foi muito bem cumprida, porque você vem enchendo Felipe de afeto, ajudou a trazer a amada dele de volta. Está até com bônus!

- É verdade, Cecília. Mariana, a paciência e a hora certa de intervir são lições muito preciosas que recebemos da Espiritualidade. – completou dona Eulália – Muitas vezes fiz o mesmo questionamento, antes de Felipe estar pronto para a internação. Mas hoje entendo, foi o tempo dele. Vejo

isso acontecer em demasia com os casos que atendo. Se todos entendessem essa lei cósmica, muitos sofrimentos seriam evitados no planeta!

- Mas Dona Eulália, como perceber qual o equilíbrio entre esperar e agir?

- Quando os mentores não interferem diretamente, podemos perceber essa diferença pelas nossas intuições e sensações. Quando ainda não é a hora certa de agir, é como se a gente sentisse um freio interno pedindo para esperar mais. Esse freio pode até ser externo, em forma de sinais negativos, quando ainda estamos muito fora de sintonia com nossa sabedoria interna e com nossos amigos espirituais. Ao mesmo tempo, quando é hora de agir, é como se soasse um alarme interno em forma de angústia e inquietação, dizendo que precisamos fazer algo urgentemente. Nosso corpo, nossos pensamentos e nossas emoções são grandes aliados quando sabemos ouvi-los – e quando estamos dispostos a isso.

- Mas e se for uma tentativa das trevas de impedir?

- A sua proteção te avisará, contanto que você faça a sua parte.

- Entendi.

Mariana serviu um chá com bolo para as duas, enquanto assimilava tudo aquilo.

- Então, no momento, tendo paciência em esperar eu estou cumprindo o que se espera de mim?

- ISSO! – as duas afirmaram, sorrindo.

- Sérgio tem me mantido informada sobre todas as informações que ele já teve acesso. – confirmou dona Eulália – Carla irá usar Edgar, o amigo de Felipe das ruas. Como, exatamente, Sérgio ainda não sabe.

- E por que Edgar é tão importante?

- Será importante para o desenvolvimento de todos.

Naquele momento, dona Eulália entendeu. Imediatamente as cenas passaram a ser mostradas em rápidos flashes, confirmando o insight que ela

acabara de ter. Sérgio sorria ao lado dela. Fez sinal afirmativo, já era hora de Mariana saber de tudo.

- Mariana, você foi mãe de Felipe!

- Sério? Nossa, eu já sentia isso dentro de mim, sabia? Sinto tanto carinho por ele!

Ciça também captou a mensagem. E percebeu que a ficha de Mariana ainda não tinha caído.

- Mari, você ainda não entendeu, né?

De repente, ela caiu em si.

- E Edgar era o pai!

Capítulo 38

Lídia em conflito

Enquanto aquela conversa ocorria, Lídia passava por momentos tensos. Era um problema particular, que ninguém poderia ajudá-la a resolver.

Ela tinha optado em manter o sigilo sobre aquele assunto, mas agora o assunto estava se fazendo presente: Eduardo.

Na caixa postal de seu celular, estava o seguinte recado:

“Oi, querida. Já faz tempo que você deveria ter voltado de viagem, né? Seus pais me disseram que você precisou ficar mais.

Olha, eu nunca quis te pressionar, porque sei o quanto você gosta do Felipe. Mas a gente nem sabe se ele está vivo.

Eu sei que nunca aconteceu nada de físico entre a gente, mas para mim as coisas funcionam à moda antiga mesmo. Sei que você gosta de mim e isso já é o suficiente, o resto a gente constrói com o tempo.

Meu pedido ainda está de pé: casa comigo?”

Ela precisou ouvir o recado umas três vezes, ainda sem saber o que fazer. Na verdade, com tudo que aconteceu, ela tinha esquecido completamente daquilo.

Eduardo era um amor de criatura. Foi um grande amigo que ela conheceu na faculdade, e se tornou presença obrigatória depois que Felipe sumiu. Foi no ombro dele que ela chorou, ele sabia de todos os seus sentimentos.

Sempre fora apaixonado por ela, desde o começo. Inicialmente disfarçava muito bem, Lídia jamais poderia suspeitar de nada. Depois, com

o tempo, ela foi percebendo que não era possível alguém ser tão atencioso e cavalheiro em troca apenas de amizade.

Quando ele finalmente se declarou, ela ficou sem fala. Pediu um tempo para pensar. E, dois dias depois, foi ao centro de dona Eulália, e todo o resto aconteceu.

Agora, ouvindo aquela mensagem, Lídia não podia negar que estava balançada. Ela nunca duvidou da força de seu amor por Felipe, tinha certeza que ele era o homem da sua vida.

Mas, lá no fundo, não podia deixar de notar a sementinha da dúvida. Eduardo era muito bonito, rico, apaixonado por ela. Com certeza seria o marido dos sonhos, faria absolutamente tudo que estivesse ao seu alcance para vê-la feliz.

Não era alcoólico. Na verdade, não tinha nenhum defeito grave. O único problema é que ela não era apaixonada por ele.

“Será que é válido decidir um casamento por paixão? Ou devo pensar mais no meu futuro? Todo esse fantasma do Alcoolismo seria varrido de vez da minha vida. Eu pouparia meus filhos dessa tendência genética, teria uma vida confortável e próspera. Será que com o tempo eu não acabaria me apaixonando por ele?” – ela pensava.

Outro medo que tinha era o fato de Felipe ter sido seu único namorado. Como ela poderia saber se não estava acomodada em relação ao que sentia por ele?

E o principal: será que a mudança de Felipe seria para valer? E se tudo começasse de novo em breve? Ela teria força?

Com a cabeça fervilhando, ela disse a Felipe que iria dar uma volta. E fez o que achou melhor: disse a verdade.

- Alô, Eduardo?

- Lídia, é você! Graças a Deus, fiquei tão preocupado!

- Eu estou bem. Ouvi seu recado.

- Que bom. E então?

- Vou te contar uma coisa, mas te peço para não falar ainda aos meus pais. Pode ser?

- Claro. O que foi?

- Eu achei Felipe.

Eduardo quase desmaiou.

- Eu achei o Fê, e quis ser honesta com você. Pensei muito antes de te ligar, e concluí que só posso resolver isso falando a verdade para vocês dois. Desligando aqui vou contar para ele.

- Vocês vão voltar?

- A gente está junto. Mas eu ainda não decidi nada sobre o que você me propôs.

- E o que você acha de ficarmos juntos também? Aí você pode ter mais parâmetros para decidir.

- Eu não posso fazer isso. E, na verdade, nem preciso. Sei que a gente não teria qualquer problema de química, você é um cara super atraente. Não é esse o problema.

- E qual é, então?

- Aconteceu tudo muito rápido e eu tenho muita história com ele. No momento atual, mesmo que eu estivesse decidida por você, não poderia colocar todo o tratamento dele em risco.

- Justamente por você ser essa mulher maravilhosa que te propôs casamento, Lídia. Mas eu entendo tudo, sim. Acho até que você nem deveria falar de mim para ele.

- Isso eu vou falar. Ao contrário de dona Julieta, acredito que Felipe não deve ser tratado como criança. Tem que entender que as atitudes dele

acarretam consequências. Ele escolhe passar um ano fora da minha vida, e você apenas tomou o espaço que ele deixou. Inclusive, ele tem sorte de você ter sido tão fofo e respeitado meu tempo.

- Lídia, não precisa falar mais nada. Esperei tanto por você, posso esperar mais. Só quero que você não tenha ilusões quanto à condição dele.

- Não, isso não tenho. Sei que ele terá esse problema a vida toda e que poderá ter recaídas graves. Caso escolha ficar com ele, eu também vou assumir as consequências, e não vou correr para os seus braços chorando caso dê errado.

- Sendo assim, tudo bem. Claro que quero que você decida por mim, mas vou respeitar qualquer escolha que você faça.

- Estou sendo honesta porque gosto muito de você e também não quero ficar te prendendo.

- Pode deixar, eu entendo.

- E foi assim, Mari. Obrigada por me ouvir. Eu precisava contar tudo isso para alguém, inclusive para decidir o que farei e se vale a pena mesmo falar disso para o Felipe agora.

- Menina, que babado! Nossa, o Eduardo parece ser realmente uma pessoa muito especial, a ponto de ser tão compreensivo.

- Ah, isso é mesmo.

- Mas não sei... Acho estranho ele reaparecer bem agora.

- Pois é, Mari, pensei nisso. Ou é para tudo se resolver mesmo, ou a Carla mudou de alvo.

- É no mínimo suspeito. Acho que você fez bem em não tomar nenhuma decisão definitiva. Afinal, a sua vida inteira mudaria!

- Por isso prefiro esperar o desfecho disto. Mas contar para o Felipe decidi que vou, não gosto de mentira. Só não tinha contado ainda por ter me desconectado desse assunto, pensando na melhora dele. O telefonema de Eduardo me trouxe de volta à realidade.

- Acho que vai ser bem motivacional para Felipe saber disso. Manda ver!

Respirando fundo, Lúdia foi para o quarto de Felipe abrir o jogo.

Capítulo 39

Enfim sós

- Oi Fê, tudo bom?

- Tudo, minha princesa! Passeou bastante?

- Eu preciso conversar com você.

Felipe estranhou o tom sério.

- Aconteceu uma coisa no período em que você esteve fora que eu ainda não contei: quem mais me deu força nesse tempo foi aquele amigo de faculdade, o Eduardo. Ele ficou super presente na minha vida, me deu a maior força. E, dias antes da gente se encontrar na clínica, ele pediu a minha mão em casamento. Nunca aconteceu nada físico entre a gente, mas ele se apaixonou.

Felipe estava branco, em choque.

- Com tudo que aconteceu, eu tinha até esquecido disso. Mas ontem ele me deixou um recado, e eu retornei.

- Falando o que?

- Eu disse que você voltou, que a gente tá junto, mas que eu ainda não posso dar uma resposta definitiva, tenho que esperar um pouco.

- Esperar para ver se a encrenca do Felipe se resolve, não é?

Lídia engoliu em seco e respondeu firme, olhando nos olhos dele:

- É. Pensa que não me assusto com tudo isso? Fê, eu te amo, mas eu preciso ter certeza que você mudou mesmo! Eu não quero passar o resto da minha vida segurando a sua barra. Eu preciso de uma vida estável, tranquila, em paz.

Felipe andou um pouco pelo quarto até conseguir calma para responder.

- Lili, já entendi tudo. Você quer me motivar a sair logo dessa, quer me tirar da zona de conforto. Tá certo. Apesar da minha vontade ser socar esse tal Eduardo, não posso tirar a razão dele. Eu saí fora e ele assumiu meu lugar. Tenho é sorte dele ter demorado para se declarar, senão já poderia ser tarde.

Lídia chorava, chateada por estar tendo de magoar quem mais amava. Mas, pela reação dele, sentia que tinha feito o certo.

- Eu vou entender, seja qual for a decisão que você tome. Vou sofrer se você escolher ficar com ele, mas vou te amar sempre. Seja como minha esposa ou como um grande amor que tive. Mas eu sei que ser possessivo não está com nada. Se você escolher ficar, eu prometo que vou vencer essa doença e te fazer feliz.

- Ah, Fê... Eu te amo!

Os dois se abraçaram e beijaram, deixando o amor tomar conta.

Abraçados na cama, Felipe estava fazendo carinho no cabelo de sua amada.

- Fê, eu prefiro não tocar mais neste assunto por enquanto, pode ser? Agora vocês dois sabem de tudo, eu já fico mais tranquila. Prefiro que a gente concentre todas as atenções na sua recuperação.

Felipe concordou.

- Vou tomar café com a Mariana, tá?

Sozinho, Felipe chorou, pondo para fora todo o ódio que estava no seu peito. Ele nunca iria se perdoar: Lídia poderia escolher Eduardo, e era tudo culpa dele!

“Nossa, eu fui muito ingênuo de achar que isso não poderia acontecer comigo! Bem que o velho Ed me avisou, eu tinha que ter voltado antes!”

E continuou a chorar, corroído pela culpa.

“Mas calma: o jogo ainda está a meu favor. Se ela não quisesse ficar comigo, quando o tal cara ligou teria ido embora, ou pelo menos ia me avisar que só iria ficar aqui me dando uma força até o tratamento acabar. Se ela abriu o jogo assim, eu ainda tenho chance. Preciso melhorar logo, me dedicar completamente ao tratamento, mostrar que voltei para valer!”

Sérgio estava ao seu lado, inspirando aqueles bons pensamentos e feliz com a maturidade que Felipe teve para enfrentar a situação.

Mariana ficou esperando Lúdia, super aflita. Ela bem sabia o quanto Felipe ficaria arrasado com a notícia.

Lúdia chegou, com os olhos inchados.

- Como foi, querida?

- Ah, Mari, horrível. Mas pelo menos eu fiz o que meu coração mandou. Para mim já está praticamente decidido que eu vou ficar com Felipe. Mas ele vai ter que me provar que mudou mesmo.

- Tá certa. Senão, daqui a pouco você viraria mãe, e não namorada...

- É difícil, né?

- Sim, é bem complicado. Mas tenho certeza que, com essa conversa, você mostrou que se valoriza, que não vai ficar esperando eternamente pela melhora dele, e que também o respeita muito e não vai ter o hábito de mentir só para protegê-lo.

- Eu sei que ele odeia isso, porque dona Julieta sempre fazia. É muito chato.

- Sem dúvida, ele tem que ser tratado como adulto. Só assim vai poder assumir responsabilidade e as rédeas da própria vida.

- Bom, deixa eu voltar lá. Ele ficou bem abalado.

- Se você está mesmo querendo ficar com ele, é bom ser carinhosa e acolhedora, para ele ficar mais em paz.

Lídia voltou para a clínica. Com a ajuda de dona Eulália, Felipe estava aguardando por ela com um buquê de flores do campo, as preferidas dela.

Chorando, Lídia abraçou as flores.

- São lindas!

- Como você, minha princesa. Eu vou te provar que mudei, que posso te fazer feliz. Você vai ver!

Os dois se abraçaram, e assim ficaram o resto da noite.

- Mariana, Sérgio me avisou que amanhã poderemos retomar o trabalho.

- Ai, que bom! Como faremos?

- A coisa vai ser um pouco pior do que eu pensava. O objetivo de Carla é desestabilizar Felipe com a perda de um ente querido.

- Ela vai tentar matar Edgar?

- Exatamente. Por coma alcoólico.

- E o que a senhora pretende fazer?

- Pagar do meu bolso uma segunda internação para ele, pois quero tentar impedir. Essa morte seria fora da programação, chequei com os mentores. Já conversei com o dono da clínica, ele pode fazer um bom desconto para mim. E, no caso de Edgar, será apenas temporário. Caso ele não agarre a chance, nada poderei fazer.

- E quando a senhora vai buscá-lo?
- Agora. Carlos pode ir conosco?
- Pode, sim. Ele está em casa, vou ligar chamando.
- Enquanto isso, vou pedir para Felipe me contar como ele é, disfarçando o que quero saber. Depois que tudo estiver resolvido a gente conta.

Com a descrição fornecida por Felipe, Edgar foi encontrado e socorrido pela ambulância. Se não fosse por aquela ajuda, ele morreria em algumas horas.

Ao vê-lo, Mariana sentiu uma emoção forte, um carinho. Os olhos são o espelho da alma, já dizia o ditado: ao encontrar aqueles olhos azuis, ela logo reconheceu o antigo marido.

Carlos, apesar do ciúme inicial, quando soube de tudo fez questão de assumir todos os custos de internação.

Agora sim, com tudo resolvido, era hora de cuidar de Carla.

Capítulo 40

Hora da ação

No dia seguinte, dona Eulália e Mariana vieram preparar Felipe para saber o que tinha acontecido com o velho Ed.

- Ele está bem, dona Eulália?

- Sim, querida. Ainda está inconsciente, mas fora de perigo. Já foi medicado, e aos poucos passará pela desintoxicação.

- Será que Felipe vai lidar bem com isso?

- Coitado, ele está tendo que administrar tantas coisas ao mesmo tempo... Mas creio que será positivo, os dois poderão passar um tempo juntos quando Edgar estiver melhor. Isso também irá sobrecarregar menos Lúcia.

- Então, vamos lá!

Felipe estava mais calmo e brincalhão, como sempre. Apesar de todo o abalo da notícia trazida por Lúcia e do conflito com o pai, ele realmente estava optando por reagir.

- Bom dia, querido amigo!

- Bom dia, minhas meninas!

Dona Eulália sorriu com o “menina”. Mas ela se sentia mesmo jovem, com tantas tarefas que executava.

- Temos uma notícia boa e outra ruim. A boa é que Edgar está aqui.

- Sério? Que maravilha! Estou morrendo de saudade do velho Ed, nem acredito!

- A má notícia é que ele quase morreu ontem. Eu providenciei a internação para evitar que o plano de Carla se concretizasse.

- Ela queria matar o velho Ed?

- Sim, para que a perda dele te desestabilizasse.

- Nossa... Como ela fez isso?

- Graças aos acordos com os magos, ela conseguiu um grande contingente de obsessores. Mais de dez mil. Eles fizeram com que Edgar bebesse muito mais do que estava acostumado, e assim ele entrou em coma alcoólico. Como Sérgio pôde me informar a tempo, eu intervi.

- Que Deus te ilumine mais uma vez, dona Eulália! A senhora tem sido uma mãe para mim! Tenho certeza que ele vai aproveitar a chance e fazer o tratamento. Ele ficou muito deprimido depois que perdeu a família, sabe?

- Depois, quando ele se recuperar melhor da parte física, poderemos cuidar disso.

- Felipe, eu e dona Eulália iremos para o centro agora cuidar do atendimento de Carla. O que você acha de pedirmos para te dar um calmante, aí você já dorme e fica poupado de mais uma crise?

- Acho ótimo. Estou precisando mesmo descansar de toda essa confusão.

- Tudo bem. Edgar não estará em condição de conversar tão cedo, então é melhor você descansar agora. Onde está Lídia?

- Foi almoçar, deve estar chegando. Aí vocês já aproveitam e a levam junto.

- Dona Eulália, Mariana, estou muito feliz! Tudo está se encaminhando da melhor forma. Já decidi: quero, sim, ficar com Felipe. Tenho tanta fé que essa melhora será definitiva!

- Ele realmente está apresentando um quadro promissor, Lídia – comemorou dona Eulália.

- Acho que a sua atitude de contar sobre Eduardo foi ótima, foi o que faltava para que ele se conscientizasse da necessidade urgente de mudar.

- Bom, pelo que entendi então, tudo isso que aconteceu acabou sendo uma manobra para que Edgar recebesse ajuda? – perguntou Lúdia.

- Foi revertido dessa forma. Inicialmente, seria o golpe de mestre de Carla. Se não fosse a nossa intervenção, Edgar estaria morto agora. – explicou dona Eulália – O que Carla não contava era que Sérgio tivesse autorização para solicitar minha atuação. Ela deve estar furiosa.

- E bota furiosa nisso!

Carla não se conformava em ver seu plano indo água abaixo. Agora ela teria poucas alternativas para resistir, talvez nenhuma.

- Já vi que não adianta nada toda a minha dedicação, eles sempre vão vencer no final. O único trunfo que tenho é Eulália não ter direito a acessar minha estória ainda. Mas nem adianta me animar com isso, daqui a pouco todos colocam a fofoca em dia.

Enquanto pensava no que fazer, Carla foi rememorando seu passado. Para ela, tudo que importava era o poder – custasse o que custasse.

Tudo começou na antiga Babilônia. Carla vivia no templo de Ur. Inicialmente tinha dedicado sua vida ao culto da deusa Ishtar – um dos nomes pelos quais a Grande Mãe ficou conhecida no Oriente.

O grupo de pessoas trabalhava em harmonia, com o objetivo de canalizar o poder da Deusa e ajudar toda a sociedade a ter contato com o Divino.

Mas, para Carla, aquilo era tudo muito entediante. Ela queria mais, acalentava internamente o objetivo de saber tudo que fosse possível sobre o

mundo oculto. Não se interessava apenas pelo culto branco, queria conhecer também o lado negro.

Advertências não faltaram. A grã-sacerdotisa sabia de todas as suas intenções. Avisara Carla indiretamente dúzias de vezes. Depois, diretamente. Até não haver outra alternativa a não ser expulsá-la.

Foi feita uma reunião para discutir o assunto. Embora muitos fossem favoráveis à sua permanência, a grã-sacerdotisa não se convenceu. Era muito perigoso deixar um conhecimento tão profundo nas mãos de alguém despreparado.

Kaysa, a grã-sacerdotisa, tinha consciência que Carla buscava o lado negro de qualquer forma, estando dentro ou fora do templo. Mas não queria arriscar perder mais gente além dela.

Carla foi banida. Sentiu-se humilhada, afrontada, odiou profundamente. Jurou que se vingaria de Kaysa futuramente, nem que demorasse muitas vidas.

E, como previsto, aliou-se a grupos que estudavam o lado negro, e foi se aprofundando. Dotada de grande poder hipnótico, rapidamente foi alcançando a liderança.

Tinha acesso a conhecimentos milenares, dentro de todas as modalidades de magia. Escolheu trabalhar com poções. As pessoas iam consultá-la e ela ministrava fórmulas para os mais diversos fins: ganhar dinheiro, conquistar a pessoa amada, destruir inimigos.

Muitas pessoas usaram seus serviços, muito mal foi espalhado. Consciente disso, cada vez mais foi fazendo pactos com entidades trevosas, até com demônios de alta hierarquia.

Não se importava com o comprometimento que teria, pois seu objetivo era liderança – a qual ela queria manter enquanto encarnada e também no pós-morte.

Na sua mentalidade, quanto mais invocações fizesse, mais aliados teria para liderar quando desencarnasse.

Suas poções eram feitas com álcool. Muitos usuários ficavam dependentes delas, pois o teor etílico era bem alto. Com isso, além de disseminar o mal, Carla adquiria uma legião de seguidores: encarnados e desencarnados.

Assim foi por toda a sua vida, e por muitos séculos depois – até agora.

Capítulo 41

A união faz a força

Depois de desencarnada, Carla aproveitou todos os espíritos que escravizou para fazer alianças no submundo e expandir ainda mais seus domínios.

Ligava-se a qualquer tipo de falange, contanto que isso rendesse mais comandados. Podiam ser grupos ligados a sexo, drogas, emoções desequilibradas, o que fosse.

Com o tempo, foi se especializando mais nos dependentes de álcool, pois era um grupo mais fácil de controlar. Na sua época ainda não existia a variedade de bebidas que existe hoje, fundamentalmente eram usuários de vinho – mas a dependência acontecia da mesma forma.

A alma de Felipe seguiu encarnando, enquanto Carla continuava dissociada coordenando seu exército, cada vez maior. Ela assistiu de camarote às encarnações de Peter e Ciccilio, influenciando e participando de todas as confusões que aconteceram.

Como seu objetivo era vampirizar energia e conseguir cada vez mais poder, sob o seu ponto de vista as encarnações foram de absoluto sucesso. Agora ela estava tendo de lidar com aquela bondade toda que permeava a vida de Felipe, que ela detestava. As coisas iam muito bem até dona Eulália intervir.

Por sua longa experiência, sabia que não adiantaria mais insistir. Ela teria que passar por aquele atendimento, e tentar planejar algo para agir depois.

Sérgio compareceu ao centro antes de começar o atendimento. Finalmente teria autorização para informar dona Eulália e Mariana da situação de Carla.

Depois que contou toda a história, Lídia comentou:

- Uau. Isso que é vida passada desarmônica, para ninguém botar defeito! Mari, pelo que você me contou, ela é pior que Athor, não é?

- Sim, parece. Ele ficaria meio ofendido com a observação... (risos)

- O mais complicado, no caso dela, é seu caráter auto-destrutivo. – explicou dona Eulália. Athor pouco se importava com Mariana, apenas queria voltar para os braços de Tera o mais rápido possível: por isso a ideia suicida. Já no caso de Carla, a coisa vai além. Ela quer que Felipe continue vibrando o mais negativo possível, que destrua sua vida, mas se mantenha bebendo. O objetivo dela não é a morte de Felipe: é que ele continue vivo, de forma desarmônica.

- É verdade. – confirmou Sérgio. Pois assim ela vai expandindo seu exército ao máximo. Para ela, pouco valor teria se Felipe morresse. A encarnação dele é o espaço de tempo que ela precisa para recrutar mais servidores sem ser incomodada.

- Estou pensando qual brecha usar para doutriná-la – disse dona Eulália.

- Estaremos ajudando. Mantenham-se em prece.

- Boa noite, Carla.

- Finalmente chegou até mim, não é?

- Um dia isso teria que acontecer. Você entende bem qual é a situação?

- Claro. Seu amado protegido está melhorando e eu sou a única pedra no sapato. Mas, como sou competente, sou praticamente uma pedreira no sapato.

- Sem dúvida você é muito competente, isso não se discute. Porém, o que acha de redirecionar sua competência?

Dona Eulália já foi projetando mentalmente bastante luz rosa no coração de Carla, e recompondo seu corpo com luz verde.

- Sabia que a senhora viria com esse argumento. Não, não tenho qualquer interesse em desfazer meu trabalho ou perder minha liderança. Afinal, só foi desfeito a equipe que desenvolvi durante a encarnação de Felipe, com o contingente de duas mil almas que me foi levado. O meu exército continua aqui, gigante, com milhares de milhares de integrantes. E não tenho qualquer intenção de abrir mão dele.

- Você sabe que, infelizmente, essa parte terá que ser resolvida agora. Tenho autorização para tanto.

Carla engoliu em seco. Sabia que não poderia impedir.

- Vamos nesse momento reunindo todos em um círculo azul gigante. Todos vão recebendo alimento e bebida, reencontrando familiares e recebendo dispensa de seus serviços.

A cena era de uma multidão, como um estádio de futebol lotado. As pessoas mal podiam acreditar que estavam recebendo ajuda, a maioria estava presa havia séculos.

Ouvia-se um nítido suspiro de alívio coletivo, além de muito choro de emoção no reencontro com entes queridos. Era um dia de festa para as equipes de socorro, ansiosamente esperado.

Porém, nem tudo eram flores. Um grupo de líderes, aproximadamente cinquenta, ainda queria ficar ao lado de Carla.

- Por hoje iremos encerrar por aqui. Lembre-se, Carla: estamos presentes para ajudá-la. Embora a seus olhos estejamos destruindo tudo que

você construiu, um dia estará pronta para entender o momento redentor que está vivenciando.

Carla nem quis retrucar: ao perceber que estava liberada, retirou-se com o pessoal que permaneceu fiel, sem dizer nada.

- Jesus, que energia pesada!

Dona Eulália, que também estava exausta, concordou.

- Tive que interromper justamente por isso. Um caso como o dela requer mais de uma etapa de atendimento.

- Será que só mais uma vez será suficiente?

- Talvez não. Veremos.

Lídia observava tudo, atônita.

- Deve ser principalmente por causa dela que eu me sentia tão cansada. Ela e o grupo passavam uma energia horrorosa, de desesperança, como se nada no mundo tivesse graça ou valesse a pena.

- De fato, Lídia. Um dos maiores objetivos de Carla era te afastar de Felipe, pois assim ele ficava mais vulnerável. Você, sem dúvida, foi alvo de repetidos ataques por parte dela.

- Dona Eulália, como vai ser para ela desistir?

- Segundo Sérgio, um grande trabalho está sendo feito pelas equipes espirituais, paralelamente conosco. No caso de Carla, a vitória só virá pela desistência, quando ela se vir acuada e sem opções. Mesmo assim, será a longo prazo e com muito monitoramento das equipes, para que ela não reincida.

- E ela não vai ficar sempre incentivando Felipe a desistir?

- Nessa fase, a colaboração dele é fundamental. Se Felipe fraquejar, Carla volta a ter força. Qualquer brecha será utilizada por ela. Felipe terá

de, além de parar com a bebida, ocupar-se com atividades edificantes, em prol do próximo e da Espiritualidade.

- Ele está animado com isso, fala que quer estudar com a senhora.

- Será sempre bem-vindo!

As três sorriram, sentindo forte esperança de ver tudo resolvido em breve. Apesar das dificuldades, o cenário estava se modificando.

Apenas dona Eulália e Sérgio permaneceram temerosos com o ataque final de Carla: será que Felipe resistiria?

Capítulo 42

Não podemos perdê-lo!

Como era esperado e temido que acontecesse, no dia seguinte Felipe acordou passando mal. Começou a gritar pelas enfermeiras com as poucas forças que tinha: estava com uma falta de ar terrível, sentia como se estivesse sendo esganado.

Foi necessário colocá-lo no respirador artificial. O médico não conseguia entender o que estava acontecendo clinicamente, pois ele estava ótimo havia meses.

Carla optara em atacar toda a reserva de energia do corpo de Felipe, para repor parte da energia que vampirizava do pessoal que fora tomado dela no atendimento.

“A essa altura, não me importo mais se ele desencarnar. Talvez seja, inclusive, minha única escolha. Enquanto ele viver, vai continuar aí com seus amiguinhos do bem, sem se importar com o álcool ou com qualquer hábito negativo que me permita aumentar meus exércitos. Então, que morra logo!” – ela pensou.

O quadro clínico de Felipe foi piorando de forma tão rápida que os médicos custaram a ter tempo de chamar Lúdia e dona Eulália, que tinham saído. Assim que elas souberam, correram para lá.

- Ah, meu Deus! Dona Eulália, por que ela está fazendo isso? – desesperou-se Lúdia.

- Infelizmente eu já imaginava que algo do gênero pudesse acontecer. A vida de Felipe deixou de interessar a Carla.

- Mas então é assim: a vida passada decide que quer a atual morta, e pronto?

- Depende muito do caso. Carla é bastante poderosa, conforme pudemos ver ontem. O que realmente é decisivo é a vontade da pessoa encarnada e o seu histórico kármico. Sobre ela ser uma vida passada, a questão é não termos o hábito de estudar esses fenômenos. Estamos acostumados a pensar que uma obsessão ferrenha pode matar alguém, mas não que uma auto-obsessão ferrenha possa fazer o mesmo. E pode. Mas se Felipe não tivesse condições de vencer a doença, não teríamos chegado até aqui.

- Então por que ele piorou?

- Porque, por tudo que vimos, não estamos cuidando só dele. Milhares de subordinados estavam envolvidos. O que acaba sendo mais delicado é o processo de desligamento dessas entidades, já que todas têm ligações fluídicas com Felipe.

- Sérgio já disse alguma coisa?

- Não. Ele disse que estava muito ocupado gerenciando a situação. Da última vez que falou comigo, estava indo a uma reunião com uma equipe dos Senhores do Karma para avaliarem a situação.

- E Mariana?

- Está em casa. Hoje ela acordou se sentindo muito mal. A ressonância para ela é mais forte, por ser a médium responsável.

- Estou tão preocupada...

- Fique calma, minha filha. Acontecerá o melhor para todos. A boa notícia é que Edgar já acordou e aceitou passar pelo tratamento. Sua desintoxicação está sendo bem forte, mas ele ficou imensamente agradecido pela ajuda e prometeu que faria tudo direitinho daqui em diante.

- Que ótimo.

Lídia estava exausta. E sabia que, naquele momento, tudo que poderia fazer seria esperar e rezar.

Ela sentou em um canto, com seu terço de estimação, e começou a fazer uma série de orações. Ficou horas assim.

Sérgio e Sofia deram um suspiro de alívio, pois ectoplasma era o que mais precisavam naquele momento.

- Sérgio, o que faremos?

- O objetivo maior é manter Felipe no corpo. Carla está lutando para desligá-lo. Precisamos ajudá-lo a resistir e lutar.

- Como?

- O mais importante agora é a postura mental dele, mesmo que não consiga se comunicar com ninguém. Precisamos usar o ectoplasma para mantê-lo em uma energia otimista, alegre, vibrando pela própria recuperação. Se ele entrar numa postura negativa como Carla quer, nosso trabalho ficará ainda mais difícil.

Sérgio aproveitou uma folga breve e foi explicar isso a dona Eulália.

- Vou acionar a corrente do centro. – ela afirmou.

Como era combinado para situações extremas tais quais aquela, dona Eulália ligou para Ricardo, que ligou para o seu contato e acionou a corrente. Em menos de dez minutos, cada um ligando para seu contato de emergência, todos os cem trabalhadores da casa foram avisados e colocados em oração. Toda aquela energia foi sendo direcionada por Sérgio, e em breve Felipe já estava melhorando e voltando a si.

- Precisaremos agir de forma mais especializada, senão nada poderá ser feito e seremos derrotados. Quero uma reunião com todos agora.

Diante de seus subordinados, Carla foi incisiva:

- Teremos que usar todo nosso conhecimento técnico. Como anda a confecção de aparelhos parasitas no laboratório?

- A todo vapor, chefe. Que tipo a senhora quer usar?
- No caso de Felipe, é um pouco delicado. Precisamos de algo que traga complicações físicas, mas ele é jovem e goza de boa saúde.
- Chefe, sugiro aquele aparelho para o cérebro que causa amnésia temporária. Se ele ficar meio abobado, quem sabe Lídia não vai retomar com o outro rapaz e esse grupo não acaba esquecendo tudo isso?
- É uma ideia ótima! Quanto tempo ele leva para ser implantado?
- Algumas horas, mas podemos fazer o trabalho à noite. Ele já irá acordar com os efeitos amanhã. O que acha?
- Perfeito. Podem começar.

Era a última tentativa de Carla. Mas ela não estava muito animada.

“Sei que no momento eles estão mais fortes do que eu. Preciso começar a pensar como ficará minha situação se eu perder”.

Sérgio empalideceu. Ele bem sabia o quanto aquele tipo de aparelho era especializado. Seria necessário algum técnico que soubesse revertê-lo.

- Agenor, alguém na equipe cuida disso?
- De um aparelho tão sofisticado como esse, não. Precisarei pesquisar junto a outras colônias.
- Como ficaremos?
- Infelizmente, meu amigo, isso demandará algum tempo. Não temos autorização para impedir a ativação do aparelho. Só nos resta esperar.

Sérgio, com sua paciência estóica, recolheu-se para meditar. Sofia correu para alertar dona Eulália.

- Ficaremos em prece, Sofia.
- Nós também. Dessa vez é tudo que podemos fazer.

A corrente de oração continuou ativa, e todos enfrentaram a árdua espera que avançou pela noite.

Os dados estavam lançados naquele acerto final entre as forças do Bem e do Mal. O destino de Felipe dependia do vencedor daquela contenda.

Capítulo 43

Implantes

- Bom dia, Fê! Tudo bom?

Felipe acordou assustado, olhando para Lídia sem saber o que dizer.

- Quem é você?

Lídia começou a chorar e saiu correndo do quarto. Dona Eulália já havia avisado, mas ver o fato consumado era diferente.

- Mari, vim correndo para cá... Desculpa te acordar tão cedo.

- Imagina, querida. Venha tomar um café com a gente. Quer passar o dia por aqui?

- Vou aceitar sim, já que é sábado. Não vou incomodar?

- Claro que não!

- Como dona Eulália disse que o processo de amnésia é reversível quando retirarmos o aparelho, preferi me preservar e não ficar muito por perto.

- Fez bem, você já sofreu o bastante com tudo isso.

- Nossa, eu nem sabia que isso era possível! Um aparelho parasita fazer alguém perder a memória!

- Se for uma equipe com bastante conhecimento, sim. Eu quase fui vítima de um aparelho assim, mais complexo. Graças a Deus dona Eulália conseguiu impedir a tempo.

Lídia estava realmente exausta. Mariana preparou o quarto de hóspedes, e ela acabou dormindo até o meio da tarde.

Mariana e Carlos aproveitaram aquele intervalo para verem um filme juntos, coisa que não faziam havia muito tempo. Os meninos tinham ido passar o dia com amiguinhos da escola.

- Quando será o atendimento final?

- Está marcado para hoje à noite, dona Eulália vai abrir a casa especialmente para isso. Todos os trabalhadores se dispuseram a ir ajudar.

- Acho ótimo, querida. Irei também.

- Ai, Carlos, eu sei que não devo fraquejar, mas já estou exaurida fisicamente. Acho que vamos precisar de férias depois disso tudo, ainda mais agora que estamos quase em julho.

Carlos sorriu, colocando um par de passagens no colo da esposa.

- Programei para daqui a duas semanas, para garantir que já esteja tudo resolvido. Dona Lúcia ficará com os meninos.

- Cancun! Sempre foi meu sonho!

- Então vamos realizá-lo juntos!

Era chegada a hora. Mariana estava na expectativa de ser o mais útil possível. Estava arrasada com a situação de Felipe.

- Resolvi vir junto para cá, afinal, ele nem se lembra de mim. – lamentou Lídia.

- Fique tranquila, minha filha. – consolou dona Eulália – Se Deus quiser, e com a ajuda dos amigos espirituais, em breve tudo estará normalizado. Tenha fé.

- Inclusive, eu acredito que esse caso vai mexer muito com quem não acredita na Espiritualidade, não é? – disse Mariana.

- Acredito que sim. Eu já vi absolutamente de tudo nesses anos de trabalho, então nem me surpreendo mais. De qualquer forma, até para mim

a complexidade do caso de Felipe impressiona. É maravilhoso ver o socorro coletivo que um caso assim possibilita. Justamente por isso tenho fé absoluta na recuperação dele.

- Que assim seja!

- Vamos começar?

Aproveitando a presença de todo o grupo, dona Eulália comandou uma série de orações para elevar o ambiente.

Assim como acontecera no dia de atendimento feito a Athor, todos uniram seus corações, doando o seu melhor.

- Seja bem vinda novamente, Carla.

- Faz-me rir! Sei muito bem que não sou bem vinda nem aqui nem em lugar nenhum.

A um comando, todos mandaram juntos uma luz rosa intensa para o seu chakra cardíaco, mostrando a pureza de intenção do grupo.

Carla não conseguiu disfarçar a emoção. Ela estava muito mais sensível do que na vez anterior.

- Como podem ver, vocês não conseguirão me deter. Basta notar o estado em que Felipe se encontra. Não é demonstração de poder suficiente para vocês?

- Seus técnicos são realmente eficientes. Mas você já notou a contrapartida energética que está recebendo?

- Isso não me incomoda em nada. Admita, você não tem pessoal especializado para resolver a questão.

- Já cuidaremos disso. Observe agora para onde você seria levada caso aceitasse ajuda. Observe como seria tratada.

- É, eu sei. Iria assistir a todas aquelas aulas chatas e enfadonhas sobre como ser boazinha.

- Na verdade, você seria transferida para um grupo de ex-praticantes de magia negra. Iria aprender a redirecionar todo o conhecimento que possui para o bem – dos outros e de você mesma.

- Para que?

- Observe vários ex-colegas que estão por lá. Inclusive magos hierarquicamente superiores a você, que já aceitaram colaborar com nossas equipes.

Essa parte abalou Carla. Estavam presentes ali magos com os quais ela lidara pessoalmente no decorrer dos séculos. Homens de altíssimo poder, que destruíram exércitos inteiros. Realmente, se aquele grupo estava ali, dona Eulália sabia o que estava fazendo.

Os cinquenta que acompanhavam Carla estavam mais abalados ainda. Sabiam que dificilmente teriam outra oportunidade ou oferta melhor. A realidade no submundo era cruel: sempre dominar ou ser dominado. Eles sequer sabiam que poderiam ser levados para um lugar tão bonito e agradável.

Dona Eulália percebeu a hesitação, e investiu nisso.

- Todos vocês são livres para seguir para lá. Precisam apenas desativar todas as magias, aparelhos e rituais que já fizeram.

O líder deles se adiantou:

- Esse é o problema. Demoraríamos muito tempo para resolver tudo. Trata-se do trabalho de séculos realizado para o mal.

- Podemos cuidar disso agora mesmo, a situação pode ser agilizada com técnicas adequadas. Vamos trazendo aqui um grupo de pretos velhos especializados para desmanchar e desmagnetizar integralmente tudo o que for colocado à disposição por vocês.

A equipe entrou em ação, enquanto os trabalhadores encarnados foram doando energia. Muito amor foi sendo emanado e sentido, pois naquele momento milhares de pessoas estavam sendo ajudadas.

O grupo inteiro podia sentir a energia de amor. Parecia que, finalmente, aquela longa disputa seria resolvida de forma favorável.

- O único problema é esse aparelho especial de Felipe. – salientou o líder. – Como é uma tecnologia nova, não sei desfazer. E funciona como uma bomba-relógio, porque está instalado diretamente no cérebro dele.

Dona Eulália hesitou, sem saber direito o que fazer. Mas a Espiritualidade reservara uma surpresa.

Capítulo 44

Ajuda de Pedro

Mariana se lembrou do seu atendimento, quando dona Eulália conseguiu impedir que um aparelho grave como aquele fosse implantado nela. Era a arma secreta de Athor, mas Pedro aceitou desarmar porque, com a ajuda da equipe, encontrou a sua amada.

Aquela sintonia mental fora suficiente. Pedro adentrou a sala, vestido de branco e sorrindo.

- Olá, Pedro!

- Boa noite, dona Eulália e a todos. Vim retribuir o carinho de vocês. Pode deixar que eu e minha equipe cuidaremos disso. Em alguns dias Felipe estará melhor.

- Muito obrigada!

Seguindo sua intuição, dona Eulália encaminhou Carla para continuar sendo tratada no astral, e encerrou o atendimento daquela noite.

- Precisaremos de uma terceira etapa até Carla desistir. É necessário que ela sinta na pele o fato de ter ficado sem alternativas. E Pedro precisa de algum tempo até concluir seu trabalho.

- Será que a memória de Felipe voltará ao normal? – perguntou Lúcia.

- Creio que sim, querida. Pedro pareceu ter certeza do que estava falando – consolou Mariana.

A vibração daquele atendimento ainda foi muito pesada, estavam todos desgastados. Dona Eulália deixou avisado para o grupo: assim que Felipe melhorasse fisicamente, seria feito um novo atendimento.

Lídia estava muito triste. Tinha dúvidas se aquele pesadelo realmente iria acabar. E se Felipe não voltasse, como ficaria a vida dela?

Mariana, percebendo sua aflição, veio conversar.

- Lídia, este é um momento de fé. Talvez a melhor pessoa para te falar sobre isso seja o Carlos, que passou tantos maus bocados comigo tempos atrás. Eu não sei o que seria de mim se ele não tivesse insistido e ido até o final.

- Acho que eu posso ter esperança, né? Tenho medo de me frustrar, de criar expectativas e ver depois que não adiantou nada.

- Certeza ninguém poderá te dar. Mas é importante que você mantenha sua vibração elevada, independente do desfecho. Nunca podemos deixar que a nossa vida afetiva dite as regras, pois essa é uma área que não depende só da gente.

- É...

- Veja o exemplo de Pedro. Hoje ele veio socorrer Felipe, mas até a gente atendê-lo ele só disseminava o mal, apenas porque sua amada morrera. Quando o amor não dá certo, ou quando quem a gente ama morre, não podemos parar nossa vida por causa disso, nem desandar nosso caminho evolutivo.

- Você tem toda razão. Eu estou fazendo a minha parte, mas se mesmo assim não der certo, nada poderei fazer. Apenas seguir a minha vida.

As amigas se abraçaram, com bastante esperança de ver tudo se resolver.

Pedro sorriu, ao ver o bom uso que Mariana fizera de sua história.

Depois que foi encaminhado por dona Eulália, Pedro passou por todo um processo de adaptação. Estava tão acostumado a seguir ordens maléficas de seus chefes, que primeiro precisou aprender a retomar a iniciativa e a criatividade para desenvolver projetos com bons objetivos.

Passou alguns meses se recuperando fisicamente. Quando estava melhor, foi levado para lembrar todo o seu passado voltado ao lado branco. Reencontrou pessoas que foram seus pacientes quando era médico, sempre com Vera a seu lado. O amor entre os dois era tão forte que só isso bastava para acender em seu peito o desejo de ser bom e útil.

Aos poucos foi se engajando no trabalho fraterno. Com o tempo, seu amplo conhecimento sobre aparelhos e implantes passou a ser utilizado. Quando ele estava totalmente recuperado, assumiu a chefia de uma equipe especializada em fazer o contrário do que ele fazia: desmanchar aparelhos complexos.

O grupo trabalhava em um ritmo bem acelerado, pois a tecnologia dos aparelhos estava sendo cada vez mais disseminada no submundo, e era pouco estudada pelos encarnados. E foi nesse cenário que ele recebeu a chamada para ajudar Felipe, e reencontrar seus amigos.

Ouvindo o comentário de Mariana, Pedro se lembrou de uma conversa que ele e Vera tiveram:

- Querida, que pena que fiquei tão longe de você. Se eu soubesse que era tão fácil te encontrar...

- Meu amor, você precisava aprender sozinho o caminho de Deus. Seu mergulho na raiva e nas emoções negativas foi tão profundo que só você mesmo poderia se trazer de volta. Eu fiquei ao seu lado o tempo todo, aguardando o seu momento. Você não podia nem me ver nem me ouvir, por causa da vibração em que estava.

- Quanto sofrimento à toa!

- Não foi à toa. Foi para seu aprendizado. Cada um de nós tem um ritmo de evolução. O importante é que você conseguiu, e que a sua história servirá de exemplo de desapego a muitos. O amor só é amor de verdade quando nos eleva. Se fazemos algo errado em nome disso, já não se trata de amor. Pode ser paixão, obsessão, qualquer coisa, mas não amor. O amor nos eleva, nos purifica, nos dá vontade de ser bons, de ajudar os outros. Nunca de destruir.

Pensando nisso, Pedro continuou fazendo o procedimento delicado para retirar o aparelho de Felipe.

Graças à ajuda de dona Eulália e das leis apométricas, Felipe foi desdobrado até o hospital astral e estava sendo submetido a uma cirurgia delicada para retirar de seu cérebro o que fora implantado. Por causa da longa experiência, Pedro e a equipe conseguiram resolver o problema em algumas horas.

Depois de tudo resolvido, Sérgio veio visitar dona Eulália. Já era o dia seguinte, e ela estava em casa cuidando de seu gato.

- Olá, querido amigo! Como andam as coisas?

- Muito bem, Eulália. Estamos muito felizes. O aparelho foi retirado integralmente e não deixará sequelas. Felipe deve recobrar a memória a qualquer momento.

- Isso é ótimo! E mostra o quanto temos a responsabilidade de estudar. Sempre penso em quantas pessoas que devem estar internadas à toa em hospitais psiquiátricos.

- Um dia cuidaremos disso. Por enquanto, o trabalho do centro está dentro do planejado, e correndo de forma altamente satisfatória.

- E quanto a Lídia, que orientação devo dar?

- Deixe que os dois resolvam isso. Eles devem se encontrar em breve, e tudo ficará resolvido.

- E Carla?

- Está isolada em tratamento, ainda não acordou. Estamos aproveitando a deixa para que ela fique o mais harmônica possível até o atendimento final. Por mais que ela resista, já tem consciência de que não poderá impedir a recuperação de Felipe.

- Que bom, mais uma vez ganhamos!

- Sempre que os encarnados se comprometem, nosso trabalho fica muito mais fácil. O problema é quando há o abandono do tratamento no meio, ou a recusa em aceitar e cumprir as lições dadas pela vida.

- Justamente por isso busco sempre fazer a minha parte! Vou aproveitar agora para meditar um pouco e mandar boas energias a Felipe.

- Ótimo, vou acompanhá-la.

Os dois uniram-se em pensamento, mentalizando uma grande flor de lótus envolvendo o corpo de Felipe, revitalizando seus chakras. Enquanto dona Eulália emanava essa luz violeta, todo seu corpo era refeito energeticamente.

Capítulo 45

Persevere

Lídia decidiu enfrentar a situação: foi até a clínica visitar Felipe.

Era muito difícil para ela o quanto estava sendo exigida na sua fé. Por mais que acreditasse no tratamento, era estranho pensar que naquele momento Felipe nem sabia quem era ela mas, depois do atendimento, seria possível tê-lo de volta.

De qualquer forma, tudo dera tão certo até ali que não havia por que duvidar da equipe espiritual e de dona Eulália ou Mariana. Ela resolveu usar o amor deles como arma contra a obsessão.

Ao chegar à clínica, não falou nada. Foi se aproximando dele e, com muito carinho, deu um beijo apaixonado em seus lábios.

Felipe não entendeu nada a princípio, mas se deixou levar. E, conforme Lídia o beijava, imagens foram brotando em sua mente: de sua infância, de seus pais, de quando conhecera Lídia, dos problemas com o álcool. Um filminho sobre sua vida foi passando em sua cabeça, em rápidos flashes.

Lídia terminou o beijo, e esperou. Como era difícil!

- Oi, Lili...

Assombrada, ela perguntou:

- Fê?

- Oi, minha princesa.

- Fê, você voltou!

Ela mal podia acreditar, mas era verdade. No mesmo instante ligou correndo para dona Eulália e Mariana, para contar a novidade.

Felipe não se lembrava de nada do que acontecera nos últimos dias, desde que o aparelho fora acionado. Conforme Lídia explicou tudo, ele ficou impressionado com a força do amor dos dois.

- Ainda bem que você não desistiu de mim, Lili. O que ia ser de mim? Ia virar um vegetal, ficar jogado por aí. Ninguém merece!

- Agora que está tudo bem, quero te mostrar um visitante, que já está conseguindo andar de cadeira de rodas.

- É o velho Ed! Meu amigo!

Felipe correu para abraçar Edgar. Sua recuperação ainda estava difícil, mas ele estava muito grato pela oportunidade recebida. Disposto a levar o tratamento até o fim, participava todos os dias das atividades da clínica, mesmo tendo tremores e ânsia.

- Meu querido amigo Felipe, que bom te ver assim!

- Pois é, velho Ed, quem diria que a gente ia se reencontrar desse jeito, os dois se cuidando, com tanta mordomia...

- Seus amigos estão sendo muito especiais. Assim que eu me recuperar quero retribuir tudo o que eles fizeram por mim.

- Aliás, quando você sair daqui, vai morar com a gente! Nada de voltar para a rua!

Uma lágrima grossa apareceu nos olhos de Edgar. Felipe era realmente um filho para ele.

Quando Mariana chegou, mal podia acreditar na cena de confraternização que encontrou. Que energia linda estava presente naquele quarto!

- Felipe, que maravilha!

- Nem diga, Mari. Estou sendo abençoado. Muito obrigado, minha amiga, por fazer tudo isso. Nem sei como agradecer.

- Agradeça a si mesmo por estar perseverando, por nunca desistir de você mesmo! Tenho certeza que muito em breve essa clínica será coisa do passado. E você está bem? Não sente nenhum efeito colateral?

- Não, para mim é como se eu tivesse dormido por vários dias. Sabe o que eu sinto mais vontade, Mari? De melhorar mesmo, sair daqui, estudar muito e ajudar as pessoas, assim como eu fui ajudado. Quem sabe até montar uma clínica ou uma instituição que auxilie os alcoólicos.

- Foi exatamente assim que eu me senti quando passei por tudo tempos atrás. Quando a gente é ajudado assim, sente no peito uma gratidão, uma conexão com a espiritualidade, que não consegue mais deixar os mentores de lado!

Dona Eulália chegou e logo se juntou ao clima de festa. Depois de algum tempo, chamou Mariana de lado:

- Não quero ser estraga prazeres, mas não podemos nos enganar. Ainda falta nossa conversa final com Carla.

- É verdade, eu estava pensando nisso. Será que ela ainda vai causar problemas?

- Creio que poucos, por causa da situação sem alternativas em que se encontra. Mas não podemos esquecer todo o conhecimento que ela tem, sempre pode surgir algum plano de última hora. De qualquer forma, toda essa vibração positiva é a melhor arma contra isso.

- Ele está tão feliz, é uma cena muito gostosa de ver!

- E vai ficar ainda melhor em breve. Você está disponível hoje à noite, posso acionar o grupo?

- Pode sim. Que Deus nos proteja.

Capítulo 46

Luta

Todos foram avisados e uniram-se para a conversa com Carla. Uma hora antes de chamá-la para incorporação, foi feito um círculo de orações e preces, com Mariana no centro. Todos trouxeram rosas, o ambiente estava agradável e perfumado.

- Boa noite, Carla.

- Acho que não temos mais nada a dizer. Não sou burra, sei que não tenho outra opção a não ser seguir para tratamento. Mande que eu vá logo e acabe com isso.

- Ainda tem alguém que quer te ver.

Kaysa, a mestra branca da Babilônia que iniciou Carla na magia branca, adentrou a sala.

- Sem dúvida você era a última pessoa que eu queria ver, Kaysa. Para que veio? Sua maldição já foi retirada, você não precisa mais de mim!

- Eu vim para mostrar o meu amor por você. O quanto esperei esse dia, o quanto queria que você voltasse. Eu vou ser a responsável direta pela sua harmonização. Abra mão do orgulho, Carla. Eu posso ler seus pensamentos. Sei que você está cansada dessa vida, e que está surpresa em ter encontrado acolhimento conosco.

Carla começou a chorar. Jamais esperava ouvir aquilo de sua antiga mestra. Esperava uma bronca, condenação, um “eu te disse”. Mas nunca carinho como ela estava sentindo no peito.

- Eu sou digna disso?

- Todos somos, Carla. Deus apenas espera que encontremos nosso caminho. Quando chega a hora, a Espiritualidade nos abraça e nos envolve.

A ajuda não deixou de vir antes porque a gente não merecia: apenas não veio mais cedo porque não deixamos, porque ainda precisávamos de lições mais duras para aprendermos, criadas por nós mesmos. Aqui, nos mundos superiores, ninguém espera que os encarnados sofram, ou acredita que eles não possuem merecimento para serem felizes. Todos merecem ser felizes. Mas nem todos se dedicam realmente a isso, efetuando as mudanças que precisam em suas vidas.

- O que acontecerá comigo?

- Você ficará sob minha orientação, e completará o treinamento que teria comigo lá no templo, milênios atrás. Entende? É isso que quero dizer: você fará o treinamento do mesmo jeito, a demora foi definida por você mesma.

- E Felipe?

- Encontrará a paz tão almejada pelo seu coração. Quando você estiver integralmente bem, e todo o trabalho coletivo de socorro às suas vítimas for concluído, você será reintegrada a ele.

- Então é isso? Acabou?

- Sim. Na verdade, começou. Agora começa a sua vida de verdade. Dê a sua mão.

As duas deram as mãos e seguiram por uma luz branca, clarinha, que envolveu a todos em paz. Dona Eulália apenas assistiu àquela intervenção belíssima, da qual ficou tão feliz por fazer parte. Kaysa aproveitou a mediunidade de Ricardo para falar, e o diálogo foi entre ele e Mariana incorporados.

Todos terminaram o trabalho em silêncio, felizes. E naquele momento, para surpresa geral, quem entrou na sala foi Felipe, acompanhado do dono da clínica.

- Acabou tudo, não é? Eu posso sentir!

- Acabou sim, Felipe. Bem vindo de volta à sua vida. Agora a felicidade não vai mais te dar trégua!

Foi feita uma festa de comemoração para Felipe, fechando com chave de ouro aquele momento abençoado e esperado. Uma festa sem álcool, claro!

- Não sei como será minha volta à sociedade, dona Eulália. Tenho um pouco de receio. Nenhuma festa será como aqui, serei exposto à tentação.

- Você terá que desenvolver muito a sua força de vontade e jogo de cintura. Muitas pessoas desavisadas vão te oferecer bebida, na maior inocência. Você que terá o papel de ser consciencioso e ter sempre em mente sua condição de doente em recuperação permanente.

- Já vi qual é o AA mais próximo da minha casa, vou frequentar as reuniões. Lídia irá no Al-Anon.

- Fantástico. Fique tranquilo, vai dar tudo certo.

- Mal posso acreditar que vou dormir em uma casa normal hoje, depois de tanto tempo!

- Aproveite a felicidade e cultive todas as bênçãos que a vida te deu.

Lídia chegou, radiante.

- E Edgar, vamos visitá-lo amanhã?

- Não, eu e ele combinamos que não irei visitá-lo até o fim do tratamento. Ele quer ter esse momento para ele, e deseja que eu me afaste desse ambiente de clínica por enquanto, até eu estar bem recuperado.

- Esse realmente é seu amigo!

Mariana não conseguia parar de sorrir.

- Felipe, como sonhei com esse momento! Que alegria!

- Pois você trate de curtir muito sua viagem para Cancun semana que vem, e esqueça da minha existência!

Rindo muito, os amigos se abraçaram.

Felipe pediu para fazer um discurso de agradecimento. Todos se sentaram para ouvir.

- Amigos, mal tenho palavras para expressar tudo que sinto. Agradeço cada minuto que vocês dedicaram à minha recuperação. Todo o carinho que dedicaram ao meu caso, todas as noites que deixaram de ficar com suas famílias. Todas as vezes que me receberam bêbado aqui, e nunca me julgaram por isso.

Graças a vocês, a dona Eulália e Mariana, hoje irei para casa com minha futura esposa preparado para enfrentar uma vida de sobriedade, sem nunca mais dar o primeiro gole. Futuramente, assim como fui ajudado, quero ajudar.

Agradeço ao meu querido mentor e a toda a equipe espiritual que me ajudou. Que Jesus e todos os Mestres envolvam a todos na mais plena felicidade!

Com uma chuva de aplausos, Felipe beijou Lúcia, e ficou selado o final feliz daquele atendimento.

Capítulo 47

Segunda vez

Felipe manteve-se afastado da clínica, como prometeu. Mas Lídia não pôde resistir a visitar Edgar. O velho Ed tornou-se um grande amigo para ela também, acabou virando rotina o papo agradável com o doce senhor.

- Ed, quais são seus planos saindo daqui?

- Posso te contar um segredo?

- Pode, claro!

- Eu tenho um parente vivo, que mora em outro país. Um tio muito querido. Quando comecei a piorar, peguei boa parte das minhas economias e abri uma conta lá no país dele, a Suíça. Fiz meu tio jurar que nunca me daria a senha da conta, a não ser que eu o procurasse sóbrio, e que ele pudesse comprovar que eu realmente havia parado de beber. Ele sabe tudo que passei, e como é realmente meu amigo, nunca me deu um tostão – esperou que eu me recuperasse, como eu mesmo pedi. Mas liguei para ele, que ontem veio aqui me ver.

- Jura, Ed?

- Juro. Quando ele conversou com toda a equipe, comprovou que eu tinha finalmente conseguido. E me deu a senha.

- Meu Deus! E o que você vai fazer? Quanto tem na conta?

- O bastante para eu nunca mais precisar me preocupar com dinheiro na vida: cinco milhões de dólares.

- Uau!

- A primeira coisa que farei é devolver tudo que Carlos gastou comigo e com Felipe. Depois, pretendo comprar uma casa simples e um

carro, e usar todo o resto para a caridade. Felipe ainda quer fazer um instituição para os alcoólicos?

- É o sonho dele, ele só não sabia como conseguir verba!

- Então acaba de conseguir. Não vou mais desperdiçar nenhuma chance que a vida me trazer. Essa é uma segunda vida, na qual pretendo ser outro homem e fazer muita gente feliz junto comigo.

Na porta do quarto, Sérgio amparava uma senhora, que não conseguia conter as lágrimas.

- Sérgio, rezei tanto para meu marido conseguir fazer isso... Graças a Deus ele está se permitindo deixar a tragédia ir embora, e honrando o amor que tivemos em vida!

- É muito bonito, Celeste, ver que ele reagiu. Agora ele e Felipe conseguirão cumprir o que estava planejado. Muitas pessoas serão beneficiadas.

- Graças a Deus!

Edgar podia sentir a presença de Celeste no ar, quase podia tocar seus cabelos. E, agora sim, sabia que estava pegando o rumo certo na vida.

Um ano depois, Felipe estava entrando no Instituto Amanhecer. Os primeiros cinquenta leitos já estavam disponíveis, toda a reforma estava concluída.

- Ed, quando vai ser a festa?

- Daqui a duas semanas. Nossa assessoria está convocando a imprensa. Conseguiremos a atenção de muitos investidores para que possamos ampliar nossa capacidade.

- O palestrante está confirmado?

- Sim, ele confirmou hoje. E a equipe médica, aquela enfermeira que faltava fechou?

- Fechou sim. Está tudo praticamente pronto.

Edgar sorriu. Felipe se empenhara como nunca na preparação do Instituto, que abriria suas portas em grande estilo. A internação e todo o tratamento seriam gratuitos, para a população carente. Dez das primeiras vagas seriam dadas para ex-colegas dos dois no tempo das ruas.

- E Lídia, cadê?

- Foi terminar a arte final das fotos daquele evento da semana passada. A produtora está com tanto trabalho que ontem contratamos mais cinco funcionários.

- Que ótimo. E esse casório, sai quando? Não me conformo que vocês ainda não moram juntos!

- A gente achou melhor assim. Eu precisava me reabilitar com várias coisas, ela precisava desenvolver os projetos dela e parar de se preocupar comigo o tempo todo. Agora sinto que a gente está pronto para ficar junto de vez. Vou pedir a mão dela no dia da inauguração, já preparei tudo.

- Até parece que ainda precisa pedir a mão dela em casamento! Ainda tem alguma dúvida?

- Não. Mas Lídia é minha princesa, e merece ter todos os sonhos dela realizados. Na verdade, se ela topa, casamos em três meses. Como eu já sei qual vai ser a resposta, te pergunto: aceita ser meu padrinho de casamento, junto com dona Eulália?

Edgar não conseguiu conter as lágrimas de emoção. Deu um grande abraço em seu “filho”, o melhor filho que poderia ter.

- Claro que aceito! A lua-de-mel é por minha conta!

Capítulo 48

Lídia se reanima

Lídia havia passado o último ano mergulhada em seu trabalho. Foi decidido em comum acordo com Felipe que seria melhor, inicialmente, eles morarem separados e firmarem suas vidas, antes de qualquer compromisso.

Seguindo fielmente as orientações de seu terapeuta e do grupo de apoio, Lídia buscou dar bastante espaço para Felipe naquela readaptação. Tudo que ela não podia fazer naquele momento era tomar as rédeas da vida dele e não deixar que ele resolvesse suas coisas sozinho.

O primeiro assunto que ela buscou resolver foi Eduardo. Um mês depois que Felipe saiu da clínica, ela o procurou para conversarem.

- Lídia, você está linda!

- Obrigada, querido.

Ela olhou séria nos olhos dele, com carinho.

- Não precisa dizer nada, Lídia. Desde seu telefonema eu já sabia qual seria o fim dessa história. Para facilitar as coisas: já estou saindo com uma moça muito agradável, e devo pedi-la em namoro esta semana. Está tudo bem, não se preocupe.

- Quero que saiba que eu realmente levei o seu pedido em conta e que provavelmente, se Felipe não voltasse, eu aceitaria.

Eduardo sorriu.

- Saber disso dá um significado especial para o último ano da minha vida. E pode sempre contar com a minha amizade.

Os dois se abraçaram, felizes por tudo se resolver em paz.

Depois disso, nem foi difícil deixar Felipe com espaço. Era tanto trabalho para resolver na produtora que ela ficou consumida. Felizmente o trabalho da assessoria de imprensa que ela tinha contratado enquanto Felipe estava na clínica rendeu muitos frutos.

Felipe foi se ambientando aos poucos. Aceitou um empréstimo de Carlos e começou a trabalhar na firma, em um cargo temporário, até tudo se estabilizar.

Embora amasse fotografia, ele sentia que aquele não era mais o seu caminho profissional. Depois de tudo que vivenciou, queria se dedicar ao Terceiro setor e abrir uma ONG. Mas, antes, precisava estudar e conhecer melhor a área.

Simultaneamente veio a proposta de Edgar, calhando com tudo que Felipe sonhava. Ele terminou os afazeres do trabalho temporário e dedicou-se integralmente ao projeto.

Edgar revelou a Felipe sobre o dinheiro que tinha guardado, e fez questão de devolver a Carlos todos os gastos com as duas internações. Mas a postura de Felipe realmente mudara: mesmo tendo dinheiro garantido, ele se empenhou tanto no trabalho do Instituto que estava irreconhecível.

Aquilo tudo provava a Lídia que ele mudara. Ela se sentia segura em assumir um compromisso com ele agora.

Lídia iniciou seus estudos no centro de dona Eulália. Ela e Mariana ficaram muito amigas – agora a dupla Ciça e Mariana virara um trio. As três eram inseparáveis.

O ano passou tão rápido que já estava chegando a data da inauguração do Instituto Amanhecer.

- Mari, quando vai estreiar aquele filme legal?

- Semana que vem, Lili. Vamos ver?

- A Ciça vai estar livre?

- Vai, mas só depois da inauguração do Instituto. Ela tá organizando toda a festa, a recepção, o contato com a imprensa. Está atarefadíssima!

- Nem diga, Felipe também está 100% dedicado. Fico tão feliz!

- E vocês dois, como estão?

- Não posso negar, a princípio foi difícil para mim. Fiquei tão acostumada a cuidar dele, a ele precisar de mim para tudo, que me senti meio isolada, jogada de canto. Mas, com a ajuda da terapia, percebi que é exatamente esse padrão que eu tinha de quebrar: o de cuidadora. Ele é plenamente capaz de tocar a própria vida sem a minha supervisão. E assim, aos poucos, ele vai voltar a ser o Felipe por quem me apaixonei.

- Pelo visto, uma versão adulta e melhorada!

- É verdade. Sabe, com o tempo, eu mesma passei a duvidar da capacidade dele de fazer as coisas, mesmo que inconscientemente. Estou boquiaberta vendo todo o trabalho que ele está desenvolvendo, meio que renascido das cinzas. Superou todas as expectativas!

- Sabia que muitos cônjuges co-dependentes terminam o casamento justamente quando o alcoólico melhora? É como se a relação perdesse o sentido. E tem muita gente que não aguenta ver o ex-dependente brilhar, fazer sucesso, se achar na vida.

- Graças a Deus, não foi o meu caso. Estou tão orgulhosa dele!

- É pra ficar mesmo!

- Você vai à recepção amanhã?

- Claro, você acha que vou perder?

- Então te vejo lá!

Lídia foi para casa, marcar cabeleireiro e arrumar seu vestido.

Mariana, que já sabia da surpresa que Felipe faria, sorriu.

- Ela vai cair pra trás quando ver o anel de noivado!

Capítulo 49

Colo de pai

Felipe foi bem cuidadoso na sua reaproximação com os pais. A única coisa que fez questão de imediato foi levar Philip, seu cachorro labrador, para morar com ele na pequena casa que alugou.

Quando ele saiu da clínica, dona Julieta percebeu o quanto tinha arraigado em si o comportamento de superproteção. Por ela, já teria comprado uma casa para o filho, mobiliado, decorado e contratado uma empregada.

- Julieta, você sabe que não podemos fazer isso. Temos dinheiro, seria bem fácil para nós – mas Felipe precisa ter esse tempo de teste, para buscar as coisas pelo seu próprio trabalho.

- Ai, Dimas, eu sei, mas é horrível ver meu filho morando naquele bairro, privado do conforto que a gente pode dar para ele.

- Julieta, por tudo que aconteceu, tenho certeza que, muito em breve, Felipe estará em outra situação. No momento, a gente tem de se preocupar em estar por perto e dar carinho para ele, até que todos os traumas passem.

- Nossa, marido, quem te viu, quem te vê. Nunca pensei que ouviria você falando assim!

- Cansei de ser o durão que briga com todo mundo, sabe? Quero paz. Quero resgatar a relação com meu filho. Ele é muito importante para mim. Assim como você, querida. Vamos fazer uma viagem?

- Jura? Nossa, você nunca quis me dar esses mimos!

- Pois está na hora de deixar esse Dimas bobão para trás. O que adianta ter dinheiro se não aproveitamos e não cultivamos nossa felicidade?

Aliás, na volta da viagem, você poderia ver alguma instituição para doarmos dinheiro, alguma que faça um bom trabalho.

- Nem acredito! Vamos para Paris?

- Hum, é uma cidade linda! Vamos sim, providenciarei tudo.

Os dois viajaram, e tiveram momentos de intimidade não vistos havia muito tempo. Felipe viu as fotos depois, e mal pôde acreditar.

- É, Lídia, o velho Dimas mudou mesmo!

- Ai, Fê, fico tão feliz! Sempre torci para isso acontecer!

Conforme o ano passou e Felipe se dedicou ao Instituto, o pai mal cabia em si de orgulho do filho.

Um dia, às vésperas da inauguração, chamou Felipe para jantar.

- Meu filho, queria te falar algumas coisas.

- O que foi, pai?

- Eu quero te pedir perdão por tudo que te fiz. Pela falta de apoio, por você não ter podido contar comigo. Por eu ter sido sempre tão materialista, e ter sido incapaz de ver que meu filho estava doente e precisando de ajuda.

Nesse momento o garçom chegou, oferecendo a carta de vinhos. Dimas recusou:

- Traga um bom suco para mim e meu filho. Nada de bebida alcoólica.

Felipe sorriu. Realmente, o pai tinha entendido de uma vez por todas a sua condição.

- Pai, fico super feliz de você me procurar assim. Claro que eu te perdô! Senti muito sua falta esse tempo todo.

Dimas não conseguiu conter as lágrimas. Deixou a comida de lado, e foi dar um grande abraço em seu filho amado. Os dois foram embora do

restaurante direto para casa, deixar dona Julieta participar daquele momento tão esperado.

- Ah, meu filho, que bênção! E Lídia, como está?

- Está ótima, mamãe. Eu vou pedi-la em casamento no dia da inauguração do Instituto, e quero vocês lá.

- Ah, que romântico! Eu posso ajudar a montar a casa de vocês?

- Nossa, mamãe, a terapia fez efeito mesmo! A senhora está me pedindo antes?

Todos riram, felizes.

Aquela inauguração prometia ser uma grande festa!

Capítulo 50

Vitória

Ciça não poderia ter feito um trabalho melhor: a inauguração foi montada como uma grande festa de gala. Felipe parecia um príncipe com seu smoking ao receber Lídia, que chegava em um vestido longo prateado.

- Fê, você está um gato!

- E você uma princesa, como sempre...

Os dois se beijaram felizes. A festa corria solta, com mais de quinhentas pessoas.

Edgar também estava felicíssimo. Vários investidores estavam agendando reuniões de negócios, outros faziam cheques de doação ali mesmo.

Mariana e Carlos chegaram, e Mari veio correndo abraçar Lídia.

- Menina, que luxo! Você está linda!

- E você, Mari do céu! Como vermelho te cai bem!

- E a Ciça?

- Da última vez que a vi, estava gritando ordens na cozinha. Ela é ótima!

- Ah, essa é a especialidade da minha garota!

Começou o jantar, com pratos requintados e saborosíssimos. Naquele momento, Edgar surpreendeu a todos: entrou no salão um grupo de trinta moradores de rua, maltrapilhos.

Ao notar os olhares espantados, Edgar pegou o microfone:

- É para eles e por eles que estamos aqui. Essa casa será o abrigo dos mais pobres, de quem realmente precisa. Sejam todos bem vindos, e aproveitem a festa!

Felipe sorriu.

- Esse é o velho Ed!

Dona Eulália também estava linda em um vestido de seda rosa. Estava quieta, observando a movimentação dos mentores. Discretamente, Sérgio veio conversar com ela:

- Ali, naquela parte, está sendo montado o centro de encaminhamento direto para a colônia. Naquele outro lado, é a enfermaria. E este é Alcides, o mentor encarregado do Instituto Amanhecer no astral.

- Prazer, Alcides!

- Boa noite, dona Eulália! Já sabe, sempre que receber um alcoólico, pode mandar para a gente!

- Ah, não faltará trabalho!

Sorrindo, ela se afastou, antes que alguém a visse falando “sozinha”.

E, nesse momento, Felipe pegou o microfone.

- Quero pedir um momento da atenção de todos para agradecer. Agradeço a oportunidade que tive ao administrar este Instituto ao lado do meu grande amigo Edgar. Agradeço por todos estarem aqui e comprarem essa causa junto conosco. E, neste momento, quero que todos façam parte de um momento inesquecível na minha vida. Lídia é minha namorada desde adolescente, acompanhou toda a minha trajetória e a minha recuperação. Hoje sou um alcoólico recuperado há trezentos e setenta dias, e por mais um dia não tomarei o primeiro gole.

Mariana, dona Eulália e Ciça choravam abraçadas, sabendo o que viria em seguida.

- Lídia, meu amor, minha princesa: quer casar comigo?

Sob uma chuva de aplausos, Lídia subiu ao palco e recebeu sua aliança no dedo, chorando como nunca. Por essa surpresa ela não esperava!

- Ciça, o véu está reto atrás?

- Lídia querida, você é uma das noivas mais radiantes que já vi. E isso, vindo de mim, é um grande elogio!

- Está na hora?

- Sim, querida. Parabéns e seja sempre muito feliz!

As amigas se abraçaram, e o pai de Lídia veio apanhá-la. Todos esperavam ansiosos.

Lídia e Felipe escolheram fazer um casamento espírita. O Centro Apométrico Luz do Senhor estava todo colorido e perfumado, e o juiz de paz aguardava os dois. Como a festa fora organizada pela empresa de Ciça, estava tudo perfeito e os violinos a postos.

Lídia entrou no salão, enquanto Fabrício e Murilo iam jogando pétalas de rosas pelo caminho.

No palco, esperavam dona Eulália, Edgar, Carlos e Mariana – os padrinhos. Felipe estava completamente fascinado pela imagem de Lídia noiva. Ela estava maravilhosa!

- Fê, eu te amo!

- Eu também, minha princesa.

Sérgio e Sofia deram as mãos, projetando uma luz rosa para todos os presentes. Era uma linda noite.

Nota da médium

A pedido de nossos queridos amigos espirituais, vim contar a vocês que o Instituto Amanhecer é uma colônia espiritual de verdade, destinada ao tratamento de alcoólicos. Edgar, Felipe e Alcides coordenam o trabalho.

Todos que lerem *Desculpas não bastam* terão a equipe da colônia a seu dispor – para isso ele foi psicografado. Se você é alcoólico, ou tem algum parente nessa condição, peça a ajuda de nossos amigos e eles irão trabalhar a favor dessa pessoa.

Fiquei sabendo, ao terminar a psicografia, que uma pessoa muito querida para mim está começando a trabalhar no Instituto Amanhecer por estes dias. Grilo, para quem este livro foi dedicado, foi meu tio nesta encarnação. Foi alcoólico, e morreu devido a complicações pelo longo uso do álcool. Grilo era uma pessoa muito querida, fez minha tia e madrinha muito feliz, e é com imensa alegria que acompanhamos o seu caminho na Espiritualidade.

Fui alvo de muita obsessão ao receber este livro, especialmente por causa do grupo de quatorze magos que foi aqui descrito. Esses magos têm uma atuação muito ampla, dado que o índice de Alcoolismo em nossa sociedade é altíssimo.

Espero que este livro colabore para buscarmos conscientização, estudo e reformulação das nossas atitudes em relação ao Álcool. Ronaldo pediu que eu não bebesse durante a psicografia do livro – eu já não sou muito dada a beber, faço isso raramente. Mas, quando o livro terminou e eu poderia comemorar, não senti vontade de beber. Senti vontade de amar, de ser feliz, de espalhar felicidade, de mostrar ao mundo que não precisamos de álcool – e que precisamos ajudar quem é doente por causa dele.

Muita luz a todos! Nos vemos no terceiro volume!

Contato com a autora

Site: www.terapiadevidaspassadas.net

Blog do Grupo: www.apometriadistancia.blogspot.com

E-mail: camilaregressao@gmail.com